

# HISTÓRIAS CURTAS

Julia de Asensi

A stylized, monochromatic green illustration of a plant with long, flowing leaves and a cluster of buds or small flowers at the top left. The illustration is positioned in the lower-left quadrant of the cover.

**Organização**  
Andréa Cesco



# HISTÓRIAS CURTAS

Julia de Asensi



## ORGANIZAÇÃO

Andréa Cesco

## APOIO

CAPES | CNPq | DLLE | PGET

## ORGANIZAÇÃO

Andréa Cesco

## APOIO

CAPES|CNPq|DLLE|PGET

## PREFÁCIO

Dirce Waltrick do Amarante

## JULIA DE ASENSI: VIDA E OBRA

Isabel Parreño Pena

## APRESENTAÇÃO

Andréa Cesco

## TRADUÇÃO

André Luiz Cohn da Silveira

Andréa Cesco

Jacqueline Augusta Leite de Lima

Mariana Martínez Stasi

Marlova Aseff

Martina M. Kostolowicz

Murilo Lima Munhoz

Virginia Castro Boggio

## ILUSTRAÇÃO

Elys Regina Zils

## REVISÃO DE TRADUÇÃO

Marlova Aseff

## REVISÃO

Vássia Silveira

## PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Ane Girondi

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária  
da Universidade Federal de Santa Catarina

A816h Asensi, Julia de, 1859-1921  
Histórias curtas [recurso eletrônico] / Julia de Asensi ; Andréa Cesco (org.).  
– Florianópolis : UFSC, 2020.  
174 p. : il.

Tradução de: Novelas curtas  
E-book (PDF)

ISBN 978-65-87206-32-5

1. Literatura espanhola – Séc. XIX. 2. Contos. I. Cesco, Andréa. II. Título.

CDU: 860"18"-34

# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b> .....	<b>5</b>
Dirce Waltrick do Amarante	
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>9</b>
Andréa Cesco	
<b>JULIA DE ASENSI – VIDA E OBRA</b> .....	<b>13</b>
Isabel Parreño Pena	

## HISTÓRIAS CURTAS - JULIA DE ASENSI

<b>A CASA ONDE MORREU</b> .....	<b>19</b>
Tradução de Mariana Martinez Stasi	
<b>A VÉSPERA DE NATAL</b> .....	<b>33</b>
Tradução de Mariana Martinez Stasi	
<b>DOIS VIZINHOS</b> .....	<b>43</b>
Tradução de Jacqueline Augusta Leite de Lima	
<b>A VOCAÇÃO</b> .....	<b>57</b>
Tradução de Virginia Castro Boggio	

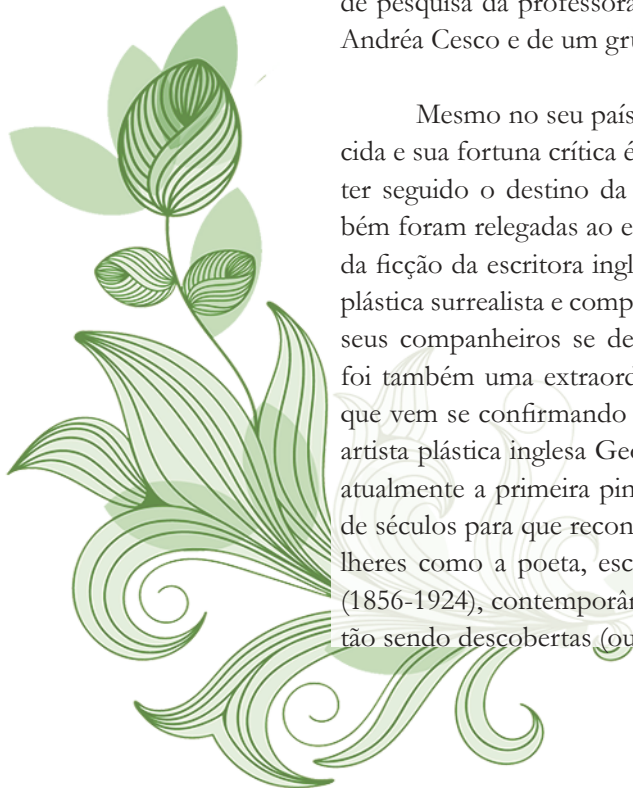
<b>A VALSA DE FAUSTO .....</b>	<b>69</b>
Tradução de Murilo Lima Munhoz	
<b>DRAMA NO VILAREJO .....</b>	<b>77</b>
Tradução de Murilo Lima Munhoz	
<b>A BORBOLETA.....</b>	<b>99</b>
Tradução de Jacqueline Augusta Leite de Lima	
<b>IRMÃ MARIA.....</b>	<b>107</b>
Tradução de Martina M. Kostolowicz	
<b>VITÓRIA .....</b>	<b>111</b>
Tradução de André Luiz Cohn da Silveira	
<b>COSME E DAMIÃO .....</b>	<b>125</b>
Tradução de Jacqueline Augusta Leite de Lima	
<b>A GOTA D'ÁGUA .....</b>	<b>131</b>
Tradução de Virginia Castro Boggio	
<b>O AERONAUTA.....</b>	<b>143</b>
Tradução de Martina M. Kostolowicz	
<b>A FUGA.....</b>	<b>161</b>
Tradução de André Luiz Cohn da Silveira	
<b>TRADUTORAS, TRADUTORES E ARTISTA VISUAL .....</b>	<b>171</b>

## PREFÁCIO

DIRCE WALTRICK DO AMARANTE

Um século depois de sua morte, em 1921, a escritora e jornalista espanhola Julia de Asensi, nascida Julia de Asensi y Laiglesia em Madrid no ano de 1859, chega finalmente ao Brasil, graças ao trabalho de pesquisa da professora da Universidade Federal de Santa Catarina Andréa Cesco e de um grupo de tradutores coordenado por ela.

Mesmo no seu país de origem, de Asensi ainda é pouco conhecida e sua fortuna crítica é bastante escassa. A obra da escritora parece ter seguido o destino da obra de outras artistas mulheres, que também foram relegadas ao esquecimento por longos anos. Esse é o caso da ficção da escritora inglesa Leonora Carrington (1917-2011), artista plástica surrealista e companheira de Max Ernst (no caso das mulheres, seus companheiros se destacam como parte de sua identidade) que foi também uma extraordinária contista, romancista e dramaturga, o que vem se confirmando somente agora. O mesmo aconteceu com a artista plástica inglesa Georgiana Houghton (1814-1884), considerada atualmente a primeira pintora abstrata. Houghton precisou, contudo, de séculos para que reconhecessem o seu pioneirismo. No Brasil, mulheres como a poeta, escritora e jornalista brasileira Narcisa Amália (1856-1924), contemporânea, aliás, da contista espanhola, também estão sendo descobertas (ou redescobertas) apenas neste século.



O fato é que essas e outras mulheres vêm surpreendendo os leitores com obras ousadas, como, por exemplo, os contos de Julia de Asensi que compõem esta antologia.

É interessante perceber que, no tocante a de Asensi, nas poucas publicações sobre a sua obra destaca-se sempre a sua dedicação à literatura infantil, graças à qual teria ganhado renome. Segundo a crítica, de Asensi teria escrito contos “moralizantes”, que foram publicados na coleção Biblioteca Rosa, composta por “doços títulos”. Uma abordagem como essa parece reduzir a sua escrita a algo meramente didático e emotivo, com tons maternos ou professorais.

Em 1917, Virginia Woolf escreveu uma resenha intitulada “Mulheres romancistas” para o *The Times Literary Supplement*. Nela, a escritora inglesa comenta que críticas de textos de mulheres, feitas por homens, sempre tentam reduzi-los a algo frívolo. Um crítico teria dito à época que “as mulheres são pregadoras inatas e sempre trabalham por um ideal” e que o realismo delas “não se inspira em nenhum ideal de arte, e sim de afinidade com a vida”.

O texto de Woolf foi escrito quatro anos antes da morte de Julia de Asensi, o que pode lançar luz sobre a dificuldade da escritora em se impor como ficcionista durante a vida.

Seus contos, que ora os leitores terão a oportunidade de conhecer, revelam uma autora afiada que parecia dominar a forma clássica do conto, tal como resumida pelo escritor argentino Ricardo Piglia: “Num de seus cadernos de notas, Tchekhov registra esta anedota: ‘Um homem em Montecarlo vai ao cassino, ganha um milhão, volta para casa, suicida-se’. A forma clássica do conto está condensada no núcleo desse relato futuro e não escrito. Contra o previsível e o convencional (jogar-perder-suicidar-se), a intriga se oferece como um paradoxo”.



Os contos de Julia de Asensi se valem do paradoxo da intriga, como, por exemplo, “Os dois vizinhos”, que traz à tona uma história oposta a tudo que se vinha relatando. O leitor é tomado pela surpresa.

Segundo Piglia, “um conto sempre conta duas histórias”, ou seja, “narra em primeiro plano a história 1 [...] e constrói em segredo a história 2 [...]. A arte do contista consiste em saber cifrar a história 2 nos interstícios da história 1. Um relato visível esconde um relato secreto, narrado de um modo elíptico e fragmentário. O efeito de surpresa se produz quando o final da história secreta aparece na superfície”. Os contos da escritora madrilenha parecem seguir essa estrutura descrita pelo escritor argentino.

Considerada uma romântica, ou romântica tardia, Julia de Asensi também se dedicou a recontar o folclore de seu país, como tantos autores dessa escola. Mas sua obra não cabe em classificações óbvias. Certos contos parecem ter, de fato, algo em comum com *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774), de Johann Wolfgang von Goethe (1749 – 1832), com sua idealização da mulher, que passa a ganhar “valor” e ser a causa de alegrias e agruras. Ocorre, no entanto, que, na escritora espanhola, os dramas amorosos carregam uma atmosfera gótica, unindo amor a temas como mortes inexplicáveis, doenças e religião. Lê-se no conto “A valsa de Fausto” que o protagonista, depois de um delírio amoroso, é encontrado moribundo: “Ao expirar o jovem, o piano tocava as últimas notas da valsa de Fausto”.

Desse modo, poder-se-ia dizer que Julia de Asensi figuraria à vontade ao lado de outro romântico, E.T.A. Hoffmann (1776-1822), mais ligado à literatura fantástica. Além disso, seus contos parecem ter também certa afinidade com outros de grandes contistas da literatura gótica, tais como Edgar Allan Poe (1809-1849), Guy de Maupassant (1850-1893), Horacio Quiroga (1878-1937) e, contemporaneamente, poder-se-ia relacioná-la à obra de Shirley Jackson (1916-1965).

A escritora espanhola escreveu, além de contos para crianças e adultos, romances e novelas. Foi também autora de uma peça teatral em versos sobre os conflitos entre o amor religioso e o humano, recheada de humor. Intitulada “*El amor y la sotana*” (O amor e a batina). A peça estreou em Madri em março de 1878.

Julia de Asensi destacou-se ainda como jornalista, escrevendo em várias publicações dedicadas ao público feminino, algumas das quais trazem os únicos versos que teria escrito.

*Histórias curtas* vem revelar umas das grandes escritoras da literatura mundial.

## APRESENTAÇÃO

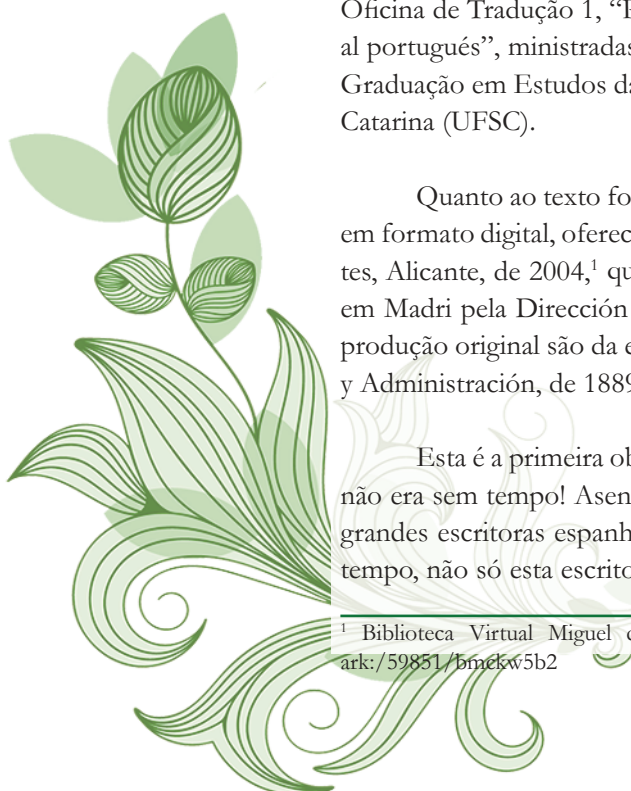
ANDRÉA CESCO

A tradução para o português do livro *Novelas Cortas/Histórias Curtas* – publicado em 1889, pela escritora espanhola Julia de Asensi (1859-1921) –, foi realizada no segundo semestre de 2019, nas aulas de Oficina de Tradução 1, “Práctica de la traducción literaria: del español al portugués”, ministradas e mediadas por mim, no programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Quanto ao texto fonte (no original), baseamo-nos na publicação em formato digital, oferecida pela Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, Alicante, de 2004,<sup>1</sup> que usou como publicação original a realizada em Madri pela Dirección y Administración, em 1889 (as notas de reprodução original são da edição digital baseada na de Madri, Dirección y Administración, de 1889).

Esta é a primeira obra da autora a pisar em terras brasileiras. E já não era sem tempo! Asensi é reconhecida, atualmente, como uma das grandes escritoras espanholas do século XIX. No entanto, por muito tempo, não só esta escritora como tantas outras que escreveram nesse

<sup>1</sup> Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bm6k65b2>



período, ou mesmo posteriormente – como Maruja Mallo (1902-1995), Rosa Chacel (1898-1994), Concha Méndez (1898-1986) –, não obtiveram o devido reconhecimento da crítica. E esse apagamento de mulheres escritoras na história literária – e que precisam ser resgatadas – foi motivado fortemente por questões de gênero.

Os treze contos que compõem o livro foram divididos entre os seis pós-graduandos da disciplina de Oficina de Tradução. A partir daí, com cada discente trabalhando na tradução de seus textos, foram surgindo os problemas e as dúvidas que geraram debates, discussões e, principalmente, reflexões bastante profícuas sobre as escolhas, pautadas sempre em pesquisas realizadas nos dicionários especializados, artigos sobre os temas, imagens e uma série de outras fontes.

Além do aspecto prático, o trabalho do grupo foi guiado também pela teoria – por meio de artigos, capítulos de livro, entrevistas, palestras *online*, vídeos –, sempre em função das necessidades que surgiam durante o processo e conforme a natureza dos problemas. A experiência de tradutores renomados, falando a respeito do ato tradutório e comentando as dificuldades pelas quais todos os tradutores passam em algum momento, foi de suma importância para pautar as escolhas. Esta referência serviu para elucidar dúvidas quanto a problemas pontuais e para discutir possibilidades de tradução, permitindo ao grupo avaliar, conjuntamente, perdas e ganhos (ECO, 2007). Frequentemente, as dúvidas se mostravam comuns a todos.

Dúvidas quanto à tradução de onomásticos, de pronomes pessoais e de tratamento, de expressões idiomáticas, de léxico próprio ao contexto espanhol do século XIX foram discutidas a todo momento, pois mostrou-se um ponto importante para o grupo perceber até que ponto as marcas culturais e contextuais precisavam de fato serem mantidas, compreendidas pelo leitor e não simplesmente apagadas. Para as tradutoras e tradutores deste livro, chamou atenção o contraste entre elementos culturais, morais e religiosos do século XIX e os dias atuais. Em especial, a submissão

imposta a mulheres e jovens em uma sociedade que legitimava a autoridade masculina de tal maneira que cabia aos pais, chefes de família, decidir a carreira, o casamento e o destino de filhas e filhos. A tentativa de fuga dessas amarras, o que pode sugerir uma crítica da autora às regras de sua época, transparece nos enredos dos contos por meio de aventuras, amores e mistérios.

Até alcançar a forma apresentada nesta edição, a tradução dos textos passou por diversas discussões e também pela apreciação da professora e dos colegas, o que foi bastante produtivo e útil a todos. Antes de entregar as traduções definitivas, o grupo também experimentou outro momento de trabalho colaborativo: para “aparar as arestas”, tradutoras e tradutores, agora em duplas, trocaram suas traduções e, olhando crítica e respeitosamente para o texto alheio, estabeleceram novamente uma parceria.

E o resultado de todo esse trabalho desenvolvido pelo grupo – a tradução do livro –, acabou ganhando ao final belíssimas ilustrações da artista visual Elys Regina Zils, que também é tradutora e professora.



# JULIA DE ASENSI – VIDA E OBRA<sup>1</sup>

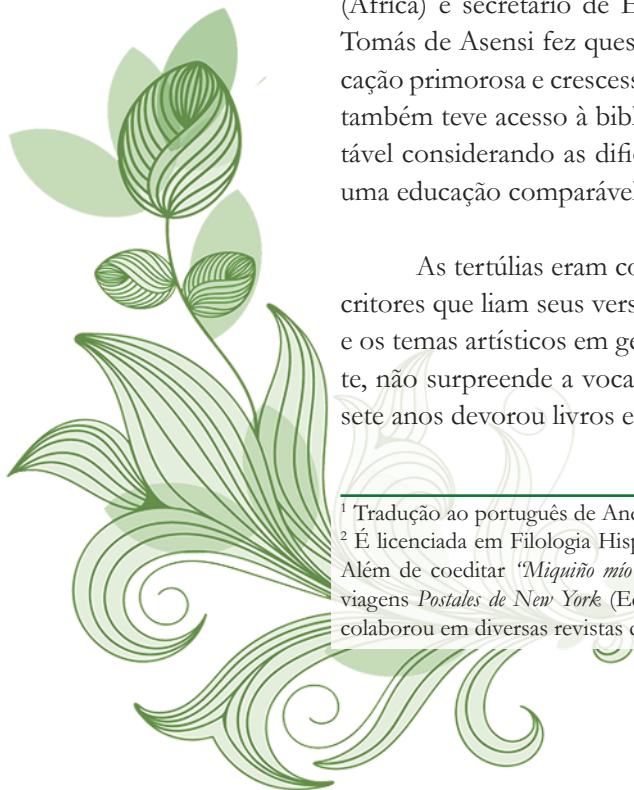
ISABEL PARREÑO PENA<sup>2</sup>

Julia de Asensi nasceu em 4 de maio de 1849, na rua madrilenha de San Bernardo. Cresceu em uma família abastada, numerosa e de temperamento conservador. O pai foi cônsul da Espanha em Tunes (África) e secretário de Estado. Apaixonado por antiguidades, Dom Tomás de Asensi fez questão de que seus filhos recebessem uma educação primorosa e crescessem em um ambiente artístico cultivado. Julia também teve acesso à biblioteca da família desde tenra idade, fato notável considerando as dificuldades das mulheres da época em receber uma educação comparável a dos homens.

As tertúlias eram comuns na casa dos Asensi. Lá se reuniam escritores que liam seus versos, músicos que tocavam suas composições, e os temas artísticos em geral também eram discutidos. Nesse ambiente, não surpreende a vocação literária inicial de Julia, que com apenas sete anos devorou livros e começou a escrever seus primeiros poemas.

<sup>1</sup> Tradução ao português de Andréa Cesco.

<sup>2</sup> É licenciada em Filologia Hispânica e professora de Literatura em Vigo (Espanha). Além de coeditar *“Miquiño mio”*. *Cartas a Galdós* (2013 e 2020), publicou o livro de viagens *Postales de New York* (Ediciones del viento, 2019); é autora de vários blogs e colaborou em diversas revistas de crítica literária.



De caráter sério, mas agradável e afetuosa, segundo os que a conheceram, a jovem surpreenderá aos mais próximos quando, já adulta, passa a organizar e incentivar suas próprias tertúlias literárias. A amizade com proeminentes figuras no campo intelectual será uma constante em sua vida, bem como a colaboração em publicações literárias periódicas. Seus primeiros artigos datam de 1869 e aparecerão em revistas como *La Lira Española*, *El Autógrafo*, *La Moda Elegante Ilustrada* e *El Folletín*. Nessa época, também inicia o trabalho de tradutora de poemas de Musset e Gautier.

Após a morte de seu pai, sente inclinação pela poesia, que cultivará intensamente entre 1875 e 1878. Junto aos poemas mais pessoais, dedicados ao pai, há um grande número de versos encomiásticos dedicados a figuras de prestígio do momento e também a eminentes escritores do passado, como Calderón.

Em abril de 1875, aparece o periódico *La Mesa Revuelta*, fundado pelo irmão de Julia, Tomás de Asensi, e que será publicado, semanalmente, até abril de 1876. Nele serão exibidos mais de trinta poemas da escritora e, inclusive, um álbum manuscrito com poemas, obras artísticas e musicais produzidos entre 1873 e 1881, hoje preservados na Biblioteca Nacional.

Além disso, com Tomás, escreverá e publicará uma comédia teatral em verso, de um ato, *El amor y la sotana*, em que desenvolve como tema, típico do século XIX, o conflito entre a vocação religiosa e o amor humano. A peça estreou em Madri, no teatro Marín, em maio de 1878, com notável êxito, e foi comentada por jornais como o *La Época*.

Embora continue se dedicando à poesia, em 1880 publica seu primeiro romance, *Tres amigas*, um relato epistolar. Mais tarde, em 1883, publica *Leyendas y tradiciones en prosa y verso* e, em 1889, *Novelas cortas* [Histórias curtas]. A partir de 1894, sua atividade literária dá uma guinada e Asensi passa a se dedicar, quase que exclusiva-



mente, à literatura infantil. Alguns dos títulos de maior destaque são *Santiago Arabal*, *Historia de un pobre niño*, *Cocos y badas*, *Cuentos para niños y niñas*, entre outros. Em suas narrativas infantis desenvolveu uma abordagem realista e abertamente instrutiva. Esforçou-se em mostrar às meninas e meninos que para a maioria das situações da vida real, aparentemente complexas, sempre há uma explicação lógica. Passará os últimos anos de vida entre Madri e El Escorial, sua residência de verão, e da qual enviará muitos de seus últimos escritos. Em 1909, no tomo LVIII da Biblioteca Universal, “Escritoras españolas contemporáneas”, aparece o que será o último poema de Julia, um texto em que se observa o abandono das formas e do estilo românticos a favor de uma aproximação à estética modernista.

Julia de Asensi faleceu no dia 7 de novembro de 1921; seus restos mortais descansam no cemitério de San Lorenzo de Madri.

A obra narrativa de Julia de Asensi sempre foi considerada pertencente ao romantismo tardio, uma vez que ela publicou quase todos os seus trabalhos na segunda metade do século XIX, uma época dominada pelo Realismo e pelo Naturalismo. Embora seja verdade que ambas as tendências mantiveram certas características do Romantismo, seu conceito de literatura e sua resposta estética foram radicalmente diferentes.

As fontes das quais Julia de Asensi bebe são encontradas em escritores românticos como Bécquer, Zorrilla ou Fernán Caballero, embora outros autores clássicos como Lope de Vega também a tenham inspirado. O folclore espanhol e a tradição de contar histórias orais foram outra contribuição valiosa à sua literatura.

Em 1880, publica seu primeiro romance, *Tres amigas*, pertencente ao gênero epistolar, que possui uma ampla tradição narrativa, ainda que vinculado, algumas vezes, ao romance sentimental. As três protagonistas são amigas e cada uma delas

representa uma posição diante do amor. A primeira é a mulher feliz da época, cujo destino coincide com o atribuído a ela pela sociedade, ou seja, o casamento. A segunda responde ao protótipo da mulher romântica que, graças à morte de seu amado, é lançada em uma profunda dor que a leva a desejar a própria morte. E, finalmente, a terceira protagonista, uma mulher com fortes convicções religiosas, que optou pela vida em um convento. As amigas pertencem a três classes sociais diferentes; nelas Asensi exemplifica o destino das mulheres de sua época: o casamento, a infelicidade ou a clausura.

É nas *Leyendas y tradiciones en prosa y verso* (1883) que a filiação romântica de seus escritos pode ser melhor percebida. O livro combina narrativas de origem oral a outras nas quais o motivo tradicional é literariamente reelaborado. Ela mesma descreveu suas *leyendas* dentro de um “tradicionalismo artístico”, isto é, relatos nos quais não precisava de uma excessiva documentação, uma vez que isso era complementado pela intuição poética e pela imaginação. Ambientadas na Idade Média ou na época dos Reis Católicos (século XVI), os temas fundamentais estão relacionados ao amor e ao ciúme, que funcionam como alavanca para um fim trágico ou uma vingança. Suas páginas estão repletas de elementos sobrenaturais, fantasmas que reivindicam promessas não cumpridas e até aparições da virgem ou eventos milagrosos, bem ao estilo de Bécquer ou Zorrilla.

*Novelas cortas* (1889) foi publicada na Biblioteca Universal, embora muitos dos relatos já tivessem aparecido na imprensa nacional. Há uma reedição em 1927, o que dá indício do discreto sucesso desta obra. A maioria dos contos incluídos neste volume manifesta essa aura romântica tardia, na qual o amor, a perda ou a loucura fazem parte do inquietante destino dos protagonistas. No entanto, em alguns relatos, pode-se apreciar certa crítica social e algum protesto contra a injustiça. Nas últimas narrativas, se aproximará do estilo encontrado em seus contos infantis, com um claro fim didático.

Nos relatos de Julia de Asensi são abundantes as personagens femininas protagonistas. Em muitos casos, trata-se de mulheres ativas e com grande iniciativa. No entanto, a escritora sempre foi considerada dentro de um sentimentalismo baulador de tendência moral. É possível que ela mesma tenha contribuído para essa percepção ao aceitar a superioridade dos homens em todas as áreas da vida, exceto a dos sentimentos, como afirma no poema ¿Siente o no *siente espiritualmente la mujer?*, publicado em 1879, em *The Folletin*.

Sua obra revela conhecimentos de autores clássicos e contemporâneos espanhóis e estrangeiros, haja vista suas numerosas traduções. Era considerada por Ramón de la Huerta Posada – um de seus contemporâneos – uma das principais poetas e literatas de sua época. Especial foi a relação de Asensi com o crítico Luis Alfonso, assíduo de suas tertúlias, mentor e amigo insubstituível até a sua morte, em 1892. O mesmo destacava duas das qualidades da autora: a modéstia e a diligência. Ele próprio escreveu o prólogo do romance *Tres amigas*, em que considerava as habilidades narrativas da autora uma promessa de sucesso futuro. No entanto, este primeiro romance teve pouca repercussão na vida literária do momento, uma vez que foi publicada apenas uma edição. Foram escassas as notas na imprensa, embora caiba destacar a que apareceu no jornal *El Globo*. Nela o autor considera este primeiro romance um esboço interessante e incentiva a autora a continuar escrevendo.

A obra de Julia de Asensi está experimentando, nos últimos anos, um interesse crescente, como mostram as reedições e as traduções de seus contos infantis e, inclusive, de seus relatos para o público adulto. Felizmente, hoje existe a determinação e a sensibilidade de resgatar inúmeras escritoras injustamente sepultadas no esquecimento do tempo, das críticas e do preconceito de sua época.



# A CASA ONDE MORREU

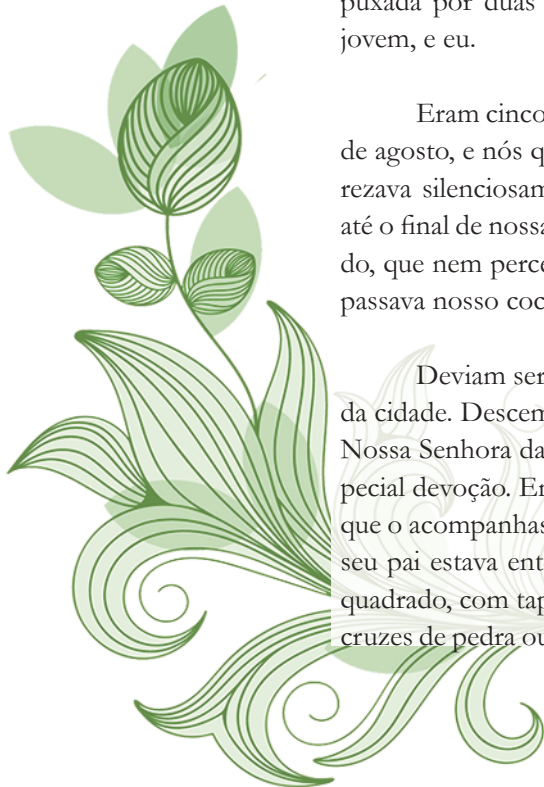
TRADUÇÃO DE MARIANA MARTINEZ STASI

## I

A caminho da pequena cidade de B..., localizada perto da capital de um estado cujo nome não vem ao caso, íamos em uma carruagem, puxada por duas mulas, Cristina, a mãe dela, Fernando, o noivo da jovem, e eu.

Eram cinco da tarde, o calor nos sufocava, pois começava o mês de agosto, e nós quatro permanecíamos em silêncio. A senhora Lopez rezava silenciosamente para que Deus nos conduzisse em segurança até o final de nossa viagem. Cristina fixava seus belos olhos em Fernando, que nem percebia, e eu contemplava o bellissimo campo por onde passava nosso coche.

Deviam ser seis da tarde, quando a carruagem parou na entrada da cidade. Descemos e nos dirigimos a uma capela onde se venerava a Nossa Senhora das Mercês, santa pela qual a mãe de Cristina tinha especial devoção. Enquanto ela e a filha rezavam, Fernando me suplicou que o acompanhasse ao cemitério, que ficava muito próximo dali, onde seu pai estava enterrado. Fiz a sua vontade, e entramos em um pátio quadrado, com tapumes esbranquiçados, onde se observavam algumas cruces de pedra ou de madeira, e sobre as lápides mortuárias se podiam



ler várias inscrições um tanto confusas. Em um canto, vi a uma mulher ajoelhada, a qual meu colega pareceu não notar de imediato.

Fernando me mostrou o túmulo do pai, que era simples, de mármore branco, e compreendi que não era unicamente para visitá-lo que o jovem havia chegado até ali. Observei que procurava por alguma coisa que não encontrava, até que viu aquela mulher, que era uma velha malvestida e desgrenhada, que o estava fitando atentamente. Fernando baixou o olhar e já estava indo embora, quando a anciã levantou-se e chamou-o pelo nome, obrigando-o a se deter.

— O que a senhora deseja, mãe Maria? Perguntou em um tom que pretendia ser sereno.

— O de sempre — respondeu a velha, em cujo olhar percebi certo desvio, — perguntar onde você escondeu a minha menina. Eu sei muito bem, já faz dez anos que você a levou e hoje me disseram na cidade que você veio aqui para celebrar seu casamento com outra.

— A senhora não esqueça, mãe Maria, que sua filha morreu há dez anos, e que eu paguei o enterro para que o seu belo corpo descansasse em paz neste santuário. Agora eu lhe pergunto: onde fica o túmulo da pobre Teresa?

— Você acha que eu sei? Um dia vim aqui, procurei a cruz que indicava o local onde me diziam que ela estava, e você sabe o que eu vi? Um buraco vazio e, um pouco mais adiante, a terra removida. O prazo tinha acabado, e como ninguém cuidou da renovação e do pagamento, aquele espaço já não pertencia à minha filha e ela foi jogada na sarjeta onde jogam os pobres, aqueles que são sepultados por caridade.

— Mas isso é um ultraje! Eu enviei dinheiro para a renovação — exclamou Fernando.

— Não digo que não, mas a pessoa a quem você escreveu estava muito doente, e por dois meses não abriu a carta e então já era tarde demais.

O jovem baixou a cabeça e não contestou.

— Com quem você vai se casar? — perguntou a velha.

— Com a senhorita Cristina Lopez.

— E quando se casam?

— Dentro de três dias.

— Assim será, se Teresa permitir. Ela é sua noiva e não demorará a buscá-lo.

— Mãe Maria — disse com tristeza o jovem, — Teresa não pode vir, os mortos não saem de seus túmulos.

— Você me dirá amanhã cedo. Por hoje vá em paz.

— Adeus — murmurou Fernando, dirigindo-se à saída do cemitério, para onde o seguiu.

— Certamente você achou estranho o que acabou de ver e ouvir — ele me disse, logo que saímos, — mas deixe eu lhe contar a história dos primeiros anos da minha juventude. Desejo que você conheça em todos os detalhes. Mas, agora, vamos

encontrar com Cristina ea mãe, que sem dúvida já estão nos esperando. E, depois, enquanto elas visitam a casa em que iremos morar, onde está minha tia, a futura madrinha de meu casamento e por quem fizemos esta viagem hoje, você saberá tudo.

Cristina e a mãe estavam, de fato, nos esperando, e juntos fomos para a casa da tia de Fernando, que ficava na praça da cidade, fazendo esquina com uma rua estreita e sombria, na qual, sem saber por que, entrei com uma profunda tristeza.

A tia do jovem não me agradou. Era uma senhora de uns cinquenta anos, alta, magra, com olhos cinzentos muito pequenos, nariz comprido que se inclinava sobre o queixo pontudo, e cabelos quase brancos, presos em uma touca de cor escura.

Estava muito doente e porque tinha sido como uma mãe para Fernando, ele haviauplicado à senhora Lopez que o casamento fosse celebrado nesta cidade, para evitar que a tia enfrentasse os incômodos de uma viagem que, embora fosse curta, teria sido extremamente penosa para ela.

Enquanto Cristina e as duas senhoras visitavam a casa e recebiam os muitos amigos que compareceram ao saber de sua chegada, Fernando, que estava determinado a não subir ao piso superior, me chamou, me fez sentar ao seu lado e começou a prometida história do seguinte modo:

— Onze anos atrás, quando eu tinha somente vinte anos e havia terminado a faculdade de direito em Madri, meu pai me enviou a esta cidade por uma temporada para visitar a sua única irmã, que é essa senhora que você acaba de ver. Eu era órfão de mãe, tinha sido educado sem seus conselhos, longe também do meu pai, pois suas constantes ocupações mantinham-no longe de casa. Sendo assim, posso garantir que desconhecia quase totalmente o que eram os deleites de uma família. Ainda que herdeiro de uma fortuna mediana, não tomaria posse dela até a minha maioridade.



Tinha muitos companheiros de estudos, mas nenhum amigo, portanto, não é preciso dizer que, me encontrando quase sozinho no mundo, apressei-me a aceitar com entusiasmo a proposta de meu pai, pondo-me a caminho desta cidade com a alma inundada de doces emoções.

O que eu encontrei correspondeu às minhas expectativas? Seguramente não. Minha tia, a quem eu não via desde criança, logo de início me provocou repulsa, por mais que se mostrasse, como era de se esperar, carinhosa e tolerante comigo. A cidade me pareceu triste, apesar de seus jardins e das pitorescas casinhas que há nela. Seus habitantes pouco simpáticos, ainda que todos me cumprimentassem afetuosamente. Dediquei-me à caça, estudei um pouco de botânica e assim passou um mês, durante o qual me reconciliei com minha tia, com a cidade e seus moradores.

Uma manhã, ao voltar para casa e passar por um dos cômodos, encontrei uma moça de quinze a dezesseis anos, que não lembrava de haver visto antes, costurando arduamente. Ao ouvir meus passos, ela levantou a cabeça, e apesar de abaixá-la quase imediatamente, não foi rápida o suficiente para que eu não pudesse observar que tinha uma testa branca e lisa, enfeitada por bonitos cabelos castanhos, olhos pardos com um olhar franco e inocente, uma boca pequena, um nariz mais atrativo que perfeito e umas bochechas coloridas por um suave carmim. Não falei com ela, mas perguntei para um criado quem era, e soube que ela vinha costurar quase todos os dias na casa de minha tia Catarina, que era órfã de pai, que sustentava a mãe doente, sendo sua única provedora, pois esta havia perdido os três filhos maiores, não restando a ela nenhum outro amparo e conforto do que aquela menina. A história me interessou, eu era novo, a moça bonita, nunca havíamos amado, começamos a conversar sem que a minha tia percebesse e acabamos nos apaixonando. Teresa não havia recebido uma educação ordinária, até os doze ou treze anos tinha estudado no convento de religiosas da cidade, abandonando os estudos após a morte do pai, que acontecera havia quatro anos.



Não sei quem contou para minha tia sobre o nosso amor. O fato é que ela soube, e que me repreendeu com dureza, ameaçando fazer-me ir a Madri, depois de escrever para meu pai contando tudo. Desde então, a jovem não voltou à minha casa e tive que, todos os dias, pular as cercas de seu jardim para vê-la e conversar com ela sem que sua mãe percebesse, pois ela também se opunha à nossa relação amorosa.

Assim andavam as coisas, quando há pouco mais de dez anos fiquei gravemente doente, vítima de umas febres contagiosas. Minha tia se afastou de mim, os criados se recusaram a me ajudar, e então Maria e Teresa se ofereceram para serem minhas enfermeiras, sendo impossível minha tia se opor a isso, pois meu estado era cada vez mais alarmante e exigia cuidados contínuos.

Desde o momento em que Teresa ficou a meu lado, senti um doce bem-estar. A febre desaparecia por instantes, porém me parecia ver que as bochechas de minha amada começavam a ficar avermelhadas, que seus lábios estavam comprimidos e quentes, que seus olhos brilhavam com um fogo estranho. A doença, que fugia de mim, se apoderava dela, e era o meu mesmo mal que a consumia.

— O que você tem? — perguntei.

Pedi tanto a Deus que salvasse a sua vida à custa da minha — murmurou a moça, — que parece que finalmente ele me escutou e vou morrer antes que você.

Aquilo era verdade. À noite, o estado de Teresa se agravou tanto, que não pôde voltar para casa, e minha tia lhe ofereceu seu quarto e sua cama para que descansasse. Ela estava profundamente agradecida pelos amáveis cuidados da jovem.

Não é necessário dizer que Dona Catarina pensava abdicar, para sempre, de seu quarto e de sua cama, temendo o contágio da doença.

Eu me restabeleci logo, enquanto o estado da jovem foi ficando pior. Eu estava desesperado, louco. Sua mãe também começava a perder o juízo. Um dia, o médico me disse: “Não há mais remédio para este mal”. E ela também murmurou no meu ouvido: “Estou morrendo. Mas sou feliz, porque você me ama e vai me amar sempre”.

— Oh, eu juro! — exclamei. — Meu coração e minha mão jamais serão de outra mulher.

— Sei disso melhor do que você — disse ela sorrindo docemente, — do outro mundo sentirei ciúmes se você amar outra mulher, e não permitirei que você não honre o juramento. Não ame outra, não se case nunca. Não existe um ser na terra que possa lhe amar como eu, e eu esperarei você no céu.

Dois dias depois, aquela angelical criatura, que ofereceu sua vida a Deus em troca da minha, expirava.

A mãe dela enlouqueceu.

Paguei pelo funeral de Teresa; comprei uma sepultura por dez anos... Você já sabe que hoje desconheço onde descansa seu belo corpo. Enviei uma carta para minha tia, que ela só leu dois meses depois do prazo, porque também estava doente.

Se eu dissesse a você que durante esses dez anos a memória de Teresa me perseguiu constantemente, estaria mentindo. Amei outras mulheres e quatro anos atrás estive a ponto de me casar com uma bela moça, mas um mês antes de concretizar a nossa união, o infortúnio fez com que os pais dela encontrassem um pretendente melhor do que eu. Eles o preferiram, e a noiva teve que se submeter à vontade de seus tiranos.

Hoje, adoro a Cristina e quero unir a sua sorte à minha, do mesmo modo que as nossas almas já se uniram. Conseguirei? Receio que não. A fatalidade me trouxe à cidade onde a Teresa viveu; estou nesta casa impregnada de suas memórias; venho passar os primeiros dias do meu casamento na casa onde ela morreu, e um secreto pressentimento me diz que Cristina não chegará a ser minha esposa.

Eis a história dos meus amores: você acredita que meu receio seja infundado, ou que a exaltação em que me encontro seja fruto das minhas desventuras passadas?

Tentei tranquilizar Fernando, e depois, enquanto o jovem reunia-se a sua bela noiva, tive vontade de ver aquele quarto onde Teresa havia morrido e pedi a um antigo empregado de Dona Catarina que me conduzisse até lá.

## II

Entre em uma sala com móveis luxuosos, passei ali quase sem me deter, abri a porta de um pequeno gabinete e lá estava a alcova onde morreu a desafortunada menina. Um leito de madeira entalhada, algumas cadeiras de tapeçaria floral, uma cômoda, um gomil com bacia e alguns quadros podiam ser vistos no ambiente; tudo

coberto de pó, um sinal evidente de que aquela parte da casa estava abandonada por completo. O gabinete tinha só uma janela com vista para a rua estreita e sombria, que fazia esquina com a casa de Fernando. Em frente à janela havia um armário de espelho, de um lado estava a porta da alcova e do outro havia uma mesinha de escrever. Algumas cadeiras iguais às do dormitório completavam a mobília do gabinete que dez anos antes pertencera à tia de Fernando.

Permaneci no local por breves instantes, e logo depois, já chegada a hora do jantar, fui em busca da família e de seus convidados, sentando-nos todos a uma mesa suntuosamente servida. O jantar se estendeu por bastante tempo e, antes de concluído, um acontecimento imprevisto veio para conturbar a alegria de alguns e para causar profunda impressão no ânimo de Fernando. Os sinos da paróquia tocavam de modo lúgubre, sua voz, sempre triste, parecia uma queixa que feria nossos ouvidos e ao mesmo tempo nosso coração.

— Por qual razão tocam? — perguntou Cristina para um criado que estava próximo a ela.

— Por agonia — respondeu o homem com tom indiferente. — Aqui nas pequenas cidades, senhorita, os sinos tocam por tudo: quando alguém vai morrer, quando morre, quando acontece o funeral e...

— Quem está morrendo? — interrompeu Cristina.

— Uma jovem de dezessete anos.

— Como se chama? — perguntou Fernando, cujo rosto estava lívido.

— Teresa — disse o criado.

Dona Catarina lançou um olhar furioso para Fernando, ele baixou os olhos, e eu percebi que suas mãos estavam tremendo.

Cristina e sua mãe apenas demonstravam uma profunda compaixão pela infeliz criatura que, no momento mais lindo e florido de sua juventude, iria abandonar esta terra para um mundo desconhecido.

Cristina era tão feliz que pensava que a humanidade inteira devia participar de sua fortuna e não desejava trocá-la nem por todos os prazeres celestiais.

Fernando, alegando que o calor que fazia na sala de jantar era sufocante, pediu licença para se retirar por um momento ao cômodo adjacente, e eu o segui.

— O que há com você? — perguntei.

— O nome dela é Teresa e tem dezessete anos — murmurou.

— É uma casualidade.

— Uma casualidade deste tipo, você não acha que é um mau presságio, três dias antes do meu casamento?

Tentei distraí-lo, mas foi em vão. O toque do sino estava ficando cada vez mais lúgubre e Fernando, que conhecia aquele toque, me disse que a jovem doente tinha deixado de existir.

Fiz com que ele entrasse de novo na sala de jantar, e as doces palavras de Cristina venceram os temores de Fernando, que permaneceu tranquilo até a meia-noite, quando todos nos despedimos até o dia seguinte, retirando-se cada qual a seu

respectivo quarto. O meu quarto tinha uma janela com vista para a praça e estava localizado embaixo do quarto do meu amigo. Eu não sabia o porquê, mas não conseguia conciliar o sono, comecei a ler um pouco, escrevi outro pouco e, por último, me levantei e comecei a passear com certa inquietação pelo dormitório.

Um instante depois, percebi alguns movimentos no dormitório de Fernando, ouvi que várias portas abriam, com discrição, os passos que começaram a soar sobre o teto do meu quarto se perderam ao longe, e um instinto secreto me advertiu que minha presença era necessária ao jovem. Sem me dar conta de minhas ações, saí precipitadamente em direção ao local onde Teresa morreu.

Meu amigo encontrava-se a dois passos da porta do gabinete, sem se atrever a abri-la.

Quando me viu, aparentemente não achou estranho que eu tivesse levantado e, estendendo sua mão em direção ao cômodo fechado, me disse:

— Faz dez anos que não entro aí.

— E você também não entrará hoje — exclamei com decisão. — Você está louco e começa a me contagiar. Você nunca devia ter voltado para esta casa, nem sequer para esta cidade.

— Há onze anos que minha tia é uma mãe para mim, onze anos que sei o que é o amor filial. Você acha que eu me casaria longe dela?

— Parabéns, você já cumpriu com seu dever. Mas, é preciso que você entre aí?

— Só uma vez — ele disse em tom suplicante, — uma vez para saber se Teresa permite que eu me case com Cristina. Olha — acrescentou —, se ao entrar no seu quarto, eu encontrar tudo como há dez anos, a cômoda, as cadeiras, eu irei embora tranquilo e serei feliz. Se, ao contrário, eu encontrar alguma alteração...

— Você é uma criança — interrompi —, mas se é só isso o que você deseja, entre e que a paz e a felicidade estejam com você.

Eu sabia, por ter visto pela tarde, que tudo estava igual no quarto onde Teresa morreu, e não hesitei mais, deixando o jovem adentrar ao gabinete.

Fernando abriu a porta, e murmurou:

— Tem luz dentro.

Eu estremei contra a vontade. Um frio glacial se apoderou de mim, porque ao entrarmos, meu amigo e eu, vimos clara e nitidamente na alcova de Teresa um leito mortuário coberto de panos pretos, algumas grandes velas acesas em volta do caixão em que descansavam os rígidos restos mortais de uma bela jovem vestida de branco e coroada de flores. Junto a ela havia uma mulher a quem reconheci como a mãe Maria, a louca que encontrei no cemitério pela tarde.

Fernando lançou um grito estranho e se deixou cair de joelhos ocultando o rosto com as mãos. Eu fechei os olhos, dei alguns passos e tropecei com a porta do quarto. Então olhei e vi a alcova escura e deserta.

— Estamos os dois loucos — murmurei. Voltei à procura de Fernando e compreendi tudo. À tarde o criado havia deixado aberta, sem aviso, a janela do gabinete que, como se sabe, dava para uma rua estreita. E na casa em frente, em um po-



bre cômodo, encontrava-se o cadáver daquela jovem desconhecida, acompanhado pela mãe da Teresa. Esse quadro tão triste era refletido no espelho do armário que estava ao lado da porta do dormitório. Isto, juntamente com o estado excepcional em que Fernando e eu estávamos, nos fez supor que aquele corpo inerte descansava na própria casa de meu amigo. A presença da mãe Maria nesse local era natural, pois, como costumava fazer desde a morte da filha, passava as noites junto ao cadáver de qualquer jovem que morresse na cidade. Quem havia deixado de existir era a sobrinha da anciã e por isso levava o nome de sua filha.

Fechei a janela e voltei para o lado de Fernando.

Chamei-lhe repetidas vezes, e ele não respondeu.

Algo estranho e invisível aconteceu naquele quarto, eu parecia escutar um confuso bater de asas, minha vista escureceu e tive que me apoiar no armário para não cair.

— A casa onde morreu! — exclamou Fernando com voz apagada. — Tinha que ser assim. Minha amada, me espera, estou indo.

Recuperei finalmente o sangue frio, falei com meu amigo, peguei suas mãos, que estavam rígidas, e as separei do seu rosto, que parecia de um morto. Depois saí correndo para pedir ajuda aos criados.

Meia hora mais tarde, a senhora Lopez, Cristina, Dona Catarina, um sacerdote e eu rodeávamos a cama onde Fernando descansava.

— Como dorme! — exclamou Cristina.

Cheguei perto dele, fiz um sinal para o sacerdote e ele pôs a mão sobre o peito de Fernando, retrocedendo de imediato porque o coração do meu amigo não pulsava.

— O que houve? — perguntou Dona Catarina e, compreendendo o que acontecia, acrescentou:

— Ele era o único que me restava no mundo; que seja feita a vontade de Deus.

O sacerdote disse algumas orações em voz baixa.

Eu me virei em direção à porta e vi a mãe Maria, que não sei como, tinha entrado e chegado até ali.

— Minha filha está feliz — murmurou —, ela me disse que Fernando e ela já se casaram. Eu sabia que isto não aconteceria até que ele viesse ao quarto onde a Teresa esteve doente, à casa onde ela morreu. Esperei por dez anos. Bendito seja o Senhor, que finalmente me concedeu esta felicidade!

# A VÉSPERA DE NATAL

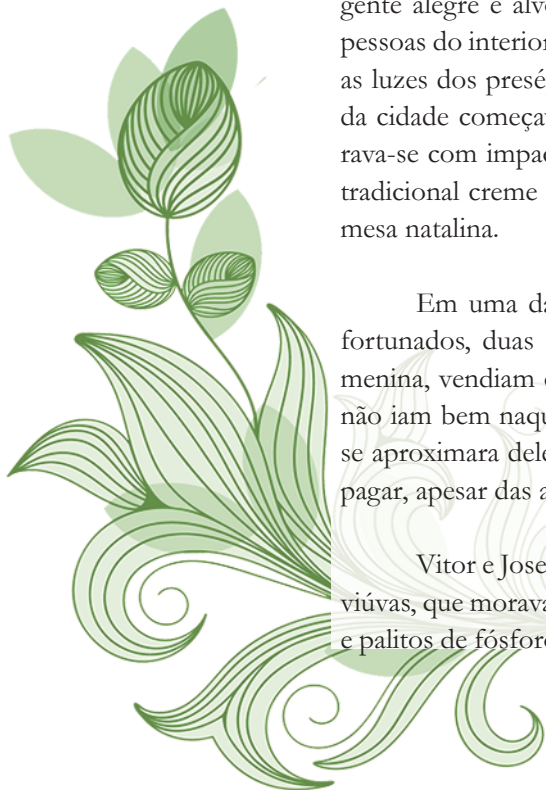
TRADUÇÃO DE MARIANA MARTINEZ STASI

## I

Eram oito horas da noite do dia 24 de dezembro de 1867. As ruas de Madri apresentavam um aspecto bonito e animado, cheias de gente alegre e alvoroçada, com suas lojas iluminadas; admiração das pessoas do interior que vêm passar o Natal na capital. Em muitas casas, as luzes dos presépios que iriam encantar uma boa parte das crianças da cidade começavam a se acender. E em quase todos os lares esperava-se com impaciência o jantar, composto, entre outras coisas, pelo tradicional creme de amêndoas e pelo besugo, peixe indispensável na mesa natalina.

Em uma das principais ruas, dois pobres seres tristes e desafortunados, duas crianças pálidas e maltrapilhas, um menino e uma menina, vendiam caixas de fósforos na entrada de um bar. As vendas não iam bem naquela noite para Vítor e Josefina. Apenas um bêbado se aproximara deles, pedira duas caixas a cada um e fora embora sem pagar, apesar das ardentes súplicas das crianças.

Vítor e Josefina eram filhos de duas miseráveis lavadeiras, ambas viúvas, que moravam no mesmo sótão. Vítor vendia areia pelas manhãs e palitos de fósforo à noite. Josefina ajudava a mãe durante o dia, não a



lavar porque suas escassas forças não lhe permitiam, mas a vigiar para que ninguém se aproximasse da roupa, e que não se perdesse nenhuma peça arrebatada pelo vento. As duas lavadeiras eram irmãs e Vitor, que tinha doze anos, havia tomado sua prima, que tinha apenas nove anos, sob sua proteção.

Nunca Josefina havia ficado tão triste como nessa noite de véspera de Natal, sem que Vitor, que sentia muito carinho por ela, pudesse compreender a causa de sua melancolia. Quando ele lhe perguntava, a menina só suspirava e nada respondia. Chegada à noite, a tristeza de Josefina havia aumentado e a coitada não parava de chorar, sem que Vitor conseguisse consolá-la.

— Você está doente — disse o menino —, e como não vendemos nada, acho que é melhor irmos embora e descansarmos com nossas mães.

Josefina pegou sua cestinha, Vitor fez o mesmo com sua caixa e, levando sua prima pela mão, começaram a andar lentamente.

Ao passar pela frente de uma casa, ouviram um som de pandeiros e tambores que vinha de um cômodo no térreo, junto com algumas coplas cantadas por vozes infantis. As venezianas das janelas não estavam fechadas e via-se através dos vidros um vivo resplendor. Vitor trepou na grade e ajudou Josefina a fazer o mesmo.

Viram uma grande sala: de um lado, muito perto da grade, um imenso presépio com montes, lagos cristalinos, fontes naturais, figuras de cerâmica representando a sagrada família, os reis magos, anjos, escravos e pastores, casebres e palacetes, ovelhas e perus, tudo iluminado por milhares de luzes artisticamente dispostas.

No centro da sala havia uma árvore muito bonita, a árvore de Natal, costume recentemente introduzido na Espanha naquela época. Estava coberta de enfeites

brilhantes e de brinquedos caros e variados. Umhas cinquenta crianças, todas bem vestidas, dançavam e cantavam, estavam alegres, eram felizes.

— Quem dera eu pudesse ter isso! — murmurou Josefina sem poder se conter.

— É este desejo que tem te atormentado durante o dia todo? — perguntou Vitor.

— É — respondeu a menina —, todos têm um presépio, todos menos nós.

— Olha, Josefina, este ano eu não posso te dar um presépio porque você me falou tarde demais que queria isso. Mas prometo que no ano que vem, na véspera de Natal, você terá um que fará inveja a toda a vizinhança.

Afastaram-se daquela casa e continuaram o caminho mais felizes. Quando chegaram à pobre morada em que viviam, as duas lavadeiras não perceberam que Josefina havia chorado e que Vitor estava pensativo.

## II

No ano seguinte Vitor começou a trabalhar na casa de um marceneiro, onde se mantinha ocupado a maior parte do dia. Josefina ia sempre ao rio com a mãe e crescia cada vez mais fraca e pálida. Passava as primeiras horas da noite ao lado do primo, mas já não vendiam caixas de fósforos. Eles ficavam no sótão, o menino ensinava a menina a ler, e ela fazia rápidos progressos.

Assim que Josefina se deitava, Vitor tirava de um velho baú uma grande caixa e, com o que guardava nela, fazia bonequinhos de madeira ou de argila que depois pintava com um sucesso considerável. Após alguns meses, quando já tinha terminado de fazer muitos bonecos, dedicou seu tempo a fazer casas, mais tarde montanhas de

papelão e, por último, uma fonte. Vitor havia nascido artista. Pintou um céu claro e transparente, iluminado por uma branca lua e por uma infinidade de estrelas, sendo uma mais brilhante do que todas, aquela que guiou os reis magos até o humilde portal.



O patrão de Vitor não demorou em lhe pagar um pequeno valor diário. Desse pagamento, a mãe do menino lhe dava uma quantia insignificante para o café da manhã e ele, graças a uma economia incrível, achava um modo de poupar algumas moedas para comprar materiais e velas coloridas.

Tudo transcorria como ele havia planejado, até que ao chegar o mês de novembro Josefina caiu gravemente doente. O médico, que a atendia por caridade, disse que a doença seria muito longa e previu o desfecho fúnebre para a coitada da menina.

Vitor, que passava o dia todo trabalhando na oficina, não soube nada da desgraça iminente porque sua mãe se manteve cuidadosamente calada.

### III

Chegou o dia 24 de dezembro de 1868. Durante o dia, Vitor procurou folhagens pelos passeios públicos, e com elas fez belos arcos de folhagens. Ao anoitecer,

ele as levou para sua casa, que estava timidamente iluminada por uma miserável lâmpada a óleo.

Uma cortina velha e cheia de remendos ocultava o leito onde Josefina se encontrava deitada.

Vitor fez uma mesa com as tábuas que ele usava como cama, abriu o baú, colocou sobre as tábuas os arcos de folhagens, as montanhas, a fonte na qual ele fez um depósito para que a água corresse em abundância e os atrativos bonequinhos. Colocou como fundo o céu que ele havia pintado e por trás uma infinidade de luzes que davam ao conjunto um aspecto fantástico.

Tudo já estava no seu lugar, quando começaram a soar na rua vários tambores tocados com entusiasmo pelos rapazes daquele bairro.

— Que dia é hoje? — perguntou Josefina.

— 24 de dezembro — respondeu a mãe, que se encontrava ao lado da cama.

A menina suspirou, talvez lembrando o presépio do ano anterior, talvez sentindo que seria a sua última véspera de Natal.

Vitor aproximou-se de sua prima devagar, abriu a cortina e olhou Josefina para ver o efeito que nela provocava sua obra. A menina juntou as mãos, viu tudo contemplando com profunda admiração e rompeu a chorar de alegria e agradecimento.

O médico entrou naquele instante.

— Que presépio mais bonito! — exclamou.

— Meu filho que fez — disse a lavadeira.

— Rapaz — disse o doutor —, se você aceitar vender ele para mim, te darei o que você quiser. Tenho uma filha que ficará feliz se eu o levar, pois ela não ficou satisfeita com nenhum dos que viu e desejava um que fosse como o seu.

— Não vendo, senhor — respondeu Vitor — é da Josefina.

O médico avaliou a doente e a encontrou muito pior.

— Voltarei amanhã... caso seja preciso — disse ao sair.

— Vitor, canta algo para que este seja um Natal alegre como o daqueles meninos que vimos no ano passado, Josefina murmurou com voz fraca.

O menino obedeceu e começou a cantar coplas que improvisava facilmente, dedicadas à sua prima, só que em lugar de cantar na frente do presépio, ele o fazia ao lado da cama, segurando uma das mãos de Josefina entre as suas.

Aos poucos, a menina foi adormecendo, as luzes do presépio se apagaram, e Vitor percebeu que a mão da prima estava gelada.

Passou o restante da noite ao lado dela, tentando, em vão, esquentar aquela mão tão fria.



## IV

O médico foi na manhã seguinte, mal se aproximou da cama e viu que a pobre Josefina estava morta. O desespero da desafortunada mãe e de Vitor não pode realmente ser descrito.

Chegado o dia 26, o doutor ficou surpreso ao ver o menino entrar em sua casa.

— Doutor — disse —, no dia 24 deste mês eu não quis vender para o senhor o presépio que eu havia feito para Josefina. E hoje venho suplicar ao senhor que compre para que eu possa pagar o enterro de minha prima, pois o que foi gasto devo ao meu patrão, que me adiantou uma quantia. Sempre quis saber onde ficaria seu corpo.

— Nada mais justo, meu filho — respondeu o doutor comovido ao ver o sofrimento de Vitor. — Pagarei o valor que você desejar por ele.

E pagou pelo presépio o triplo do seu valor.

— A sua filha desfrutará dele até o dia dos reis magos — continuou o rapaz — e isto aliviará o fato de ter ficado os dias 24 e 25 sem presépio.

Mais tarde, ele mesmo foi instalá-lo, após ter assistido ao enterro de Josefina.

A mãe da menina esteve perto de perder o juízo e, durante muitos dias, a irmã e o sobrinho tiveram que mantê-la, porque a miserável não podia sequer trabalhar.

V

Alguns anos depois, no dia de finados, o doutor passeava pelo Cemitério Geral do Sul. Ia olhando com indiferença os túmulos ao seu redor, quando chamou vivamente sua atenção um túmulo colocado no chão, sobre o qual se via uma requintada cruz de madeira entalhada. Embaixo da cruz, lia-se, na pedra, o nome de Josefina. O médico se dispôs a seguir seu caminho, quando um jovem o chamou, obrigando-o a parar.

— O que o senhor deseja? — perguntou o médico.

— O senhor não se lembra de mim? — disse o moço que o fez parar — Sou o Vitor, o que lhe vendeu aquele presépio para sua filha.

— Ah, sim! — exclamou o doutor — aquele presépio passou depois para meus netos, que ainda devem conservar alguns de seus bonequinhos... E o que você faz agora?

— Para chorar menos pela finada Josefina e me familiarizar com a morte, agora sou coveiro. Aqui cuido de seu túmulo, cuja cruz eu mesmo fiz, rego as flores em volta e visito-a diariamente, sempre que quero. Aconselham-me a falar com outras mulheres, a amar alguém, mas não posso fazer o que dizem. Doutor, o senhor não vai rir de mim se eu lhe disser que vejo a Josefina, porque é verdade. De noite sonho com ela, e ela sempre me diz que está me esperando. Ela propôs um encontro para um dia não muito distante e não posso faltar. Porém, os meses e os anos vão passando e estou tranquilo, considerando o fácil que é morrer e o tolo que é quem tira sua vida, que embora possa parecer longa, sempre é curta. Eu não me matarei nunca, porque para merecer a Josefina devo permanecer ainda neste vale de lágrimas. O senhor se lembra dela?

— Claro, meu filho — respondeu o médico.

Nunca me esquecerei daquela noite que, para todos, foi uma linda Véspera de Natal, e para mim foi uma noite ruim.

— Vitor, resignação e coragem — disse o doutor, apertando a mão do jovem.

— Talvez ele pense que eu perdi o juízo — murmurou Vitor, quando ficou só. — Se assim for, nesta falta de razão está minha sorte.

E enquanto Vitor pensava isto, o doutor se afastava dizendo:

— Pobre louco!



# DOIS VIZINHOS

TRADUÇÃO DE JACQUELINE AUGUSTA LEITE DE LIMA

## I

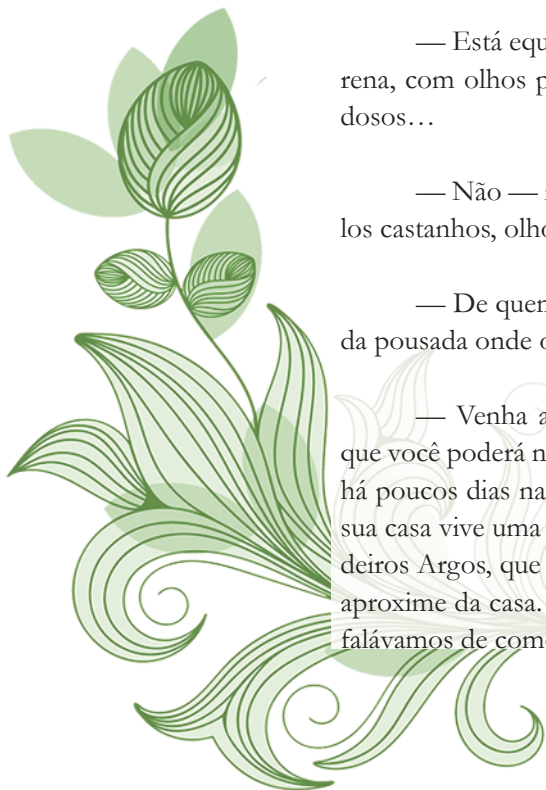
— Deve ser loira, ter os olhos azuis, ser delicada — disse Santiago.

— Está equivocado — discordou Anselmo —, ela deve ser morena, com olhos pretos e brilhantes, cabelos negros, volumosos e sedosos...

— Não — interrompeu Genaro —, nem um, nem outro. Cabelos castanhos, olhos esverdeados, branca, charmosa, elegante, esbelta.

— De quem se trata? — perguntou Rafael, entrando no quarto da pousada onde os três amigos discutiam.

— Venha aqui, Rafael — disse Santiago —, ninguém melhor que você poderá nos tirar essa dúvida. Mesmo que você tenha chegado há poucos dias na cidade, certamente terá observado que em frente à sua casa vive uma mulher acompanhada de dois velhos criados, verdadeiros Argos, que a guardam e a vigiam, sem permitir que ninguém se aproxime da casa. Nenhum de nós teve a sorte de ver a sua vizinha, e falávamos de como imaginamos que ela deveria ser. Você, sem dúvida,



a viu, e poderá nos dizer qual dos três está certo.

— Sei, de fato, que em frente à minha casa vive uma mulher que, assim como vocês, eu suponho que seja jovem e bonita — respondeu Rafael. — De noite chegam até mim as doces melodias que ela sabe tirar de sua harpa ou os suaves tons de sua voz. Mas quanto a tê-la visto, lhes asseguro que jamais tive essa sorte, e somente consegui vislumbrar vagamente uma sombra por detrás das venezianas de sua varanda. Até agora, dediquei pouco de minha atenção a ela, a morte do meu tio, as lembranças que me perseguem sem cessar nesta casa, na qual ele morou e que eu herdei, tudo contribui para que eu não busque sensações prazerosas. Assim que quase não apareço na janela desde que cheguei e, quando o faço, é como minha misteriosa vizinha, por detrás das venezianas, dessa forma observo sem que ninguém possa olhar para mim.

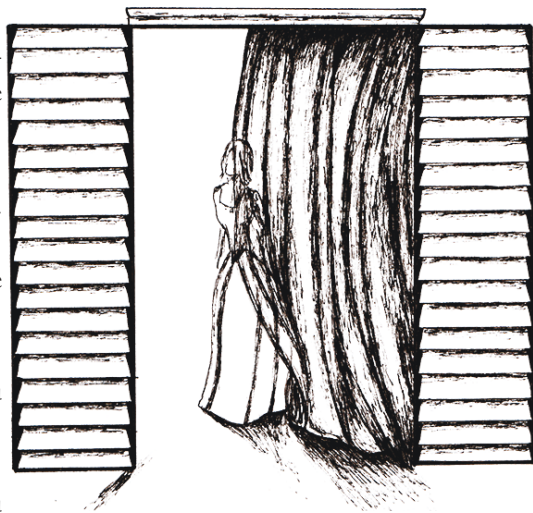
— De modo que não é possível que você nos diga nada sobre ela? — perguntou Anselmo.

— Nada — respondeu Rafael.

— Eu aposto um almoço que eu acertei — disse Genaro.

— E eu também — adicionou Santiago.

— Eu também — murmurou Anselmo.



— Quando eu souber quem ganhou, lhes comunicarei — disse Rafael. — Na condição de vizinho, poderei saber o que desejam averiguar antes de vocês, e terei o prazer em dar a notícia ao vencedor.

— Amanhã — lembrou Santiago — partiremos os três para caçar nas montanhas, voltaremos dentro de oito dias e, então, você nos dirá quem dos três ganhou.

— Você não nos acompanhará? — perguntou Anselmo a Rafael.

— Não posso — respondeu o jovem. — Além de ter ocupações, sou pouco apreciador de caça.

— Espero que não tenha esquecido que prometeu comer conosco hoje — disse Genaro.

— Não, vim, principalmente, por isso.

Durante o almoço, falaram da misteriosa vizinha. Renovaram-se as apostas e, às onze, Rafael e seus três companheiros se separaram, estes ficando na pousada e o primeiro regressando à sua moradia.

## II

Quando Rafael entrou no quarto, em vez de iluminar o lugar, ordenou ao criado que se retirasse, e aproximando-se da janela, apoiou-se no parapeito, fixando o olhar na casa em frente.

A noite estava escura, o ar era morno, e até o jovem chegava o aroma das flores que enfeitavam a varanda da casa da vizinha.

As venezianas estavam fechadas, e quase não se via sequer um facho de luz fraco entre elas. O que Rafael podia perceber claramente era o som doce e melancólico de uma peça musical tocada magistralmente na harpa.

— Daria tudo para ver aquela que assim expressa, com a música, as sensações de sua alma! — exclamou.

Pouco a pouco, todas as luzes foram se extinguindo, a casa em frente ficou como a de Rafael, envolvida nas sombras, e então o jovem ouviu o barulho de venezianas que se abriam. Vagamente vislumbrou a figura esbelta e graciosa de uma mulher vestida de branco, que apareceu na varanda, apoiando os braços na balaustrada. E assim passou um quarto de hora. Em seguida, os sinos da igreja vizinha começaram a tocar com tal intensidade, que os dois vizinhos não puderam evitar o assombro.

No entanto, a surpresa de Rafael não durou muito tempo, pois logo avistou de longe um clarão avermelhado e uma coluna de fumaça que se elevava ao céu.

Um homem passou rapidamente pela rua.

— Meu Deus, o que está acontecendo? — perguntou ela dirigindo-se, sem hesitar, ao transeunte, que não a ouviu.

Rafael, ao escutar aquele doce tom de voz, se sentiu impressionado, e apressou-se a responder.

— Senhora, é um incêndio.

— Um incêndio! E sabe-se onde?



— Deve ser na fábrica de papel de parede que não fica longe daqui.

— Que tragédia! — exclamou a vizinha. — Muitas famílias irão perecer se o fogo for de grandes dimensões!

— Corrirei a vê-lo, e logo lhe trarei notícias.

Meia hora depois, Rafael voltava a ocupar o seu posto na janela de casa.

— Senhora — disse ele à vizinha, que permanecia imóvel —, o incêndio foi apagado e não há grandes perdas a lamentar. O povo todo trabalhou duro para que o fogo se extinguísse.

— Graças aos céus, posso me retirar tranquila. Agradeço-lhe pelo serviço que me prestou, pois agora sei que não tenho que lamentar nenhuma infelicidade.

— A senhora já vai?

— É muito tarde.

— A senhora quer me fazer um favor?

— Se estiver ao meu alcance...

— Precisamente, que antes de se retirar a seus aposentos, toque por um momento a harpa.

A vizinha se retirou e, pouco depois, voltaram a soar os suaves acordes do instrumento. Rafael não se moveu da janela até que a vizinha parou de tocar, então ele se afastou, e durante a noite, não deixou de sonhar com ela.

### III

Às onze em ponto da noite seguinte, Rafael apareceu, e a vizinha não demorou a imitá-lo. Haviam se falado na véspera, e era natural que se cumprimentassem, mesmo sem, de fato, se verem. Ambos tinham curiosidade por saber quem era o outro, e ele saiu com a conversa sobre este assunto. Começou dizendo:

— Faz muito tempo que a senhora está na cidade?

— Quinze dias — respondeu ela.

— Eu também cheguei faz pouco tempo. Vivia em Madri e tinha nestas terras um irmão de minha mãe, a quem eu queria muito, e que morreu recentemente, deixando-me como herdeiro de todos os seus bens. Meu tio era muito conhecido e apreciado aqui, Sr. Antônio León.

— Era amigo do meu pai — interrompeu ela.

— É possível. Como se chama o senhor seu pai?

— Pedro Vázquez.

— Não lembro de ouvir falar deste nome. Ainda é vivo?

— Tenho a infelicidade de ser órfã.

— E a senhora está aqui sozinha?

— Completamente sozinha.

— A senhora não tem família, nem irmão, nem marido? — perguntou Rafael.

— Não tenho irmão, e sou solteira — respondeu ela.

O jovem respirou aliviado.

— A senhorita vive nesta cidade por prazer? — perguntou após um instante.

— Os médicos me mandaram respirar os ares puros do campo, e eu optei preferencialmente por este lugar, porque não fica longe da capital, onde sempre morei. Na verdade, sei que não importa o que eu faça, será inútil, pois para o meu mal não há remédio.

— A senhorita está doente?

— Sim senhor.

— Não deve ser tão grave quanto pensa.

— Tanto que temo morrer aqui.

— Por que a senhorita tem um pensamento tão triste?

— Queria estar enganada — murmurou ela —, pois aos vinte e cinco anos ninguém morre contente, mas se é da vontade de Deus, me conformarei.

— Bem, a senhorita é jovem. — Agora me falta vê-la e descobrir o seu nome — pensou Rafael.

Houve uma breve pausa, e ele continuou:

— Não vejo a senhorita em lugar nenhum.

— Não vou a outros lugares além do meu jardim — respondeu ela.

— Nem mesmo à missa?

— Para mim, é rezada na capela que tenho em minha casa.

— Alguém lhe proíbe de sair?

— Eu mesma me proíbo.

— Posso saber por quê?

— É um segredo.

— Seria indiscrição fazer-lhe outra pergunta? — prosseguiu Rafael.

— De modo algum — respondeu a jovem. — Fale...

— Desejaria saber o nome de minha vizinha.

— Me chamo Carlota. E o senhor?

— Eu sou Rafael Torres. Só me falta pedir-lhe um favor: a senhorita apareceria, todas as noites, por alguns instantes, para que eu possa vê-la?

— Aparecerei com muito prazer.

— Não faltará nunca?

— Nunca. O relógio da paróquia marca meia-noite, e é hora de me retirar. Boa noite.

Os dois se retiraram, mas desde aquele dia se falaram no horário combinado, e logo puderam se convencer de que não eram indiferentes um ao outro.

#### IV

Quando Anselmo, Santiago e Genaro voltaram à cidade, Rafael ainda não podia dizer a eles como era o rosto da misteriosa vizinha.

Mesmo com o tempo sereno, a lua saía tão tarde que Carlota e Rafael se retiravam antes que a rainha da noite difundisse sua luz de prata sobre a terra. Parecia que ambos os jovens tomavam um cuidado especial para não se encontrarem nas ruas ou travessas, o que não era nada de peculiar, porque Carlota jamais abandonava sua residência, e quanto a Rafael, por conta do luto por seu tio, também não saía muito para se divertir, e unicamente visitava seus amigos. Estes se afastaram novamente do lugar, prometendo a Rafael voltar para vê-lo logo.

E assim estavam as coisas, quando o jovem, por fim decidiu dizer a Carlota que a amava, tendo a imensa satisfação de saber que era correspondido. Foi um daqueles amores por demais estranhos. Falavam-se de noite, não se conheciam, nem pareciam desejar se ver.

Ele podia perceber que ela era alta, esbelta e elegante, mas não podia distinguir sua fisionomia. Ela acreditava que ele tinha estatura mediana, que seu porte era elegante, mas ignorava se era feio ou bonito. De que importava isso? Seu amor tinha muito de ideal e algo de fantástico, ambos sonhavam com a beleza da alma, se importando pouco com o exterior. Mas jamais conversavam sobre isso, os dois viviam em um erro do qual ninguém podia salvar-lhes.

Rafael tinha um criado que lhe tinha verdadeiro carinho, e Carlota, como já havíamos dito, dois velhos serviçais que a conheciam desde pequena. Os três criados se falavam com frequência, e um dia, pela manhã, toparam-se na rua, a velha Dominga e o bom Roque.

— Que tal está a sua senhora? — perguntou ele.

— Um pouco frágil — ela respondeu. — E o seu senhor?

— Meu amo segue bem — respondeu Roque.

— Há quantos anos você está a serviço da senhorita Carlota?

— Vinte. Ela tinha cinco anos quando fui trabalhar em sua casa. Gosto dela como se fosse minha filha. Ficou órfã muito pequena e já era muito frágil e doente, agora tem estado um pouco mais forte, mas os médicos me disseram em segredo que ela não viverá por muitos anos. Não sei como poderei ficar sem ela.

— E... sua ama é bonita? Como são os seus cabelos?

— São loiros.

— E suas feições?

— Nunca prestei atenção.

— Como são os seus olhos?

— Os olhos? Ah! Não sei. E o seu senhor, como é?

— Como muitos outros homens quanto à aparência, mas é tão bondoso! Eu nunca trocaria de amo!

— Quem dera tivéssemos os mesmos padrões! — suspirou Dominga.

— Quem dera! — repetiu melancolicamente Roque.

E ambos se separaram tristes e pensativos.

## V

Chegou o outono, e nem Rafael nem Carlota pensaram em voltar para a capital. Ambos viviam felizes em meio àquela solidão que lhes rodeava, se amavam com ternura, e não havia nada de mais puro e mais poético do que suas conversas noturnas, que iam se tornando mais longas, conforme anoitecia mais cedo.

Um dia a jovem faltou ao encontro, e Rafael, cheio de ansiedade, a esperou inutilmente até que surgiram os primeiros raios do dia. Na manhã seguinte, Rafael enviou Roque para perguntar o que havia acontecido, incluindo-lhe a missão de levar uma carta para Carlota. O fiel criado soube por Dominga que a senhora estava doente e que, desde o dia anterior, não conseguia abandonar o leito. Avisado, o médico

dissera que a jovem estava em condições muito graves, pois seu coração padecia, e ele não tinha esperanças de curá-la.

A dor de Rafael não teve limites, a presença dos três amigos, que acabavam de chegar à cidade com o objetivo de passar com ele uma curta temporada, não bastou para lhe consolar.

Em uma manhã, os sinos da paróquia ressoaram um badalar fúnebre. Carlota morrera sem que Rafael conseguisse vê-la. O que não havia pensado da jovem em vida, quis realizar após sua morte, almejou olhá-la de perto ao menos uma vez e, quando soube que chegara a hora do enterro, dirigiu-se lentamente ao cemitério, acompanhado por Anselmo, Genaro e Santiago, que conheciam seu amor e não queriam se separar do amigo.

Logo parou na porta do santuário o carro que trazia os restos mortais da infeliz jovem. Quatro homens baixaram o caixão, o levaram para junto de uma sepultura aberta e o depositaram no chão.

Descoberta a caixa, e enquanto o padre recitava em um tom monótono a oração aos defuntos, Rafael deu alguns passos adiante, murmurou várias palavras ininteligíveis, e teria perdido os sentidos e caído no chão, se seus amigos, quando correram até ele preocupados, não o tivessem segurado pelos braços. O primeiro que fizeram foi afastá-lo daquele triste lugar, levando-o a um local distante, dentro do próprio cemitério, do qual não se via o enterro de Carlota. Graças aos cuidados dos três amigos, o jovem voltou a si.

— Onde está? Quero vê-la! — exclamou, desvencilhando-se dos braços dos seus companheiros.



— Apoie-se em mim e eu lhe levarei até onde está o corpo — disse Genaro.

Quando chegaram, o caixão estava dentro da sepultura, quase coberto pela terra que o coveiro jogava sobre ele.

— É muito tarde! — murmurou Rafael.

Um velho que chorava, olhou-o surpreso.

— Senhor — disse —, eu sou Gil, o criado da senhorita Carlota. Não posso deixar de agradecer a dor que o senhor demonstra pela sua morte. Diga-me seu nome para que eu o recorde eternamente.

— Sou Rafael.

— Rafael! — repetiu Gil com assombro. — O senhor era o vizinho?

— O próprio.

— Ela gostava muito do senhor! Por que nunca foi visitá-la?

— Hoje, que Carlota está morta, não tenho porque ocultar — disse Rafael, tristemente. — Imaginava a minha vizinha como uma mulher tão bela quanto espiritual. Eu sabia que minha aparência devia desagradá-la, e lhe amei à luz das estrelas, quando Carlota não podia me ver muito bem. Acredito que minha alma vale mais que meu corpo, pois ela me quis, enquanto as outras mulheres que me viram me desprezaram, e isso me obrigou a ocultar-me constantemente da minha vizinha. Por isso, fugi das ocasiões de vê-la, para que Carlota não me visse.

— Mas por que, senhor?

— O porquê é nitidamente visível — murmurou Rafael. — Você não vê o meu corpo defeituoso, e meu rosto feio e repulsivo?

— Senhor, senhor! — disse o criado —, esse não era motivo suficiente para que o senhor não se apresentasse à minha ama. Ela também fugia das ocasiões de encontrar o senhor, lhe atormentava a ideia de que ao conhecê-la, não a amasse. Ela se encontrava igualmente abandonada pelos homens, nos quais não encontrava carinho nem proteção, temia que se o senhor a visse, a esqueceria...

— Mas por quê? — interrompeu Rafael.

— Tinha uma velhice prematura, seus cabelos embranqueceram, rugas precoces percorriam sua face, chorava muito por sua desgraça, e antes encontrava consolo somente na música, depois, em seu amor. Mal chegava a noite, seu rosto se animava, parecia não ter alma, a não ser para escutá-lo, e naquelas horas, recobrava vida e forças para o dia seguinte. Por que não foi vê-la? Disse que não é bonito, que o céu o castigou tornando-o aleijado. Ah, minha senhora não saberia! Ela o adoraria para sempre, e o senhor a teria adorado do mesmo modo.

— Mas minha aparência...

— Minha ama não teria visto: a senhorita Carlota era cega de nascença.

— Meu Deus! — murmurou Rafael. — Perdi a única mulher na terra que poderia me querer.

# A VOCAÇÃO

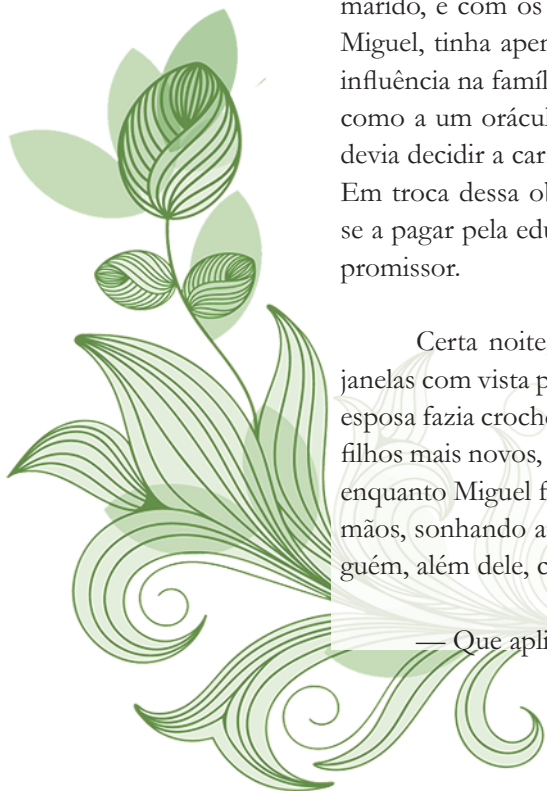
TRADUÇÃO DE VIRGINIA CASTRO BOGGIO

## I

O padre da cidade de C... vivia com o irmão, militar reformado, com a esposa deste, uma senhora virtuosa que só desejava agradar o marido, e com os três filhos do matrimônio, dos quais o mais velho, Miguel, tinha apenas dezesseis anos. O padre Antonino tinha grande influência na família, que não fazia nada sem consultá-lo e o respeitava como a um oráculo. A ele foi confiada a educação das crianças, e ele devia decidir a carreira que haveriam de seguir, tendo ou não vocação. Em troca dessa obediência passiva, o padre Antonino comprometia-se a pagar pela educação dos sobrinhos e a dar-lhes um futuro bom e promissor.

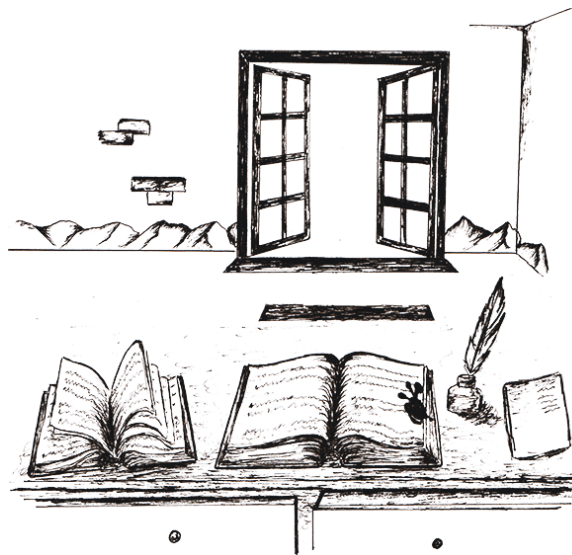
Certa noite, a família estava reunida na pequena sala de duas janelas com vista para a praça. O militar lia um jornal em voz baixa, sua esposa fazia crochê, o padre limpava os óculos e Javier e Mateo, os dois filhos mais novos, tentavam em vão decifrar um problema complicado, enquanto Miguel folheava distraído uma gramática latina que tinha nas mãos, sonhando acordado com uma música ao fundo, que talvez ninguém, além dele, conseguisse ouvir.

— Que aplicados! exclamou de repente o padre Antonino.



Os três garotos deram um pulo. Javier manchou o caderno com tinta, Mateo acotovelou o irmão para mandá-lo prestar mais atenção, e Miguel leu algumas linhas de gramática, mal contendo um bocejo.

— Tenho sobrinhos que são três joias — continuou o bom padre.



Juan, o militar aposentado, suspendeu a leitura, olhou para a sua prole, cujo comportamento deveria deixá-lo satisfeito, e esperou que o irmão continuasse falando.

— É preciso pensar em dar uma profissão a esses meninos — disse o padre Antonino.

— Vejamos, Mateo, o que você gostaria de ser?

— Eu — respondeu o menino meio encabulado — gostaria de ser médico, se o senhor não vir inconveniente nisso.

— E por quê?

— Por quê? — repetiu o menino. — Olhe, eu não sei por que, mas acho que é porque os médicos ficam ricos, e alguns têm até carruagem.

— E você, Javier?

— Eu, tio, com a permissão do senhor — gostaria de ser poeta.

— Que profissão é essa, garoto?

— Não sei como explicar ao senhor, mas deve ser boa porque eles cantam o céu, a terra, o mar e outras coisas mais estranhas, e às vezes revelam ver o que ninguém viu e saber o que os outros ignoram.

— E você, Miguel?

— Eu — exclamou alçando os olhos — quero ser militar como meu pai.

— E por quê?

— Para alcançar a glória, extasiar-me com o estrondo das batalhas e honrar o nome da família, que é de homens valentes.

O padre Antonino balançou a cabeça com um gesto de desaprovação.

— Eis aqui — disse ele afinal — três garotos que não conhecem sua verdadeira vocação. Vi o progresso que fizeram nos seus diferentes estudos e tenho certeza de que Mateo se tornará um excelente arquiteto, Javier, um erudito professor de escola, e Miguel, um bom sacerdote. Essas são as carreiras que vocês devem seguir, se seu pai não se opuser. Mas não acho que me dará esse desgosto.

— Façamos tudo como você deseja — respondeu Juan.

Mateo e Javier pareceram conformados e retomaram os estudos. Quanto a Miguel, pegou distraidamente o livro, sem fixar nele os olhos, mas, sem ver tampouco o céu para o qual a educação de seu tio o prepararia, voltou o olhar para a janela de uma pequena casa onde brilhava uma luz, e em cujo interior soavam os doces acordes de um piano. Enquanto isso, o bom padre dizia:

— Veja, Juan, como os meninos parecem felizes. Adivinhei a vocação de cada um.

## II

O padre Antonino não costumava ser desobedecido, e as crianças seguiram os estudos escolhidos por ele, sem que nenhuma delas reclamasse. Mas se o padre tivesse acompanhado mais de perto os meninos, teria observado que Mateo saía de casa sorrateiramente para ir ao hospital acompanhar o médico em suas visitas diárias, que Javier manchava páginas escrevendo linhas desiguais, e que Miguel usava o velho uniforme do pai, segurava suas armas e, o que mais o teria alarmado, traçava nas paredes e no chão, com a ponta da espada o nome de uma mulher: Margarida.

Quem era Margarida? Uma jovem, ainda menina, que morava na casa para a qual Miguel sempre olhava, filha de um ex-professor de piano, atual organista da igreja de C... Tinham se conhecido havia alguns meses, e os dois se amavam sem se darem conta do que sentiam.

Embora a paixão fosse um mistério para Miguel, que acreditava amar a garota com um carinho fraternal, ele se opunha à vontade do tio e planejava rebelar-se contra ela tão logo surgisse uma ocasião. Assim se passaram os dias, meses e até anos, e chegou a noite em que Margarida e Miguel declararam o amor que tinham um pelo outro e perceberam com prazer que o pai da menina, longe de se opor aos seus amores, os patrocinava.

— Amanhã irei ver seu pai para pedir que deixe você seguir a carreira que deseja e se case com minha filha, já que vocês se amam — disse-lhe.

Naquela noite, o padre Antonino chamou o sobrinho mais velho e falou com ele da seguinte maneira:

— Você já estudou o suficiente em C... para seguir a carreira eclesiástica. Agora é necessário que você vá a outro lugar para terminar seus estudos.

— Tio — respondeu o jovem com firmeza — é hora de o senhor desiludir-se e saber que eu fiz esses estudos somente para agradá-lo e que estou determinado a não ser padre.

— Como? Eu ouvi corretamente? — perguntou o padre.

— Não tenho vocação para sê-lo. Além do mais, estou apaixonado e quero me casar com a mulher que amo.

— Você acha que é suficiente, — continuou o padre Antonino — dizer somente isso para abandonar sua carreira? Você nos enganou de modo infame, fez-me gastar minhas economias e isso é um roubo que você fez aos seus pais, aos seus irmãos e a mim. Que carreira você seguirá agora que nos deixou sem recursos?

— Uma que não vai custar nada ao senhor. Amanhã vou me alistar no exército como soldado. Sou profundamente grato por sua ajuda, mas não tenho coragem para renunciar ao mundo. Tio, o senhor nasceu para ser eclesiástico, e eu não. Deixe que cada um siga seus gostos e trace seu próprio caminho.

— Os seus irmãos também não queriam ser o que serão e me obedeceram.

— Tio, Mateo nunca será um arquiteto — nem Javier, um professor de escola; o tempo dirá.

E, de fato, o tempo encarregou-se de cumprir a profecia de Miguel.

### III

Juan ficou irritado com o filho assim que soube de sua decisão, não porque não gostasse que Miguel fosse um soldado, mas porque estava desobedecendo ao padre Antonino. A mãe queria dissuadir o jovem de sua teimosia, mas ela também não conseguiu nada. Quanto ao organista e à sua filha, eles não ousaram implorar para que ele ficasse na cidade, pois Miguel, para agradar o padre, teria de desistir de Margarida para sempre.

Ela e Miguel juraram amor eterno, e o jovem deixou o lugar, prometendo à amada não voltar até que fosse digno de obter sua mão.

Uma semana depois, Javier abandonava a casa, fugindo para a capital em busca de aventuras. Mateo era, portanto, o único filho que restava ao infeliz Juan.

Ele e a mulher, alarmados com a ausência de Miguel e a fuga de Javier, decidiram deixar Mateo seguir a carreira que ele queria, e o rapaz, depois de alguns anos, chegou a ser médico, contra a vontade do tio, que sempre afirmava que o garoto tinha talento para ser um grande arquiteto.

Miguel escrevia com frequência para os pais e para Margarida. Graças ao seu trabalho e ao bom comportamento, o jovem tornou-se oficial e só esperava ganhar o posto de capitão para retornar à cidade e casar-se com a filha do organista. Quanto



a Javier, ninguém mais teve notícias dele, nem tampouco de Mateo, por quem ele tinha uma forte preferência.

Fazia muitos anos que os dois jovens haviam abandonado o país, quando chegou uma notícia que espantou Juan e sua família. Estourara a guerra civil, e um dos regimentos enviados para apaziguar a insurreição era aquele do qual Miguel era tenente.

A mãe fez muitas promessas, assim como a noiva, para que a Virgem o protegesse; e a primeira notícia que tiveram dele foi que, em um enfrentamento com as tropas rebeldes, ele se comportara com tanta coragem que obteve a tão desejada patente de capitão.

#### IV

Pouco tempo depois, a sorte do pobre jovem foi-lhe contrária. Prisioneiro em uma emboscada habilmente armada pelo inimigo, ele e muitos de seus companheiros foram, traiçoeiramente, encarcerados, julgados pelo conselho de guerra e condenados à morte, devendo ser fuzilados, em uma esplanada, dois dias após a sentença. Na véspera, à noite, Miguel e seus companheiros, quase todos soldados, estavam reunidos na sala mais alta de um castelo. Alguns escreviam para suas famílias e noivas, outros meditavam tristemente, alguns poucos dormiam.

Miguel, assomando à janela, com as mãos agarradas às grades, pensava em sua infância tranquila, nos pais, nos irmãos, no tio, na mulher pela qual ele havia buscado a glória e ambicionado a fortuna, no risonho lar, em todo esse passado tão bonito.

— E morrer assim — murmurava — prisioneiro, sem que ninguém me defenda ou ampare, ver meu nome insultado pelo inimigo! Se eu tivesse morrido em uma ação de guerra, não lamentaria o meu destino. Isto buscava: ou morte ou fama. Pai,

pai! — ele continuou. — Não fui o filho submisso que você queria, não cumpro com a sua vontade, me opus aos seus desejos e Deus me castiga cruelmente. E você, mãe de minha alma, como resistirá a essa tristeza? Você sofreu tanto por mim, para que minha existência achasse tão triste fim? Não encontrarei uma maneira de morrer com honra?

E o jovem sacudia as barras da janela, contemplando com inveja o abismo que se abria sob o parapeito. Lá ele passou a noite, pálido, agitado, mal ouvindo o padre enviado para prepará-lo para a morte. Por fim, a luz do amanhecer, que começava a iluminar fracamente a terra, tirou-o de seu estupor. Ele entregou ao cura as cartas que havia escrito para a família, na tarde anterior, e esperou com indizível angústia que fossem buscá-lo para a terrível execução. A hora aproximava-se, não havia mais forma de se salvar.

— Mãe dos Desamparados, santa padroeira da minha terra abençoada — disse ele em voz baixa e com um tom desesperado — se me livras desta morte humilhante, prometo consagrar-me para sempre ao seu Divino Filho!

Então ele permaneceu calmo e esperou com mais resignação a hora da morte. Soaram as seis no relógio do castelo, alguns soldados entraram e deram a ordem aos prisioneiros para porem-se em marcha. Todos obedeceram, mudos e sombrios, atravessaram corredores, desceram estreitas escadas, deixaram a prisão e rumaram para a esplanada, onde mais soldados e oficiais rebeldes esperavam. Os chefes deveriam ser baleados primeiro, e Miguel foi designado o quarto a morrer.

Vendaram os olhos dos dois primeiros, um após o outro. Abriram fogo, e aqueles corajosos caíram. Já iam fazer o mesmo com o terceiro, quando chegou um ordenança com uma folha que entregou a um oficial. Seu conteúdo dizia que tropas leais estavam se aproximavam para salvar seis camaradas indefesos e era necessário que todos se preparassem para o combate.

— Que ergam armas contra os seus — gritou um oficial. — Enquanto isso, voltem para a prisão. Foi assim que Miguel foi salvo, mas longe de lutar contra seus irmãos, encontrou uma maneira de escapar com outros soldados, e ajudou com seu arrojo a libertar os infelizes prisioneiros. Ele ainda participou de várias batalhas e, um ano depois de ser salvo da morte certa, voltou à cidade, quando falou aos pais e ao tio sobre a decisão de tornar-se padre. Margarida ainda morava no mesmo lugar, mas Miguel não queria vê-la, para não esmorecer no cumprimento de seu dever. Assim, enquanto Mateo e a mãe permaneciam em C..., Juan, o padre Antonino e o jovem saíram de lá por algum tempo.

## V

Certa noite de verão, Mateo e a mãe estavam em uma sala no térreo da casa, a mesma em que o velho padre havia decidido o futuro de seus três sobrinhos no início desta história. Como então, ouvia-se o piano de Margarida ao longe, mas ninguém o escutava. Mateo lia, e sua mãe bordava, ambos sentados à mesa.

Eram dez horas, quando um homem parou em frente à janela, olhou da praça para o interior do cômodo, escuro e solitário, e murmurou, com uma voz quase imperceptível, o nome de Mateo.

O médico ouviu-o e também a mãe. O primeiro pôs-se em pé, tentando reconhecer aquele tom, a segunda não hesitou um instante, e correu para a janela de braços abertos, pronunciando estas palavras:

— Meu filho!

Pouco depois, Javier entrava na casa e estreitava a mãe e o irmão contra o peito. Depois de ouvir a história de Miguel, ele começou a sua nos seguintes termos:

— Em busca de aventuras, sonhando com a glória, sem dinheiro mas cheio de esperanças e ilusões, deixei minha cidade a pé e parti para Madri, não sei como. Quem lembra ainda das privações pelas quais passei e das decepções que sofri? O tempo passou, escrevi, minhas obras tiveram bom êxito: eu era poeta! Vocês, tranca-dos neste lugar, não imaginam a embriaguez dos louros, as alegrias que dão a vaidade satisfeita, o sonho realizado. Um dia, lembrei-me de que, neste canto do mundo, meus pais e meus irmãos deviam chorar minha ausência. Perdoem-me, não as horas felizes de minha vida, mas aquela em que sofri minha derrota, a primeira, um desses tombos do qual dificilmente a gente se levanta. Vim aqui atrás de seu carinho, de seus afagos. Mãe, sou infeliz.

— Você também! — ela exclamou. — No entanto, você seguiu a sua vontade. Onde está, então, a felicidade?

— Os três irmãos — continuou Javier — levando em conta as suas aspira-ções, seguimos o caminho traçado por nós. Miguel foi soldado, Mateo, médico, eu, poeta. O primeiro trocou o uniforme pela batina, impulsionado pelos acontecimen-tos; o segundo é um médico pobre do interior, que nunca andarás na carruagem com que sonhava; eu, hoje, um poeta ridicularizado, amanhã esquecido. Isso prova para mim, mãe, que a vocação não tem utilidade sem a bênção dos pais e a ajuda da Pro-vidência, e bem disse aquele que afirmou que a sorte não pertence a quem a busca, mas a quem a acha.

## VI

Alguns anos mais tarde, Dom Antonino morreu, e Miguel foi nomeado para substituí-lo como pároco de C... Fazia dois dias que ele havia chegado, quando foi chamado para um casamento. As admoestações solenes haviam sido ministradas pelo padre anterior, e o noivo não queria adiar o casamento com a vinda do novo sacerdote.

Quando este saiu ao altar, a noiva e o noivo já o esperavam no templo. A noiva, embora muito bonita, não se encontrava em sua primeira juventude. Ela estava discretamente vestida de preto e espantosamente pálida. O namorado era um agricultor rico, de fisionomia bastante vulgar.

Dizia-se que o casamento fazia-se por conveniência, pois a noiva havia ficado órfã e sem amparo.

Quando tudo estava pronto, a noiva e o noivo aproximaram-se do pároco. Ela ergueu os olhos, fixando-os por um momento no padre, levou as mãos ao coração, como se quisesse conter seus latejos, e apoiou-se no braço da madrinha, que mal teve tempo de segurar a jovem para que ela não caísse no chão. Miguel olhou-a um instante, um fogo estranho brilhou em seus olhos, mas ele imediatamente acalmou sua emoção e esperou, aparentemente calmo, que voltasse Margarida de seu desmaio — pois era ela! — para começar a cerimônia.

A noiva também finalmente se controlou e ajoelhou-se ao lado do noivo, que não observou que as mãos da jovem estavam tremendo e que quase não se ouvia a sua voz, afundada em lágrimas. O padre de C... casou a única mulher que amara no mundo e após celebrar o santo sacrifício, recolheu-se à sua casa e trancou-se no quarto. Pegou um livro de orações para fortalecer seu espírito e, em voz baixa, como se não quisesse fazer-se ouvir por si mesmo, murmurou:

— Hoje entornei o cálice de amargura que unia Margarida a outro homem. Ao fazer isso, entendi que ela ainda me ama e que não esqueci tudo o que devia. Não devemos mais nos ver neste mundo. O espírito é fraco no homem, que nasceu para as alegrias da terra e deseja obter as do céu. Amanhã partirei desta cidade. Mãe dos Desamparados, padroeira do meu povo abençoado, acho que ficarás orgulhosa de mim!

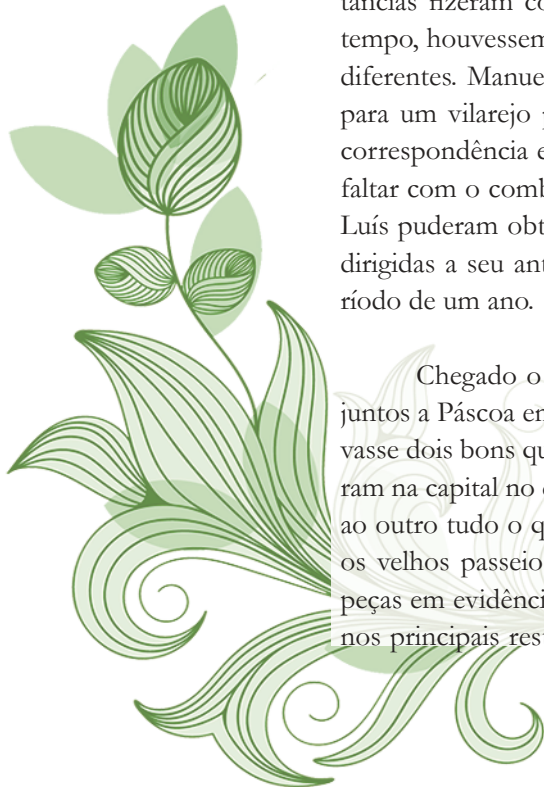


# A VALSA DE FAUSTO

TRADUÇÃO DE MURILO LIMA MUNHOZ

Manuel, Luís e Alberto haviam estudado juntos em Madri. O primeiro havia seguido a carreira de médico, e os dois últimos, a de advogado. Os três tinham mais ou menos a mesma idade, e as circunstâncias fizeram com que, terminados seus estudos quase ao mesmo tempo, houvessem em seguida se separado para irem viver em regiões diferentes. Manuel partira para Barcelona, Luís para Sevilha, Alberto para um vilarejo pobre da Estremadura. Todos prometeram manter correspondência e durante alguns anos o fizeram, sendo o primeiro a faltar com o combinado o jovem Alberto, de quem nem Manuel nem Luís puderam obter notícias, a despeito de suas contínuas cartas que, dirigidas a seu antigo companheiro, não obtiveram resposta pelo período de um ano.

Chegado o mês de dezembro, Luís e Manuel decidiram passar juntos a Páscoa em Madri. Pediram a um amigo em comum que reservasse dois bons quartos na mesma hospedagem e, assim, ambos entraram na capital no dia 24. Abraçaram-se com entusiasmo, contaram um ao outro tudo o que não haviam podido dizer por escrito, retomaram os velhos passeios, frequentaram os cafés e os teatros, assistiram às peças em evidência, elogiaram as melhorias feitas na cidade, comeram nos principais restaurantes, falaram de seus novos amigos, e assim se



passou uma semana. Ao final dela, em primeiro de janeiro, Luís e Manuel, andando pelo Retiro, não viram de imediato que um jovem de bonito aspecto, fisionomia pálida e estatura elevada, observava-os atentamente. Luís foi o primeiro a notá-lo e pregou seu olhar com assombro no cavalheiro.

— Juraria que é o Alberto — murmurou.

— Onde está? — perguntou Manuel.

— Ali, na nossa frente. É impossível que você não o esteja vendo, pois está sozinho.

— De fato — disse o médico — embora esteja bastante mudado, é nosso amigo, posso reconhecê-lo. Parece sofrer!

— Que tal se fôssemos buscá-lo?

— Agora mesmo.

Ao aproximarem-se de Alberto, que os esperava imóvel, abraçaram-no, e o jovem reagiu com frieza à empolgação dos dois. Questionado sobre o seu longo silêncio, respondeu-lhes que tinha sido muito infeliz e que não se sentira digno de responder àquelas cartas em que Luís e Manuel partilhavam de suas alegrias e sucessos.

— A tristeza é egoísta — disse. — Sendo tão infeliz, eu quis que o mundo inteiro padecesse o mesmo que eu. Agora que já não sofro, desejo que me digam vocês o que fizeram nesses seis meses, desde que deixei minha cidade na Estremadura para ir... Aonde fui? Esqueci-me por completo.



— Eu — disse Manuel — conheci, faz algum tempo, em Barcelona, uma jovem bonita e discreta, de quem com frequência lhes falei em minhas cartas. Curei seu pai de uma doença grave, velávamos juntos o paciente, víamo-nos todos os dias e quase a todas as horas e, como aquela cura ficou célebre, e muitas famílias chamaram-me, asseguraram-me um futuro brilhante e casei faz cinco meses, podendo considerar-me hoje o mais venturoso dos mortais. Assuntos pessoais atraíram-me a Madri, e, não fosse pelo prazer que tenho em achar-me na companhia de vocês, estaria desesperado por ficar tantos dias longe de casa.

— Eu — continuou Luís — comecei em Sevilha como aprendiz na casa de um famoso advogado, pai de duas lindíssimas jovens. Eu as via com frequência, conversava com elas em sua casa, no passeio, no teatro, e não tardei a descobrir que a mais velha não me era de todo indiferente. Uma feliz inspiração que tive fez seu pai ganhar uma ação que se acreditava perdida, e desde então, ele passou a recomendar-me a vários amigos seus, associou-me aos seus negócios, cheguei a obter muito dinheiro e, o que é melhor, a mão de sua filha. Vim encomendar joias e enfeites para ela, pois desejo que não haja mulher trajada com mais luxo, da mesma forma que não existe mais bela nem mais pura. Pensei que longe dela fosse viver desesperado na capital, e assim teria sido, se Manuel não me tivesse escrito dizendo que vinha. E se não tivesse também tido a sorte de encontrar-me com você, meu querido Alberto.

— Quer dizer — perguntou este — que ainda são felizes?

— Sim, meu amigo — respondeu Luís — e queremos que você também seja. Mas, antes de mais nada, onde está ficando?

— Na Rua dos Inválidos, número...

— Nós estamos no hotel de... Por que não vem ficar conosco?

— Não posso.

— Mas ao menos venha esta noite visitar-nos para comermos juntos.

— Não vejo inconveniente.

— Você, Alberto, não nos contou sua história.

— É bem breve — murmurou o jovem. — Conheci em um povoado da Estremadura, aonde me levava a minha má sorte, uma moça linda, instruída e amável que, educada na capital, tivera, como eu, de recolher-se a um lugar sem nenhum atrativo, após terminados os estudos. Não parecia saber mais do que o que lhe haviam ensinado as veneráveis madres do convento. Sua ingenuidade encantava-me, fascinava-me sua beleza, e a sua candura era causa de minha admiração. Chamava-se Clementina. Certa manhã, chegou à cidade um regimento que devia permanecer ali por algumas semanas e, entre os oficiais, havia um de simpática figura, porte elegante e boas maneiras, de quem me tornei logo amigo, depositando nele o segredo de meu amor com uma confiança cega, própria somente de uma criança. Fará quatorze meses isto que lhes vou contar. Uma noite de novembro, triste e silenciosa, fui até a casa de Clementina, quando...

Alberto parou, e seus amigos imitaram-no, uma palidez de morte cobriu o seu semblante e teve de apoiar-se no braço de Manuel para não cair.

Ao lado deles, um rapaz feio e disforme tocava uma famosa ária italiana em um péssimo violino. Algumas pessoas caridosas atiravam moedas de cobre das sacadas das casas, e o menino deixou de tocar para recolher a esmola.

Alberto começou a acalmar-se, mas, quando o artista pegou o violino de novo e continuou a tocar a música interrompida, o jovem sentiu o mesmo mal-estar, des-

preendeu-se dos braços de seus amigos e começou a correr como um louco, sem que nem Manuel nem Luís conseguissem detê-lo.

— A música tem bastante influência sobre ele — disse o primeiro.

— Sim, o faz sofrer — acrescentou o segundo. — Mas por quê?

Voltaram para a hospedaria, tristes e preocupados.

À noite, quando iam comer, apareceu Alberto, mais sereno e mais tranquilo. Os três sentaram-se à mesa de uma peça reservada, situada próximo a um grande salão, no qual se escutavam as vozes de muitas pessoas conversando.

— Preciso acabar de contar a minha história para vocês — disse Alberto, tão logo serviram a sobremesa. — Ia contar, se não me engano, como certa noite de novembro me dirigi à casa de Clementina. A jovem não me esperava atrás da persiana, como das outras vezes. Achei a porta destrancada, entrei e vi-a conversando com o oficial. Ela havia-me chamado às nove. Eu achei que era essa a hora no meu relógio, quando eram apenas oito horas. Clementina deu um grito ao ver-me, o oficial levou involuntariamente a mão à espada, e aquele grito e aquele movimento revelaram-me toda a extensão de minha desgraça. Não sei o que fiz, não me lembro, talvez eu tivesse perdido a consciência, pois, quando voltei a mim, vários homens seguravam-me. Passaram-se três meses e ao cabo deles vi de novo aquela pérfida. Seu casamento com o oficial era coisa resolvida, e eu estava em Badajoz, onde tinha ido buscar alguns documentos de família. Naquela época, um notável da cidade estava dando um grande baile, ao qual eu havia sido convidado. Clementina estava nele, radiante de beleza. Vi-a dançar com muitos, sem ousar aproximar-me, mas, ao ouvir exclamarem “esta é a última valsa!”, não pude mais me conter e disse a ela:

— Amanhã deixarei o povoado para não vê-la nunca mais. Deseja dançar comigo pela última vez? Não falarei de amor, não direi nada que possa ofendê-la.

Se havia um resto de compaixão na alma daquela mulher, acho que nesse momento ela teve por mim. Levantou-se e logo nos confundimos com os demais pares. Aquela valsa parecia durar muito tempo. A música já havia acabado e seguíamos dançando, sem que ninguém nos pudesse deter. A expressão de meu rosto, dizem, era terrível, e Clementina, pálida e sem fôlego, repetia sem cessar:

— Basta, por Deus, basta!

Ao fim, rendi-me, mas, antes de separar-me daquela amada mulher, aperteia-a com toda a força em meus braços, em seguida a olhei e vi seus olhos fechados e a sua frente pálida, e notei sua mão gelada. Apartaram-na de mim e ouvi gritarem:

— Morta! Ele a matou!

— Não sei o que aconteceu depois. Contam que fiquei louco e que me prenderam durante seis meses no manicômio de São Baudílio.<sup>1</sup> Graças a meu pai, saí daquela casa e de lá fui enviado a Madri. Estou quase totalmente curado, e digo quase porque, quando ouço música, imagino ainda estar ao lado de Clementina, quero dançar com ela e vem-me um acesso de loucura. Convenci-me de uma coisa, de que se eu voltar a ouvir aquela valsa que dancei com ela, morrerei na certa. Peçam a Deus que eu jamais a ouça outra vez!

---

<sup>1</sup> São Baudílio foi um diácono e mártir cristão, que viveu durante o reinado do imperador Juliano, o Apóstata (331-363 d. C.). Conforme a tradição católica, ele havia se recusado a sacrificar aos deuses pagãos, despertando o furor dos sacerdotes que conduziam o seu culto, em Nîmes. Ele foi chicoteado e depois decapitado com um machado. Ao separar-se do tronco, a cabeça do santo teria batido três vezes no chão, dando origem a três fontes, sobre as quais hoje está construída a Capela das Três Fontes.

— Pobre Alberto! — exclamou Manuel. — Nós o curaremos.

Naquele instante, soaram alguns acordes no piano do salão ao lado. Alberto levantou-se.

— Vou pedir para que não toquem — disse Luís, dispondo-se a sair.

— Não — murmurou Alberto. — Quero que Manuel observe o efeito que me causa a música, pois, sendo como é, um hábil médico, talvez consiga curar-me.



No piano começaram a tocar a valsa de Fausto, a bela ópera de Gounod.

— Abram a sacada, estou sufocando — disse Alberto. — Falta-me ar aqui para respirar.

Luís obedeceu.

— Que linda valsa! — exclamou. — Esta era precisamente a que eu dançava com minha amada Clementina. Como estava sedutora com

seu vestido branco, uma rosa presa em seus cabelos, um colar de pérolas, braceletes de ouro e pedras preciosas! A rainha da festa. Mas — ai! — seu rei não era eu.

De repente, ergueu-se, correu precipitadamente em direção à sacada, sem que seus amigos pudessem segurá-lo, e, de lá, disse, ao parecer mais calmo:

— O ar da noite faz-me bem. Que harmonial! Que doces notas!

Manuel e Luís estavam atônitos. Quando recobriram o sangue frio, ouviram um ruído estranho, correram até a sacada e encontraram-na deserta. Ao olhar para a rua, viram, contígua à casa, uma massa inerte. Desceram e acharam moribundo o pobre Alberto, rodeado já de algumas pessoas. Ao morrer, o piano tocava as últimas notas da valsa de Fausto.

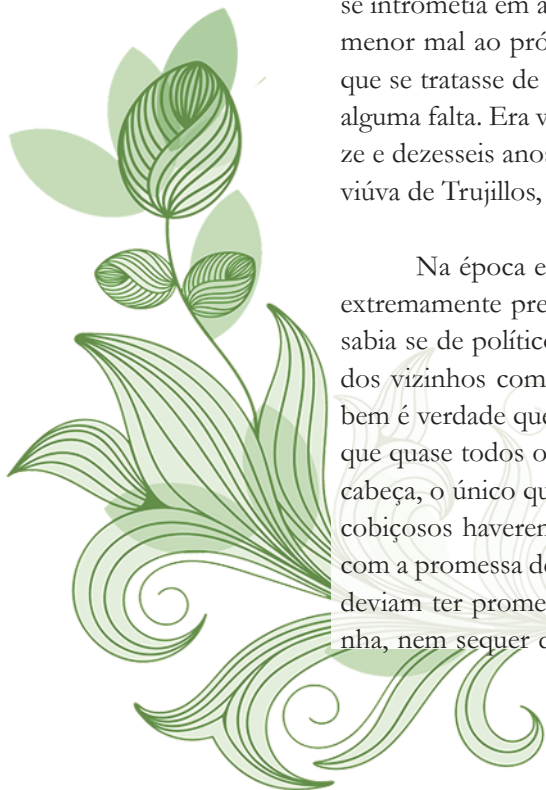
# DRAMA NO VILAREJO

TRADUÇÃO DE MURILO LIMA MUNHOZ

## I

Pela terceira vez, Pedro Serrano era eleito prefeito do lugar. Não havia no país homem mais correto nem mais honesto do que ele. Não se intrometia em assuntos alheios, não discutia política, não desejava o menor mal ao próximo, mas cumpria sempre com o seu dever, ainda que se tratasse de punir o amigo mais íntimo, se esse viesse a cometer alguma falta. Era viúvo e tinha apenas uma filha, uma moça entre quinze e dezesseis anos. Afora ela, morava com a irmã, Romualda Serrano, viúva de Trujillos, que havia sido como uma mãe para a sobrinha.

Na época em que começa esta história, o bom prefeito andava extremamente preocupado. Surgira por ali um grupo armado, não se sabia se de políticos ou de malfeitores, que havia saqueado os povoados vizinhos com a intenção de reunir recursos e aliciar gente. E se bem é verdade que o referido grupo tivesse sido posto em debandada, que quase todos os seus integrantes agora estivessem presos, faltava o cabeça, o único que sabia o motivo de aquele bando de valentes ou de cobiçosos haverem pegado em armas. A eles havia-se dado dinheiro, com a promessa de receberem muito mais ao final da peleja. Já ao líder, deviam ter prometido algo melhor. Ele não conseguira sair da Espanha, nem sequer da província. Ofereceram-se recompensas a quem o



prendesse. O próprio Pedro saía, de manhã e à tarde, à cata do inimigo. Tudo em vão: ninguém dava pista de seu paradeiro.

O prefeito vivia nos confins do povoado, em uma casa antiga e espaçosa, composta de dois andares e uma torre, cuja saída dava para um terraço. A fachada principal estava voltada para a única estrada do lugar, comprida e larga, revestida de pedras, com construções modernas e bonitas à esquerda e à direita. A outra dava para um jardim, que confinava com a mata ao fundo. Pedro Serrano havia chamado um talentoso jardineiro para cuidar das flores, que faziam a delícia de sua filha, e ali havia espécies de todos os países e de todos os gêneros, cultivadas a céu aberto ou encerradas em estufas que pareciam palácios de cristal. Fontes e estátuas adornavam pequenas praças e longas aleias, mirantes e quiosques enfeitavam as esquinas dos demais caminhos, e um canal de água clara e tranquila cortava a propriedade, feito uma cinta de prata, pela qual se viam deslizar cisnes brancos e peixes coloridos. No outro extremo do jardim, isto é, na parte mais retirada da casa, erguia-se um edifício térreo, pequeno e descuidado, em que eram guardados objetos de jardinagem, trigo, ou outro produto provindo das plantações do prefeito. Lá não iam nunca Romualda e a sobrinha, e isso, certamente, porque a casa estava tão arruinada, e aquele lado do parque tão mal cultivado, que o mato havia tomado conta de suas veredas.

Pedro Serrano era muito rico, sua casa estava suntuosamente decorada, no quarto da filha abundavam os móveis de luxo e os objetos de arte. Sem a intervenção de Romualda, que era muito devota, os aposentos da menina teriam virado um pequeno museu. Mas a viúva enchera-os de imagens religiosas, de valor duvidoso ou nulo, colocando quadros de santos, de cores exageradamente vivas, ao lado de gravuras preciosas e belíssimas aquarelas. Romualda, desde que ficara viúva, não tinha vontade senão de trancar-se em um convento, e punha todo o seu zelo em conduzir a sobrinha por aquele caminho, para que um dia a menina entrasse no claustro com ela. Ninguém sabia ao certo se a jovem tinha ou não vocação, mas a tia



supunha que sim, pois a menina não gostava de galanteios nem de namoros, tendo desprezado vários rapazes do povoado que, apesar dos poucos anos dela, lhe fizeram declarações de amor, com serenatas e canções alusivas à sua beleza, as quais somente haviam conseguido inspirar riso e pena à filha do prefeito. Cecília, que era como ela se chamava, era uma moça alta, esbelta, bonita, com cabelos e olhos negros, belas feições, pele branca e algo pálida. Vestia-se sempre com simplicidade e elegância, e as outras jovens do lugar contemplavam-na com inveja. Teria parecido tímida ou indiferente, não fosse por aquele fogo em seus olhos, que parecia indagar, com penetrante curiosidade, os seres que a rodeavam. De resto, falava pouco, não discutia nunca, nem procurava contrariar o pai ou a tia.

Era uma tarde de junho. Pedro havia saído, depois de almoçar, em busca do foragido. Romualda e a menina achavam-se sentadas à sombra de um caramanchão, entregues, cada qual, à sua costura. A tia, que era feia, curta de altura, e de vista mais curta ainda, usava óculos e aproximava o bordado do rosto para ver por onde enfiava a agulha. A sobrinha bordava com certa distração, pois seu pensamento estava muito longe dali.

— Como demora o seu pai! — exclamou a viúva. — Temo que qualquer dia desses, lhe aconteça uma fatalidade por afastar-se tanto do povoado. Imagine se ele chega a descobrir o paradeiro desse bandido, a quem tanto persegue, e o homem está armado! Que outra coisa há de fazer, senão tentar matar Pedro, quando o que o espera é uma cela de onde só sairá para ser fuzilado?

— E o que fez esse homem para que o queiram caçar, como se fosse uma fera? — perguntou Cecília. — Qual foi o seu crime?

— E como saberemos? Se é um assaltante...

— Já foi dito que não — interrompeu a jovem. — Seu crime não é esse. Dizem que se tratava de um assunto político.

— Então terá sido porque não estava de acordo com o governo e quis se rebelar contra ele. Isso tem acontecido muito em nosso país.

— E quem tem tido razão?

— Ora uns, ora outros.

— De modo que é possível que esse homem não seja um perverso?

— Se tivesse vencido, teria sido um herói. Como perdeu, é um criminoso. Seu avô, quero dizer, meu pai, lutou contra o rei José durante o seu reinado e, para salvar a própria vida, precisou exilar-se. Da Índia ele trouxe, tempos depois, as riquezas que seu pai hoje possui, e também as minhas, as que, infelizmente, em questão de anos o meu marido esbanjou (que em paz descanse). Jamais se case, Cecília. Os homens não costumam ser bons, e o pretendente que melhor se lhe afigurar, será ainda o pior esposo.

— Não me casarei, tia, já disse mil vezes ao meu pai.

— E o que ele pensa da sua resolução?

— Disse que precisa falar com a senhora a respeito.

— Espero terminar de convencê-lo, se ainda não está, de que o que convém a você é ir para o convento comigo, dentro de alguns anos.

O relógio da igreja bateu as quatro da tarde e, ao escutá-lo, Romualda disse a Cecília:

— Dentro de meia hora começa a novena a São Pedro. Vá vestir-se e traga, ao voltar, meu manto e meu rosário.

A jovem recolheu sua costura e dirigiu-se lentamente para dentro de casa, obediente às ordens da tia.

## II

Quinze minutos depois, chegava Pedro. Romualda cumprimentou-o com carinho, e o prefeito ocupou a cadeira da filha.

— Que novidade traz? — perguntou a viúva.

— Nenhuma, tudo como antes — respondeu Serrano de mau humor. — Não sei onde se meteu esse homem, mas estou determinado a encontrá-lo. Alguém do povoado certamente o mantém escondido, para que não o apanhemos. Mas aí, desse! Serei tão inclemente com o fugitivo quanto com àquele que o abrigue em sua casa. Quem estiver fazendo isso há de se lembrar de mim. Disse isso a toda a gente do povoado, que me ama tanto quanto me teme. Prometi uma boa recompensa a quem me entregasse o culpado. De Madri, escrevem-me que eu não o deixe escapar. Toda a Espanha depende do que acontece neste pobre lugarejo, e seria para mim desonroso se eu frustrasse a esperança que tanta gente agora deposita em minha dedicação e lealdade.

— Desde que não lhe saia caro — murmurou Romualda.

— Não há perigo, nada me acontecerá. Deus vela por mim, pois faço muita falta a você e a Cecília. E por falar nela, o que está fazendo, que não saiu ainda para me encontrar?

— Está se arrumando para ir comigo à paróquia.

— Irmã, não me oponho que minha filha reze e cumpra com todos os deveres religiosos, mas me parece que você infunde certas ideias nela que não são de meu agrado. Não a eduque para o convento. Ela é meu único consolo. Quero vê-la feliz e bem estabelecida na região.

— Com quem pretende casá-la?

— Já planejei tudo. Um sobrinho da minha falecida esposa, moço bom e aplicado, concluiu sua educação na capital, e convidei-o para passar uma temporada comigo. Se ela gostar dele, será seu marido. Pensa mesmo que passei a minha vida economizando, e aumentando, a fortuna deixada por meus pais para, no final, deixar para algumas freiras? Claro que não. Quando percorro o vilarejo e vejo as casas bonitas que ergui com o meu dinheiro e que aluguei às pessoas mais importantes do povoado, não digo “tudo isto é meu”, mas sim “tudo isto é de minha filha”. Cecília será dona e senhora desta pequena cidade, uma rainha aqui, onde a amam de coração, pois a maior parte dos habitantes a viu nascer. Vivemos todos juntos, você, como sua segunda mãe, o jovem casal, meus netos (se os céus lhes concederem filhos) e eu. O mundo inteiro invejará a nossa tranquilidade e o nosso bem-estar. Não sairemos deste povoado. Para quê? O que há além destes montes, onde crescem ervas perfumadas e flores delicadas, que possa interessar Cecília? Este será o nosso pequeno paraíso. Vou deixar de ser prefeito e levar uma vida menos atribulada. Quero apenas dedicar-me aos trabalhos do campo, e meu genro deverá ajudar-me. O rapaz chegará esta tarde, talvez; nem é preciso pedir a você que o acolha como se fosse o

seu sobrinho. Quanto a Cecília, acostumada a ver os jovens daqui, tão brancos, tão mal-educados, receberá com prazer e alegria um primo refinado, que lhe dirá quatro frases elegantes, dessas que enlouquecem as mocinhas.

— Sabe a que horas ele chega?

— Não, reservo-lhe o prazer da surpresa.

— Festejarei se ele for. Pedro, há em Cecília algo que me inquieta, e que me assustaria se eu não soubesse que sua alma voa apenas para o céu, e que todo o terreno parece-lhe triste e mesquinho. Sua filha, educada exclusivamente por nós, vendo satisfeito até o menor de seus caprichos, mostra-se retraída, é desprovida de alegria e de entusiasmo, não tem uma amiga, não nos faz a menor confidência. Todos ignoramos o que sente, e o que pensa. Consultei o meu confessor a respeito, e ele está de acordo comigo: a menina não foi feita para o mundo. É preciso deixá-la ser religiosa.

— Se insistir nisso, Romualda, terei de separá-la de você. É você quem a deixa pouco extrovertida, quem lhe tira a alegria e o bem-estar. Cecília nasceu como eu, para a família, para os gozos da vida doméstica. À força de ensinar à pobre criatura obediência filial, fez com que, por mim, ela tivesse mais respeito do que carinho.

Os dois irmãos teriam acabado brigando seriamente se Cecília não tivesse chegado no momento certo para terminar a discussão. Ao ver o pai, correu ao seu encontro, beijou o seu rosto e a sua mão, e logo entregou à tia o manto e o rosário, esperando que esta lhe desse a ordem de partir.

— Como passou o dia? — perguntou Pedro à jovem.

— Bem — respondeu ela. — Caminhei mais longe que noutras tardes pelo jardim, colhi flores, sentei-me no balanço...

— E estudou o piano?

— Não.

— Leu?

— Não também. Não gosto de ler, os livros me entediam.

— Quais livros?

— Os que me empresta tia Romualda.

— E a música? Tampouco lhe agrada?

— A música que a minha tia mostra, não.

— Logo lhe arranjaremos outros livros e peças melhores.

— Vamos, menina — disse a viúva — já deram dois toques, e não chegaremos a tempo para a novena se você ficar de conversa.

Cecília despediu-se do pai e seguiu docilmente a tia. Pedro Serrano ficou sozinho no jardim.

### III

O prefeito primeiro se sentou, depois andou um pouco. Contava passar àquela hora com a sua filha e a sua irmã, e a ausência delas só o podia deixar contrariado. Felizmente, não tardou para que um criado viesse anunciar a chegada do sobrinho, e Pedro apressou-se em ir até a casa, onde o jovem já esperava por ele. Chamava-se Lorenzo Henares e havia completado o curso de Direito. Fazia muitos anos que Serrano não via o sobrinho, que contava agora vinte e dois anos, e talvez não o tivesse reconhecido se não soubesse de sua vinda. Lorenzo não era um tipo bonito: sua fisionomia era franca, doce, simpática, mas não bela; sua estatura mediana, sua inteligência clara, frequentemente brilhante; seu caráter bondoso, sua modéstia ampla, sua conduta impecável. Era o genro que convinha a Pedro, que punha todo o interesse na felicidade da filha. Tudo o que faltava era que os jovens se entendessem e se amassem. O prefeito falou muito de Cecília, mostrou ao sobrinho meia dúzia de fotografias, feitas por um artista que estivera de passagem na cidade, disse que a jovem era boa e sensível, e contou-lhe, se não como era, ao menos como ele a imaginava, porque nada era mais difícil de entender e de definir do que o caráter daquela menina tão mimada, tão querida e, ao mesmo tempo, tão alheia à realidade da vida. Lorenzo escutava com atenção e interesse. Seu tio mostrou-lhe a casa, o jardim na parte em que se achava bem cuidado, falou das melhorias que pensava em fazer, pondo aqui uma fonte nova, erguendo ali um mirante, ampliando o galinheiro e o pombal, reparando o estábulo, pondo abaixo o edifício arruinado que se via ao longe para, em seguida, o restaurar e abrigar nele os jardineiros que viviam longe da propriedade. Assim se passaram duas horas. Ao cabo delas, voltaram para casa Romualda e a sobrinha. Já era completamente noite quando o prefeito deu a ordem de acender as luzes. Sob o vivo esplendor delas, conheceram-se Lorenzo e Cecília. A ele, Cecília pareceu uma menina soberbamente bonita. Ela o achou feio e pouco simpático. Jantaram juntos. A jovem não falou quase nada, o primo tampouco, porque estava visivelmente encabulado pela presença dela. Depois de jantar, passaram

para a sala, onde tocaram piano. Cecília primeiro, Lorenzo em seguida. Ele era um artista notável e Cecília, ao ouvi-lo executar algumas peças, reconciliou-se um pouco com o primo, que tão repulsivo lhe havia parecido à primeira vista. Às onze, retiraram-se cada um ao seu aposento, e Pedro e Romualda não demoraram a dormir. Lorenzo deitou-se na cama para pensar na prima, que lhe havia deixado profunda impressão. Cecília abriu uma das portas que dava para o jardim e saiu, contemplando, extasiada, as belezas de uma serena noite de luar. Em que pensava? Certamente não em Lorenzo. Ao soarem as doze no relógio da paróquia, quando ela imaginou que todos já devessem estar dormindo, voltou para o quarto, tirou do armário várias provisões que mantinha ali guardadas, meteu-as em uma cestinha, saiu novamente ao jardim, encostou a porta para que parecesse fechada e, olhando com receio à sua volta, dirigiu-se rapidamente ao edifício em ruínas, onde não se via luz nem qualquer outro sinal de encontrar-se habitado. Perto dali, encheu em uma fonte uma garrafa de água cristalina, tirou depois uma chave que levava escondida em seu peito, abriu o compartimento do edifício onde se armazenava o trigo e penetrou nele com resolução. Um homem veio até a jovem. Era alto, bonito, de cabelos e olhos negros, barba cerrada. Parecia ter uns trinta anos e suas roupas rasgadas e empoeiradas conferiam-lhe um aspecto pitoresco e até mesmo criminoso.

— Trouxe luz? — perguntou docemente à menina.

— Não, senhor, não me atrevi — respondeu ela. — As janelas não fecham direito e alguns vizinhos poderiam notar a claridade que por elas saísse, alertando o meu pai.

— Sempre no escuro! Isto é, sempre, não: ontem e hoje vi o sol, pois pude contemplá-lo em você.

— Senhor, aqui estão as provisões que trouxe. Venha comer, cavalheiro.



Ele sentou-se em um degrau de pedra e comeu com o apetite próprio de quem não havia comido por vinte e quatro horas. Pois fazia esse exato tempo que aquele homem encontrava-se ali. Na noite anterior, Cecília havia saído, como era o seu costume, para passear durante aqueles momentos de silêncio e solidão. Uma sombra, de súbito, surgira diante dela. A menina ia gritar por socorro, quando o suposto fantasma falou:

— Mulher, quem quer que seja você, tenha piedade de mim e não me perca. Se gritar, será a causa de minha morte, porque me perseguem como se eu fosse um malfeitor, sendo eu inocente, e não demorará muitos dias para que me fuzilem. Se puder esconder-me, Deus a recompensará pela boa ação, porque passado algum tempo, poderei fugir e afastar-me para sempre desta ingrata terra.

— Quem é o senhor? — perguntou Cecília, trêmula.

— Sou o chefe do grupo armado posto em debandada. Faz alguns dias que me escondo na mata, e o acaso, se não quiser você chamar isso de Providência, trouxe-me até aqui. E você, quem é?

— Cecília, a filha do prefeito Pedro Serrano.

— A filha do prefeito! — repetiu com temor. — Então estou perdido. Não lamento por mim, pois saberei morrer com coragem e resignação, mas perseguirão meu nome, o cobrirão de infâmia, e meus velhos pais morrerão com a vergonha. Não tento mais fugir, é inútil. Chame seu pai, jovem. Diga que vim entregar-me.

Cecília meditou um momento e, por fim, murmurou:

— Vou salvar o senhor. Siga-me.

Não queria ter aquele peso sobre a sua consciência. Não podia delatar àquele que havia se declarado inocente. Conduziu-o até aquele edifício em ruínas, ofereceu-lhe como leito o único que ali havia, um monte de palha, prometeu trazer água e comida na noite seguinte, trancou a porta, tirando a chave que sempre estava posta na fechadura, e afastou-se, preocupada e temerosa, pois sabia que cometia uma falta contra o seu pai, ao amparar aquele forasteiro, e não podia decidir se devia ou não contar sobre o surpreendente acontecimento.

#### IV

— Sente-se ao meu lado, jovem — disse ele, depois de comer. — Desde ontem à noite, não paro de pensar em você, e isso fez menos amargas as tristes horas que passei sem luz, sem ar, quase esvaído de fome e de sede. Você é muito bonita, já deve saber; quantos não lhe terão dito! Há algo em você da Ofélia, ou da Julieta, de Shakespeare. Conhece as histórias delas?

— Não, senhor.

— Pois vou contá-las para você.

O misterioso personagem narrou à menina o que havia de mais interessante nos dramas daquele célebre poeta inglês, os amores das duas sensíveis jovens e as personagens de Hamlet e Romeu.

— E isso está escrito em um livro? — perguntou ela depois, olhando-o embevecida.

— Está, Cecília.

- E eu que dizia ao meu pai que eu não gostava de livros!
- Se um dia eu puder arranjar-lhe esses livros, você os lerá.
- Tomara. O senhor se salvará. Desde ontem à noite que não paro de pedir a Deus.
- E por quê? Você não me conhece. Para quê se preocupar comigo? Não sabe meu nome, nem minha história, o mundo me chama de criminoso.
- Sim, mas minha tia disse que talvez o senhor seja um herói.
- A sua tia sabe, por acaso...
- Não, nada, mas falou-me hoje sobre o homem perseguido pelo meu pai.
- E ela não o recriminava?
- É incapaz de culpar alguém.
- Minha estadia nesta casa, menina, não pode se prolongar muito. Talvez isto a comprometa, e se algo, por culpa, minha viesse a acontecer-lhe, eu jamais me consolaria. Jamais. Sei que no dia de São Pedro celebram grandes festas no povoado, seja para festejar o santo do prefeito, seja porque é o padroeiro do povo. Virão forasteiros, todo mundo se divertirá, e se eu encontrasse um cavalo para esta noite, fugiria facilmente. Tenho dinheiro para comprar um. Você poderia providenciar isso?
- Tentarei.

— Deus pagará, você é o meu anjo bom. O céu a fez bela e virtuosa.

— Cavalheiro, é tarde, tenho de me retirar. Amanhã voltarei. Na cesta há, ainda, algumas provisões. Reserve-as para comer durante o dia, pois até a estas horas, não poderei vir.

— Não se esqueça de mim, Cecília.

A jovem prometeu e, o que é pior, cumpriu mais do que havia jurado. Durante todo o dia não parou de pensar nele. O pai e a tia, ao vê-la ensimesmada, acreditaram que era devido à chegada de Lorenzo, e o prefeito, que não cabia em si de contente, começou a falar aos vizinhos das futuras bodas, e a tia a desistir de ir para o convento, uma vez que a sobrinha não havia mais de acompanhá-la.

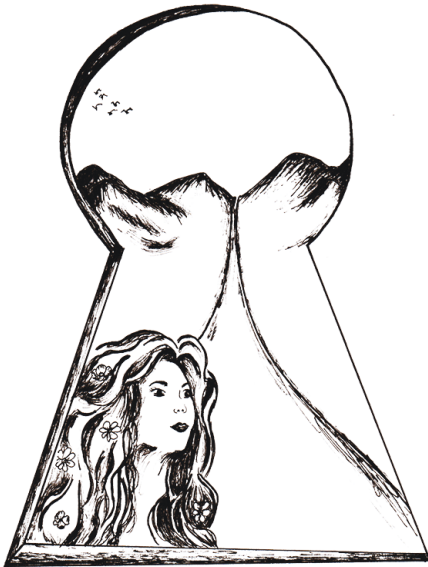
Cecília continuou a ver o forasteiro nas noites seguintes. Ele se mostrava cada vez mais afetuoso com ela. Ela sentia que a chama do amor abrasava o seu peito. No quarto dia, ele narrou a sua história.

— Sou filho de pais nobres e honrados — disse. — Tenho um coração ansioso por aventuras, o que me fez separar-me deles, quando era ainda muito jovem. Parti para a América com um célebre refugiado político espanhol. Com ele aprendi a conspirar, por ele desejei combater. Tendo franca entrada em minha pátria, desejando ver meu protetor ocupando um dos mais altos postos, em conluio com outros conspiradores, armei na província um grupo, devendo apoiar-me os meus amigos, montando outros tantos. Vários não se organizaram, houve uma contraordem para a sublevação, que recebi tarde demais e, por falta de gente, fugimos derrotados. Você já conhece o resto. Vim parar aqui e por você esqueci os meus sonhos de glória, a minha ambição de vitória, tudo enfim. Sabe qual seria hoje o meu mais belo ideal? Viver com você em um torrão de terra, sozinhos como agora, mas sem medos, sem

martírios e sem sobressaltos, para poder lhe dar o meu nome, fazê-la feliz. Aqui, bela Cecília, não a vejo, adivinho-a, e desejaria admirá-la, escutá-la e falar-lhe a todas as horas. Que há de ser de mim, quando me afastar desta terra? Já não mais a encontrarei em meu caminho, porque não poderei voltar à Espanha. Estou condenado para sempre a viver exilado, por mais que ame a minha pátria.

Naquela noite, ele não disse mais nada. Na seguinte, propôs à menina que fugisse com ele.

— Além destas colinas — murmurou — há um mundo que você desconhece, com o qual nem sequer sonhou alguma vez. Aqui está a tranquilidade do vilarejo, lá o burburinho das grandes cidades. Aqui a morte, lá a vida.



O forasteiro falou muito mais, com o entusiasmo do verdadeiro amor, com fogo, com arrebatamento, e a menina, inocente e ignorante de tudo quanto se passava no mundo, deixou-se arrastar por aquelas frases apaixonadas e, em um instante de loucura e de delírio, comprometeu-se a partir com ele.

— Amanhã — ela disse ao retirar-se — um cavalo o esperará.

— Certo — respondeu ele —, mas não esqueça que não fugirei sem você e que me entregarei ao seu pai se você não vier.

Fazia seis dias que o jovem escondia-se na propriedade do prefeito. Na manhã seguinte, era dia de São Pedro, quando haviam de celebrar as festas. Naquela noite, Lorenzo, que, como todo apaixonado, dormia pouco, havia saído ao jardim alguns minutos antes de sua prima. Quando esta chegou, temendo desgostá-la, escondeu-se para contemplá-la um instante, e grande foi o seu assombro ao avistar Cecília com uma cestinha cheia de alimentos dirigindo-se para a parte mais solitária e decrépita da propriedade. Como o forasteiro não pudesse fazer luz, em razão da proibição de Cecília, ela deixava sempre a porta entreaberta, de modo que Lorenzo pôde escutar toda a conversa entre os dois amantes. Seu primeiro impulso foi de chamar Pedro e contar tudo o que havia ouvido, mas pensou na aflição que causaria a seu tio e resolveu pedir conselho ao travesseiro, antes de armar um escândalo. Tempo havia para dismantelar o golpe naquelas vinte e quatro horas. Entrou em seu quarto e esperou à janela que Cecília retornasse. Esta chegou um pouco depois, caminhando lentamente, com a cabeça inclinada sobre o peito.

Não olhou nem sequer para a fachada da casa, e assim não pôde suspeitar que um homem, o então maior de seus inimigos, apaixonado e morto de ciúmes, conhecia o seu plano de abandonar o lar paterno — onde ela era tão querida — com um aventureiro sem nome e sem fortuna.

## V

As festas de São Pedro foram notáveis aquele ano. Procissões religiosas, com sermão e música pela manhã, sorteio na praça depois, baile público e fogos de artifício à noite. Para o dia seguinte, anunciavam-se os novilhos que deviam rinhar em um curral. O prefeito devia presidir todos os festejos, e sua filha, comparecer a eles enfeitada com luxo. Uma comissão, escolhida por votação pelo vilarejo, foi cedo felicitar Pedro Serrano pelo dia de seu santo padroeiro, e o pai de Cecília recebeu-os com afabilidade. Cecília presenteou-os com um lenço bordado por ela mesma, Ro-

mualda, com um porta-relógio, e os vizinhos, com todos os mimos e os favores que, conquanto fossem humildes, com igual júbilo eram recebidos. Lorenzo não sabia como nem quando falar com o tio, e enquanto isso o dia passava, a noite chegava, e o jovem via com terror que não conseguia dizer a Pedro o perigo que ameaçava a todos. Cecília e o primo tinham aparecido juntos em todas as festas. Ela parecia mais preocupada do que triste; ele não havia pronunciado nem meia dúzia de palavras, para o grande desagrado de Romualda, que dizia:

— Esses rapazes educados na capital não veem graça senão nas coisas de Madri. Esse pobre Lorenzo morre de tédio e não ousa confessá-lo.

Na casa de Serrano, houve numerosos convidados que se sentaram à mesa às sete da tarde. Cecília comeu ao lado do primo. Todos pareciam ter esquecido o chefe da sedição, quando, na hora de servirem a sobremesa, o secretário da Câmara levantou-se e, com a taça na mão, disse:

— Brindo, senhores, ao nosso querido prefeito, à sua encantadora filha, à sua excelente irmã e ao seu sobrinho, a todos os presentes e também à glória de Serrano, quando este capturar o vilão que perturbou a paz desta comarca.

Todos aplaudiram, todos brindaram, exceto Cecília que, pálida e trêmula, havia escutado com profundo horror as últimas palavras do secretário. Acabou a refeição, deixaram a sala de jantar, e Serrano disse a Lorenzo:

— Vá ver os fogos de artifício com Romualda e sua prima. Eu fico com estes amigos e em breve me juntarei a vocês.

— Tio – murmurou o jovem –, gostaria de poder antes falar com o senhor.

— Agora não posso. Na praça nos encontramos depois.

— E se for tarde demais?

Antes que Serrano respondesse, vários homens da cidade cercaram o prefeito para tratar das festas noturnas, e Lorenzo teve de partir com a velha senhora e a menina. O jovem achava-se cada vez mais impaciente. O tempo passava e Pedro não vinha. O relógio da igreja soou onze horas.

— Mais uma hora e tudo estará perdido — disse Lorenzo a si mesmo.

Sem dizer nada à prima, saiu em busca do tio. Ao vê-lo desaparecer, Cecília sorriu docemente. Fazia tempo que ansiava ver-se a sós com Romualda.

— Vou cumprimentar minha amiga Angelita — disse à boa senhora.

A tia não se opôs, a jovem afastou-se dali, e ao chegar a um lugar ermo, lançou um manto sobre os ombros, a fim de que seu vestido de seda, de cor clara, não chamasse a atenção e, tomando um atalho, foi em direção à casa, a qual encontrou deserta, pois todos os criados achavam-se ocupados em seus afazeres. Entrou pelo jardim, do qual possuía uma chave, tirou do estábulo o melhor cavalo que encontrou e, trêmula, o coração palpitante, foi até o arruinado edifício onde o misterioso cavaleiro esperava por ela impaciente.

— Deus a recompensará pelo que você está fazendo por mim, menina — murmurou ele.

Montou o cavalo e vendo que Cecília hesitava em segui-lo, tomou-a em seus braços.



— Meu pai, meu pobre pai! — exclamou ela, derramando lágrimas.

— Eu lhe darei mais amor do que ele.

Naquele momento, soaram ao longe as doze badaladas.

Cecília e o desconhecido, levados pelo fogoso cavalo, iam embrenhar-se na mata, quando viram, a poucos passos, um grupo de homens armados, na frente do qual se discerniam as figuras de Serrano e Lorenzo.

— Vê, tio, como eu estava certo? — disse o jovem a Pedro. — Vê o senhor que ela também quer fugir? Se me tivesse escutado antes, teríamos evitado que se encontrassem aqui. Mais um minuto e não os alcançaríamos.

— Atirem! — gritou o prefeito. — Deem fogo ao miserável que me arrebatou a honra, a felicidade...

Os homens não se atreviam a obedecer a ordem, temendo ferir ou matar Cecília, mas Serrano era escravo de seu dever.

— Atirem — repetiu. — Aconteça o que acontecer. Aquele que hesitar em obedecer-me, pagará caro.

Escutou-se uma saraivada de tiros, depois outra, e o desgraçado pai fechou os olhos para não presenciar aquela cena. Lorenzo viu, então, que o fugitivo detinha-se um instante, depositava no campo a jovem, e partia outra vez, perdendo-se logo de vista na espessura do bosque. O sobrinho de Pedro e os demais homens correram para aquele lugar. Cecília achava-se estirada no solo, pálida e inerte. Uma bala havia-lhe ferido nas costas, outra a havia matado. A infeliz jovem tinha su-

cumbido para salvar o seu raptor, que ganhava terreno, e já não se ouvia o galope de seu cavalo.

— Peguem-no — gritava Lorenzo.

Tudo foi em vão, e o cavaleiro fugiu, e desta vez, para sempre. Serrano, ao saber do ocorrido, não derramou uma lágrima sequer, mas sua dor muda era mais terrível que a mais violenta desesperação. Aquele desventurado pai havia perdido tudo, sua honra, sua filha, sua felicidade. Desde então, deixou de ser prefeito e trancou-se em casa, não querendo ver ninguém, nem mesmo a irmã ou o sobrinho.

## VI

Assim se passou um ano, chegaram outras festas de São Pedro, e Serrano não as presidiu, nem foi à nenhuma. Ao anoitecer, Romualda foi até o aposento do irmão, para expressar seus pêsames por aquela triste data, e encontrou o quarto vazio. Chamou por seu sobrinho, e ambos correram até o jardim em busca do ancião. Muito andaram até o poderem encontrar. O miserável pai achava-se de joelhos no lugar em que Cecília havia morrido. Lorenzo e Romualda tentaram tirá-lo dali.

— Sinto-me mal — disse. — Deixem-me morrer em paz, onde para sempre a perdi.

Continuou orando, e a sua irmã e o jovem murmuraram uma reza também. Quando a lua surgiu no céu, aproximaram-se de novo de Serrano, que permanecia mudo e imóvel, falaram-lhe e ele não respondeu. Lorenzo, então, chegou mais perto, pegou em suas mãos, tocou em sua testa e viu que estava morto.

Pedro deixou em seu testamento uma renda vitalícia para a irmã, e a sua fortuna, que era imensa, para Lorenzo. O jovem mandou erguer um pequeno monumento no local em que morreram Cecília e o pai dela. No ano seguinte, brotaram ali flores, espontaneamente, e, como fossem vermelhas, os habitantes do vilarejo disseram que haviam nascido do sangue que a infeliz jovem havia derramado de suas feridas.



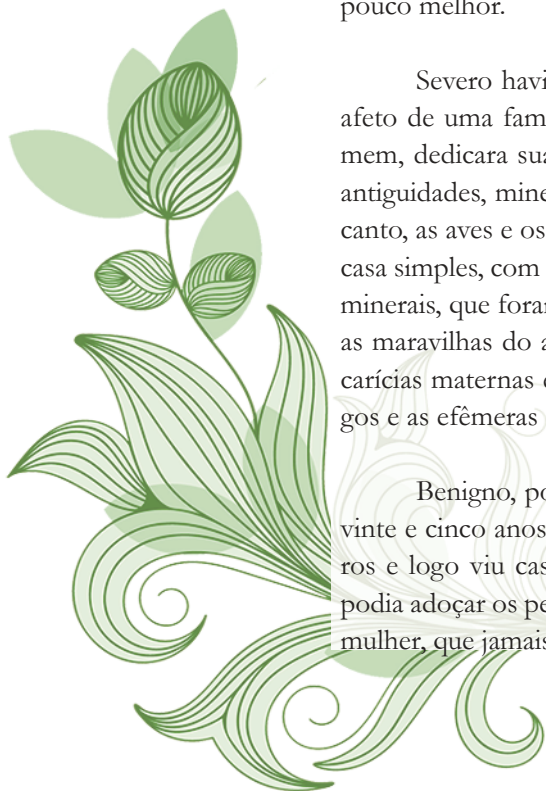
# A BORBOLETA

TRADUÇÃO DE JACQUELINE AUGUSTA LEITE DE LIMA

Sendo já velhos, Severo e Benigno, amigos desde a infância e depois companheiros de estudos, ambos solteiros, decidiram viver juntos unindo as suas modestas rendas para passar o resto de seus dias um pouco melhor.

Severo havia perdido os pais muito pequeno, crescendo sem o afeto de uma família e carente dos doces encantos de um lar. Já homem, dedicara sua existência à ciência, colecionando, primeiramente, antiguidades, minerais e plantas raras; e, depois, sendo seu último encanto, as aves e os insetos. Por isso, vivia no campo, onde alugara uma casa simples, com jardim. Seu coração não era menos duro que aqueles minerais, que foram o único prazer de sua juventude, jamais conheceu as maravilhas do amor, talvez porque em sua infância lhe faltaram as carícias maternas e não pôde compartilhar com nenhum irmão os jogos e as efêmeras dores da infância.

Benigno, por outro lado, vivera com os pais e uma irmã até os vinte e cinco anos. Nessa idade, perdeu, em poucos meses, os primeiros e logo viu casar-se a bela jovem que, com seu fraternal carinho, podia adoçar os pesares de ser órfão. Depois, Benigno amou uma linda mulher, que jamais correspondeu seus sentimentos, mas aquelas amar-



guras e este desengano não mataram a essência de bondade que habitava em seu ser, e mesmo que não tenha voltado a amar, nem pensado em se casar, seu coração batia ansioso por carinho. Assim acolheu, com júbilo, a proposta que lhe fizera Severo, muitos anos depois, de viverem juntos.

Um amigo com quem conversar a qualquer hora, com quem evocar as lembranças, já que as ilusões e esperanças estavam mortas. Um ser que conhecera sua família e com o qual poderia falar dela, diante de quem poderia chorar a morte de seus entes queridos, porque a excelente irmã também partira para um mundo melhor. Isso era o que Benigno desejava no último terço de sua existência. De caráter bondoso e simples, prontamente se moldava aos gostos alheios, e foi assim que, mesmo jamais tendo se dedicado a colecionar insetos e aves, não tardou a unir-se a isso, passando longas horas no escritório de Severo contemplando alguns e dissecando outras.

Morava com os dois velhos uma criada, quase da mesma idade que eles, mulher fria como um de seus amos, mas serviçal e bondosa como o outro. Não havia mais empregados porque Benigno e Severo cuidavam, eles mesmos, do jardim. Uma tarde na qual os dois amigos haviam saído, um foi ao campo em busca de lagartas, o outro foi comprar uns livros na cidade, aconteceu algo que veio para alterar, em parte, a monótona vida dos três velhos.

Ao chegar próximo à porta do jardim, da qual ele havia levado uma das chaves, Severo viu junto à parede um pequeno embrulho branco que se movia. Já a seu lado, ouviu um gemido que lhe pareceu uma criatura, mas quase não deu atenção àquilo e tomando cuidado para que não caíssem as lagartas que levava, abriu a porta e adentrou o jardim.

Meia hora depois, chegava Benigno com dois ou três tomos de História Natural nas mãos e, antes de abrir a porta com uma chave igual à que tinha Severo, um

fraco gemido o deteve. Olhou ao seu redor e, por sua vez, viu o pequeno embrulho branco. O bondoso velho deixou cair os livros e correu em direção ao lugar onde se encontrava o terno ser, que parecia reclamar por seu amparo. Era um bebê envolto em trapos, uma menininha loira e de olhos negros, que alguma mãe, infeliz ou desnaturada, havia deixado ali.

A pobre criatura olhava vagamente para Benigno e em seus lábios já parecia desenhar-se um sorriso. Devia ter poucos meses e era muito pequena e magra. O ancião a contemplava com profunda emoção e, ao fim, esquecendo-se dos livros, que não tratou de recolher, adentrou ao jardim com a menina.

— Olhe, Severo — exclamou quando chegou ao escritório. — Trago uma avezinha que, sem dúvida, caiu de um ninho, mas não para que forme parte da sua coleção morta, mas sim para que nos alegre com os seus cantos, dentro de nossa jaula.

Severo não pôde controlar um gesto de desgosto ao ver do que se tratava.

— Suponho — disse — que isso seja uma piada e que você não pensa em manter esse boneco aqui.

— Você se engana — respondeu Benigno —, não jogarei na rua o que Deus colocou em minha porta. Um bebê se mantém com tão pouco! Leite, muito leite, e um pouco de pão. Para o primeiro, comprarei uma cabra, que viverá comendo o que encontre no campo; e quanto ao segundo, lhe bastarão as migalhas que sempre sobram em nossa mesa.

— Mas ela crescerá...

— E então comerá o mesmo que nós. Mesmo não sendo rico, posso manter esta criança, porque é uma criança, Severo, uma menininha preciosa que amarei como minha filha e que me chamará de pai. Por acaso, você não aprova a minha conduta?

— Se isso lhe agrada ou entretém — disse ele, frio e egoísta —, não posso me opor ao seu desejo, mas cuide para que não entre muito em meu escritório, quando comece a andar sozinha.

A criada também não acolheu muito bem a menina, mas vendo que não havia outro remédio que aceitar, se comprometeu a cuidar dela. Era uma boa cristã e suspeitando que não haviam batizado a criança, levou-a, no dia seguinte, à paróquia, onde lhe puseram um nome qualquer, que a pobre criatura jamais escutou.

Passou algum tempo. Severo se ocupava de suas crisálidas, próximas de romper o casulo transformando-se em borboletas, e queria que Benigno compartilhasse do seu entusiasmo, mas cada vez que lhe falava disso, o excelente ancião respondia:

— Eu também tenho minha crisálida, que um dia terá asas e se fará borboleta. Mas as asas dela serão as da inteligência, e suas belas cores darão luz à minha velhice.

Desde então, Benigno sempre chamou a menina de sua borboleta e, quando ela começou a compreender, não atendia por outro nome.

O tempo passava devagar, mas Borboleta ia ficando cada dia mais bonita, e seu protetor satisfazia-se em admirá-la, esperando, com paciência, que pronunciasse a primeira palavra e que desse o primeiro passo. Estava quase sempre no jardim e, quando os pássaros cantavam, gritava com júbilo, como se compreendesse o que diziam entre si. As flores a acariciavam com seu aroma, ocupando o lugar dos beijos de uma mãe, os quais jamais havia recebido. Benigno a amava com todas as forças



de sua alma, concentrara naquela menina toda sua ternura, mas não sabia ensiná-la a falar e não se atrevia a fazer com que andasse mais do que breves instantes porque o pobre ancião cansava de se inclinar para segurá-la.

Por fim, como tudo chega, Borboleta andou e falou. Chamava Benigno de papai e a velha criada de mamãe. Severo não era mais que o papão. Uma tarde, cheio de júbilo, Severo mostrou a Benigno uma borboleta de asas azuis que, naquele dia, rompeu sua crisálida. Mas ao voar pela primeira vez, o inseto desapareceu de sua vista e Severo a buscou inutilmente. Ao acender a lâmpada à noite, a borboleta, atraída pela luz, foi em direção a ela e se queimou, fazendo com que Severo perdesse um de seus mais belos e raros exemplares, o que lhe causou um profundo desgosto. Na manhã seguinte, estava tão profundamente absorto, que saiu ao campo esquecendo-se de fechar a porta.



Borboleta, que contava já com dois anos e meio, brincava com algumas florzinhas e, pouco a pouco, foi se aproximando da saída do jardim. Ao ver diante de si aquele terreno com árvores gigantescas e o solo repleto de margaridas e papoulas, se encaminhou para ali, e seguiu por um longo caminho, que era cortado por um riacho.

Ela nunca vira tanta água. Sentou-se na margem, inclinou-se um pouco, e viu sua imagem refletida na corrente cristalina.

— Uma nenê — disse, apontando com o dedo indicador.

E se aproximou mais. Não sabendo o perigo que a ameaçava, a amável criança continuou avançando, se desequilibrou, e o pequeno rio a arrastou sem que ninguém escutasse seu grito fraco. Benigno, ao não encontrá-la em casa, correu ao jardim, e ao ver a porta aberta, teve um triste pressentimento. Por casualidade, seguiu o mesmo caminho que Borboleta, e encontrou o corpo da menina próximo ao rio onde as águas o haviam jogado.

Borboleta estava morta.

Benigno a recolheu em seus braços e a beijou, chorando sobre os restos do único ser que tornava sua velhice bem-aventurada.

Ia com sua preciosa carga, quando encontrou Severo.

— Estou desolado pela minha borboleta — disse Severo ao amigo.

— A sua borboleta usou as asas para buscar o fogo que acabou consumindo-a — respondeu Benigno com amargura. — A minha também tinha, mesmo que invisíveis, as asas de um anjo. Mal começou a voar e foi elevada aos céus, de onde nunca devia ter saído. Você terá outras borboletas azuis, quanto a mim, somente quando eu morrer é que me será devolvida a minha Borboleta. Que objetivo terá minha vida no futuro?

Severo deu de ombros murmurando:

— Ora, por uma boneca! Os bebês se substituem, são todos iguais, o mesmo não ocorre com os insetos.

Aqueles dois homens, até então tão amigos, não puderam se compreender nem se simpatizar nunca mais.

A menina foi enterrada, à custa de seu protetor, em uma sepultura simples. Não lhe faltaram as mais belas flores, enquanto Benigno viveu, flores que foram beijadas por suas irmãs, as borboletas.



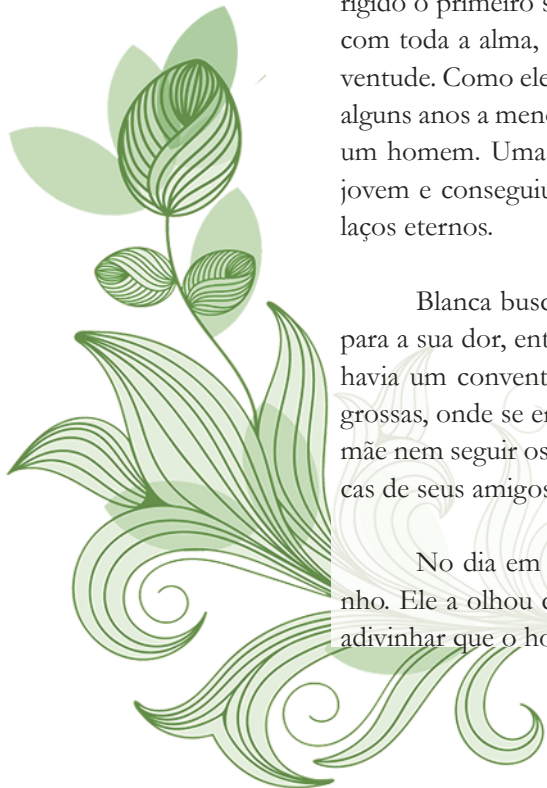
# IRMÃ MARIA

TRADUÇÃO DE MARTINA M. KOSTOLOWICZ

Bernardo, casado. O que poderia lhe importar no mundo agora? Ele tinha sido o companheiro da sua infância, quem enxugou as suas primeiras lágrimas, quem tirou o seu primeiro sorriso e a quem foi dirigido o primeiro suspiro que exalou de seu peito virginal. Ela o amou com toda a alma, com todo o entusiasmo da primeira fase de sua juventude. Como ele não havia correspondido ao seu amor? Blanca tinha alguns anos a menos do que ele; ainda era criança quando Bernardo era um homem. Uma mulher malvada e astuta conquistou o coração do jovem e conseguiu que ele a conduzisse ao altar, onde se uniram em laços eternos.

Blanca buscou consolo na religião; não havia remédio na Terra para a sua dor, então voltou os olhos ao céu. Na cidade onde morava, havia um convento sombrio, de muros altos, grades fortes e treliças grossas, onde se enclausurou a triste moça, sem ver as lágrimas de sua mãe nem seguir os conselhos de seu pai, ou tampouco escutar as súplicas de seus amigos.

No dia em que foi levada ao templo, viu Bernardo pelo caminho. Ele a olhou com uma expressão indecifrável, e Blanca acreditou adivinhar que o homem a quem tanto queria, não devia ser feliz. Caso



Blanca não tivesse ido de carruagem, ele a teria detido, indo falar com ela. Quem sabe tivesse pedido perdão por sua conduta — pois Bernardo era culpado, tinha adivinhado o amor de Blanca, o alimentou com falsas esperanças, abandonando-a, depois, sem remorso.

A moça trocou as belas roupas pelas sóbrias vestes religiosas. A noviça, sem liberdade de palavra nem de ação, começou a vida de convento resignada e, certamente, indiferente. Martirizou o corpo com jejuns e penitências e passou quase todas as horas dedicada à oração.

Mas em vão tentou controlar também o pensamento. Não tinha se tornado religiosa por vocação, mas para amenizar as suas dores — a lembrança do homem querido lhe arrebatava sem parar, tanto dentro da sua alcova quanto no austero templo ou no coro, quando rezava com as outras monjas, com um tom monótono ou elevado, ao cantar hinos de glória ao Criador. Os dias se passavam iguais, sempre tristes. Ela não participava de nada que acontecia no convento, apenas sabia os nomes das religiosas, e quando a madre superiora a repreendia por simples distração involuntária, escutava as suas palavras sem apego pela pequena falta cometida, na qual incorria novamente, por muitas vezes.

Pelo triste pátio, adornado com árvores raquíticas e flores murchas, passeava melancólica e solitária, fugindo enquanto podia de fantasmas bajuladores e de loucas ilusões, pensando na sua dor pelo ingrato, a causa de sua desgraça e da sua clausura. O ano de noviça foi assim. Chegara a época de confirmar os votos, de renunciar a tudo o que era mundano: ao amor, ao lar, à família — não poderia, então, voltar ao seu seio, viver para o mundo?

Bernardo estava casado e não havia esperança de felicidade para ela. Blanca confirmou seus votos.

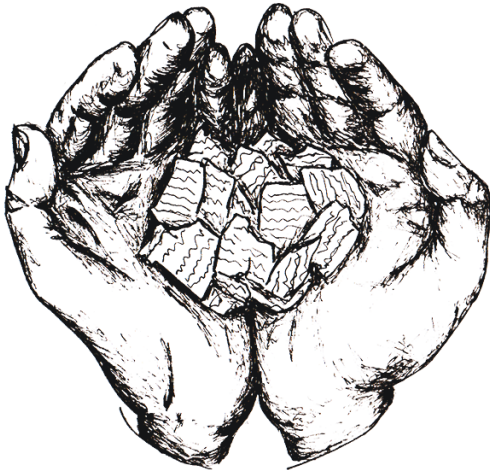
Dois dias depois, os sinos da igreja badalaram tristemente. As paredes cobriram-se de panos pretos, um ataúde foi colocado no centro, rodeado de velas amareladas. Muitos bancos foram colocados, uns na frente, outros ao lado do caixão, e, pouco a pouco, foram sendo ocupados por vários homens, aparentemente de classe alta, todos vestidos de preto. Deu-se início ao funeral. As monjas oravam em coro pelo eterno descanso da defunta — era uma mulher. Acabada a missa e rezados os sermões, dois homens pararam diante das treliças que os separavam das religiosas.

— Quem morreu? — perguntou um.

— A esposa de Bernardo Gomez — respondeu o outro —, faz nove dias.

Blanca estremeceu ao ouvir aquilo e ficou extremamente pálida.

Ao sair de sua alcova, chorou amargamente, considerando que enquanto ela se uniu a Cristo, o homem a quem tanto havia amado, estava livre.



Passeando pelo pátio naquela tarde, triste e solitária, como de costume, inclinou-se para pegar uma flor e viu junto à planta uma carta rasgada em pequenos pedaços. Achou que conhecia aquela letra, guardou os papeizinhos, e ao subir para sua cela, entregou-se ao minucioso e difícil trabalho de unir aqueles fragmentos. A carta dizia assim:

“Minha Blanca, depois de um ano de sofrimentos cruéis, porém merecidos, estou livre. Não renuncio ao seu amor, sem ele não posso viver, e espero que me perdoe. Preciso vê-la e conversar com você. Haveria alguma maneira? Seu amado, Bernardo.”

A Madre Superiora havia aberto a carta de amor profano, dirigida a uma das irmãs, e a havia rasgado. Não fosse isso, a noviça teria saído do convento. Pouco depois, os jornais da cidade noticiaram dois acontecimentos, ocorridos no mesmo dia e na mesma hora. O conhecido advogado, Dr. Bernardo Gomez, havia se suicidado, sem dúvida não podendo resistir à dor que a recente morte de sua esposa o havia acometido. E a jovem religiosa, que no mundo foi chamada de Blanca, e no claustro, Maria, havia morrido repentinamente. Quem sabe as suas almas teriam subido juntas pelo espaço celeste, e a da triste e inocente jovem obteve o perdão para o seu ingrato amante, para que entrasse com ela no paraíso?



# VITÓRIA

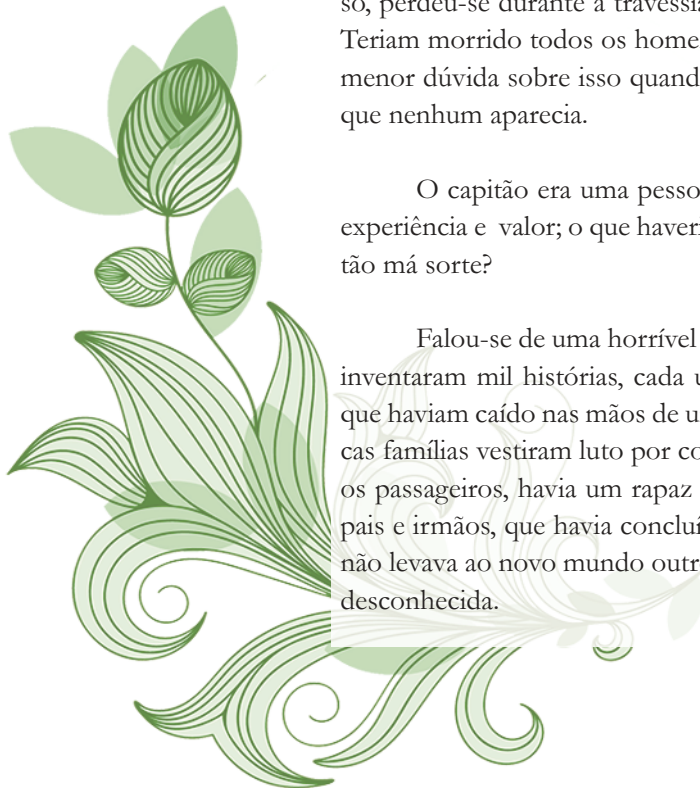
TRADUÇÃO DE ANDRÉ LUIZ COHN DA SILVEIRA

## I

O navio mercante “Juan-Antonio”, que ia da Espanha à América com uma numerosa tripulação e número de passageiros nada escasso, perdeu-se durante a travessia, sem ninguém saber o seu paradeiro. Teriam morrido todos os homens que estavam a bordo? Não restou a menor dúvida sobre isso quando transcorreram alguns meses e se viu que nenhum aparecia.

O capitão era uma pessoa muito estimada e conhecida por sua experiência e valor; o que haveria ocorrido para que sua viagem tivesse tão má sorte?

Falou-se de uma horrível tempestade, imaginou-se um incêndio, inventaram mil histórias, cada uma mais absurda do que a outra; até que haviam caído nas mãos de um pirata... Enfim, a verdade é que poucas famílias vestiram luto por conta daquela espantosa desgraça. Entre os passageiros, havia um rapaz que pela primeira vez se separava dos pais e irmãos, que havia concluído de forma exímia duas formações e não levava ao novo mundo outro objetivo além de estudar aquela terra desconhecida.



O seu nome era Geraldo Ávalos e, devido ao trato cuidadoso e caráter ímpar, cativou a simpatia de todos com quem se relacionava. Os pais estavam convencidos de que o mar havia levado o filho e servido de sepultura a ele. Em sua memória, construíram um singelo jazigo, que rodearam de plantas, e a tristeza imperou para sempre na casa.

Muito tempo depois, quando os outros filhos já haviam casado e os dois idosos viviam sozinhos, um homem pediu muito para vê-los e foi, finalmente, recebido. Devido ao seu aspecto e vestes, aparentava ser um pescador e, na presença dos anciãos, parecia estar muito perturbado. Instigado a se pronunciar, se expressou do seguinte modo:

— Há menos de um mês, encontrei no mar uma garrafa perfeitamente fechada. Supus que haveria algum licor e que havia sido perdido em algum naufrágio. Quando percebi que estava sozinho em minha casa a abri, e dentro havia papéis bem finos, enrolados, escritos com letra miúda, e endereçados ao senhor e à senhora. O conteúdo não tem interesse para mim. Quem escreveu essas linhas se comunicava com seus pais, de um país desconhecido, rogava encarecidamente a quem encontrasse a garrafa que a trouxesse até aqui, onde, sem dúvida, seria excepcionalmente recompensado. Sou pobre e venho vender esses papéis que considero, senão de utilidade material, de alguma valia a vocês.

O casal de idosos, ao ver a letra de seu filho perdido, se comoveu e pagou mais do que



havia sido exigido, sem hesitar. O pescador foi embora e os dois idosos, ao ficarem a sós, não tiveram outro desejo além de conhecer o conteúdo daqueles papéis. Com dificuldade, os leram repetidas vezes. Depois, chamaram os irmãos de Geraldo para que tomassem conhecimento do evento, tão único. O escrito do naufrágio dizia:

## II

“Como lutamos contra as ondas! Que capitão valente! Que tripulação admirável!

Nunca vi uma tempestade igual. Distante de qualquer porto, sem qualquer navio próximo, obrigados à força a perecer no mar. Nosso navio, por momentos, ia a pique; os botes, onde os passageiros se jogavam com desespero, desapareciam subitamente naquele mar enfurecido. Lembro que, sem hesitar, agarrei-me a uma tábua, e que perdi a consciência.

O que aconteceu depois? Posso apenas especular. Sem dúvida, uma onda me jogou contra as rochas, me feriu um pouco, e estava quase nu, submisso, febril, sentindo o martírio duplo da fome e da sede. Recompus-me. Fitei o oceano apaziguado e não avistei os restos do “Juan-Antonio”, que deve ter submergido por completo.

Eu era o único náufrago a salvo. O que seria de mim?

A tempestade havia parado. Ela nos tinha surpreendido de manhã cedo, e era já final da tarde quando me dei conta de minha situação. Onde eu estava? Haveria alguém que pudesse me socorrer? Com grande dificuldade consegui me erguer e, caminhando bem devagar, escalei as rochas. Quando estava no alto, percebi que do outro lado havia uma paisagem encantadora. Uma ilha de verde, com árvores magníficas, arbustos maravilhosos e flores preciosas e variadas. Aquele paraíso esquecido, apesar de sua beleza, não deixou de me entristecer, porque parecia inabitado.

Quase rastejando, desci até lá, e vi em algumas árvores, aos seus pés, frutas desconhecidas, que atenuaram minha sede e revigoraram minhas desfalecidas forças. A ilha não parecia grande, no entanto, não pude explorá-la naquele dia, porque estava tarde, receava ser surpreendido pela noite e estava cansado, além do mais. Procurei um lugar onde pudesse descansar e encontrei um leito de grama. Fechei os olhos e permaneci em um sono profundo até a manhã seguinte.

O sol banhava a ilha com seus raios puros; as flores, cobertas de orvalho, exalavam aromas agradabilíssimos e pareciam adornadas com brilhantes magníficos. Os pássaros, de mil cores, cantavam nos galhos das árvores, e nunca houve nenhum concerto tão bonito quanto àquela música, adorável, para mim. Coisa estranha! Alguns passarinhos comeram os frutos caídos, já maduros, e, quando me aproximei, eles não se assustaram nem fugiram de mim, poderia tê-los pegado sem a menor dificuldade. Borboletas gigantescas, umas azuis como o céu, outras pretas, como minhas ideias sombrias, vermelhas, e das mais variadas nuances, voavam de planta em planta, bebendo nos cálices das flores, as pérolas do amanhecer.

Tendo recuperado minhas forças quase por completo, quis conhecer aquele lugar ermo, que era maior do que eu imaginava; caminhei por um tempo, sem que nada novo me despertasse a atenção. De repente, me deparei com a coisa mais estranha que poderia encontrar ali. No solo úmido, vi pegadas de dois pés grandes e malformados, seguidas por pegadas de pés de criança ou de mulher, pé pequeno, elegante, digno de ter sido esculpido pelo artista mais habilidoso. Havia, portanto, dois seres humanos na ilha.

Pensei no Paraíso, naquele Éden perdido por nossos primeiros pais, que deveria ter sido algo semelhante a este lugar. E para que a fantasia fosse íntegra, uma cobra, enrolada em uma árvore, me fitando com seus olhos brilhantes, de uma maneira

hostil, em minha opinião. Sem dúvida, as pegadas do pé do homem não me faziam pensar na beleza de Adão; em contrapartida, as pegadas menores...

Como o príncipe da Cinderela, eu começava a me encantar, não por um sapatinho de seda, senão pelas marcas deixadas em terra por um precioso pé. Onde se escondiam ambos os seres? Em vão procurei-os por todos os lados, e suspeitei que se escondiam de mim.

A solidão me aborrecia. Felizmente, a descoberta de uma caixa que continha algumas folhas de papel, uma pena de pássaro e um líquido que, embora não fosse tinta, pudesse substituí-la bem, serviu como uma distração; eu guardei tudo para mim, e me propondo a registrar minhas impressões nessas páginas abandonadas, apenas para o caso de, um dia, ser fácil eu enviá-las à Europa ou, eu mesmo, levá-las para meus pais. Aquelas linhas, no entanto, acabei por rasgá-las, depois. O estado de excitação em que eu estava, a fome e a sede que sofri, minhas lutas com répteis imundos, não me permitiam escrever com ordem nem combinação. E apenas muitos dias depois, comecei estas memórias, destinadas ao mesmo objetivo, mas registradas com uma impressão mais formidável.

Quatro dias haviam se passado, desde a minha chegada à ilha, sem nenhum descobrimento. Uma violenta febre me consumia e, perdida toda a esperança de salvação, me resignei à morte. E que morte! Naquele lugar havia caça que eu não poderia matar para meu alimento, porque não tinha armas; via peixes no mar, mas não tinha rede para pegá-los; eu morria de sede, e aquela água salgada, que bebia em minha mão, só a aumentou, de maneira cruel.

Já não tinha forças para me mover, e naquele canteiro onde me recostei na primeira noite, foi que me deitei também para dormir o sono eterno. Dei um silencioso adeus aos meus pais, aos meus irmãos, aos meus amigos. Pensei nas minhas

ilusões devaneadas, nas irrealizáveis esperanças e ambições que me haviam separado das pessoas que amei e me amaram na terra, e fechei os olhos, pensando que não voltaria a abri-los nunca mais.

A noite estava linda e limpa, a lua iluminava a paisagem, os pássaros cantavam e as flores me enviavam seus mágicos perfumes. De repente, pensei escutar o som suave de passos, mas de passos recatados, e uma sombra, vagorosamente, se aproximava de mim.

Um rosto se inclinou sobre o meu, fitei-o e vi uma figura encantadora, com cabelos castanhos, compridos e flutuantes, olhos claros, testa delicada, boca avermelhada. Os cachos acariciaram os meus lábios, e eu os beijei. Usava um traje masculino de peles e penas, um verdadeiro traje selvagem, que finalizava com um arco atravessado nas costas e uma carcaça com flechas.

— Vitor! — gritou uma voz ao longe.

— Pai! — respondeu o ser que me fitava. — Ó, desencanto! Minha Eva era uma criança, ou melhor, uma adolescente; naquele paraíso faltava o melhor ornamento, a mulher.

— O que fazes? — respondeu o pai.

— Estou vendo se o estranho já está morto de fome.

— Está aí?

— Sem dúvida.

— Morto?

— Não, vivo.

— Respira?

— Sim — respondeu rindo —, respira e... beija.

O pai, preocupado, se aproximou de mim, voltei a fechar os olhos e procurei não me mover.

— Como todos — murmurou, sem que eu entendesse o significado de suas frases —, se não quero ter sérios aborrecimentos, terei que me livrar dele.

— Não o mate, pai — disse o garoto com sua doce voz.

— Por quê? — perguntou o velho, preocupado.

— Porque é jovem e belo e... porque me é simpático.

— A você?

— Não o prenda — continuou Vitor —, nunca tive um amigo, você já está velho para me acompanhar. Este pobre náufrago virá caçar comigo, teremos juntos nossas redes, faremos confidências mútuas, ele me explicando o que já viu além desses mares, eu contando meus sonhos.

— Não pode ser.

— Você disse que não viverá muitos anos — continuou o adolescente —, e que eu nunca poderei sair daqui, porque estamos em um oásis em meio a um deserto de água. O que queres que eu faça sozinho aqui, quando você me deixar? Há quatorze anos estamos aqui, e este é o primeiro homem a chegar à ilha. Receba-o como um irmão e ofereça-lhe sua leal hospitalidade e acolhimento.

Isso foi dito em castelhano correto, e o velho respondeu na mesma língua. Sem dúvida, eu estava entre dois compatriotas meus.

— Eu jurei que você nunca veria um homem — o pai murmurou.

— Deus faz você quebrar o juramento, e não a sua vontade. Vamos, seja complacente, deixe-me lhe dar de beber.

O garoto se ajoelhou ao meu lado e me presenteou com uma trama feita de uma raiz estranha; ele levou aos meus lábios e eu, deixando a dissimulação, bebi avidamente. Não sei o que era aquele líquido, mas achei delicioso.

Vitor me contemplava com infantil curiosidade, enquanto seu pai, triste e pensativo, fixava em nós um olhar distraído. Devia ser bastante velho; tinha nos cabelos e na longa barba uma brancura deslumbrante, e estava vestido igual ao adolescente.

— Como se chama essa ilha? — perguntei.

— Vitória — contestou o ancião.

— Pertence à Inglaterra?

— Não, é minha, e dei a ela o nome de meu filho.



— Ah! É sua?

— Ninguém mais conhece este lugar além de nós três; a casualidade nos trouxe a esta terra, há quatorze anos, do mesmo modo que você, há quatro dias. Estava satisfeito com nosso isolamento, mas como você está aqui, e Vitor está interessado em você, que viva, então, mas espero que nunca nos arrependamos: você, de ter chegado; eu, de tê-lo recebido.

Salva a minha existência, graças à intercessão do garoto, fui curado por seu pai, mas não me deram um abrigo em sua morada. Ela ficava nas rochas, formada por grutas naturais, nas quais não me permitiram entrar.

A mais doce amizade nos uniu rapidamente. O velho era um sábio, o garoto uma criatura encantadora, boa e humilde, a qual era difícil não amar. O ancião me contou a sua história. Já velho, ele se casara com uma bela jovem, que pagou seus benefícios, porque ele a havia tirado da miséria, com a mais obscura ingratidão. Um dia ela fugiu de casa, deixando com ele o filho de alguns meses, triste fruto dessa união.

Ele viveu desesperado, desejando se vingar daquela mulher infame. Supôs que ela partiria para a América e decidiu segui-la no mesmo navio. Este naufragou, depois de se perder, como o “Juan-Antonio” e, como este, ficou sem capitão, sem tripulação e sem passageiros. O pai de Vitor sabia nadar muito bem. Ele pegou o filho, segurou-o pelo pescoço como pôde, e se jogou em uma balsa, rejeitando com veemência a esposa, que queria segui-lo e implorava por seu perdão. Foram brinquetes para as ondas durante muito tempo. E já à noite, sem saber onde estavam, a balsa se chocou contra as rochas, jogando na água o pai e a criança. Depois de incalculável esforço chegaram à ilha, de onde não puderam sair mais. Como era um homem entendido, encontrou um meio de viver naquele local inculto, sem que lhe faltassem nada. Ele ensinou o filho a ler e a escrever, e a caixa encontrada por mim,

continha um papel e uma tinta feitos por ele. Não contei a ele sobre essa descoberta, porque me convinha mantê-la.

Eu não tinha história, e contei a ele o pouco que meu passado encerrava. Pensei que ele havia se reconciliado comigo. Entretanto, sempre notei nele algum receio, e minha amizade com Vitor o contrariava fortemente. Teria ele medo de compartilhar comigo o carinho que o jovem antes professava unicamente a ele? Quanto mais ele persistia em nos separar, mais o garoto desejava se aproximar de mim: buscava conversar comigo e estar em minha companhia. E, de minha parte, me sentia atraído a ele por uma misteriosa simpatia.

Vitor desejava estar a sós comigo, mas o pai nos acompanhava sempre. Apesar de sua avançada idade, o cansaço nunca o rendia, e já havíamos ido caçar, passeando pela ilha, mas nunca nos abandonava.

Duas vezes fui surpreendido ao vê-lo pronto a me lançar uma flecha, uma daquelas flechas dos selvagens, cuja ferida é mortal. Mas ao perceber que havia sido descoberto, mudou habilmente a direção e eu não ousei censurá-lo por nada. Talvez isso tivesse sido uma ilusão minha, nada indicava que tivesse tanta animosidade contra mim. Comia no meio do campo, com o velho e o garoto, e logo adotei seus trajes e seus costumes.

### III

Muitas outras páginas se seguiram, nas quais Geraldo Ávalos narrou eventos sem importância de sua existência monótona, vendo os dias e os meses passarem sem se sentir pesaroso por estar naquele exílio, exceto pelo fato de estar separado, talvez para sempre, de sua família. E continuou o manuscrito:

Para celebrar o aniversário da minha chegada à Ilha Vitória, o velho me convidou para visitar sua caverna pela primeira vez. Ele queria que nós comêssemos lá.

Sua moradia era belíssima e não carecia, de forma alguma, de conforto, como eu havia suspeitado. Havia muitos objetos nela que não podiam ter sido fabricados pelo ancião. E ele me disse que, na verdade, eram os restos de um naufrágio, o do navio e que mais tarde ele pôde recuperá-los, milagrosamente, do mar.

A mesa estava posta, e sobre ela se viam apetitosos manjares e estranhas bebidas.

Aproveitando uma momentânea saída de seu pai, Vitor me disse:

— Beba tudo o que quiser, menos esse licor verde.

— Por acaso está envenenado, garoto? — perguntei.

— Pode ser que sim — respondeu o garoto.

— Teu pai me quer tão mal assim?

— Te odeia.

— E por quê?

— Por quê? — repetiu, me olhando com ternura. — Porque eu te adoro, e ele tem ciúmes.

Aquelas palavras foram uma revelação para mim. Não eram frases que podiam empregar um amigo a outro amigo, não era possível que saíssem de outros lábios que não os de uma mulher. Olhei fixamente o garoto e, ao ver seu constrangimento, compreendi que não havia me enganado. O velho havia trocado o nome e o traje de sua filha. Vítor, ou melhor dizendo, Vitória, era uma belíssima jovem que me amava e eu a havia feito meu ídolo, sem suspeitar. Agora estava explicada a influência misteriosa que exercia sobre mim. Porque me submeteu com prazer a todos os seus gostos, porque vivia feliz ali. Desde o momento em que havia uma mulher na ilha, já podia entender que se encontrava nela os encantos do mundo inteiro.

A refeição foi triste, o ancião não conversava, e Vitória e eu mantínhamos um diálogo com os olhos, nos fazendo confidências, nos enviando promessas e suspiros, e jurando amor eterno. Joguei fora a bebida verde que me foi servida, e perdoei o pai, que queria me matar por afeição à sua filha. Quantas vezes burlamos a vigilância do ancião para nos vermos a sós! Vitória confirmou o que eu suspeitava, e nossas conversas de amor não tiveram fim.

Já não me importava ter morrido para o mundo, nem meus estudos inúteis naquele lugar isolado, nem as angústias passadas. Amava e era amado, o que mais podia desejar? Sim, era amado como nunca fui por mortal algum, por uma mulher que não havia conhecido outro homem, nem nunca haveria de conversar com algum.

O ancião presumiu finalmente as nossas relações. Mostrou-se muito afetado no início, mas, por fim, nos perdoou.

— Tinha que ser assim — ele disse. — Em vão quis fazer da minha filha um homem sem coração. O amor germina em todas as almas e sob todos os climas, e a mulher é sempre mulher. Ame-a muito, Geraldo, e depois da minha morte, quando você não receber o meu conselho, considere-a igualmente como hoje.

Desde então, o pai de Vitória mudou completamente, e me tratou com o maior carinho. Com ele eu aprendi muito, tudo o que um homem pode estudar, exceto os meios de sair desta ilha. Nenhum barco nos levaria longe, e há tantas armadilhas neste lugar que certamente iríamos naufragar.

Não importa. O paraíso terrestre é aqui. Para nós não existe mundo além deste ninho, onde somos felizes porque nos amamos. Ele tem apenas um inconveniente: não somos imortais, e o fim do primeiro trará desespero aos outros.

Dedico este manuscrito aos meus pais. Vou encerrá-lo em uma garrafa, a única que temos. Por falta de um lacre a cobrirei com uma resina, que eu vi que pode substituir a vedação, e depois a jogarei no mar. Se Deus quiser que eles saibam que estou vivo e sou abençoado, Ele a fará chegar, mais cedo ou mais tarde, em suas mãos; senão, eles vão chorar minha perda para sempre, e suas orações aumentarão minha ventura. Não os esqueci. Vitória e eu amamos vocês e os abençoamos com todo nosso coração.

Depois dessas linhas, Geraldo Ávalos havia assinado o manuscrito, escrevendo em seguida o endereço da casa de sua família, onde, como dissemos no início, o pescador o havia levado.



# COSME E DAMIÃO

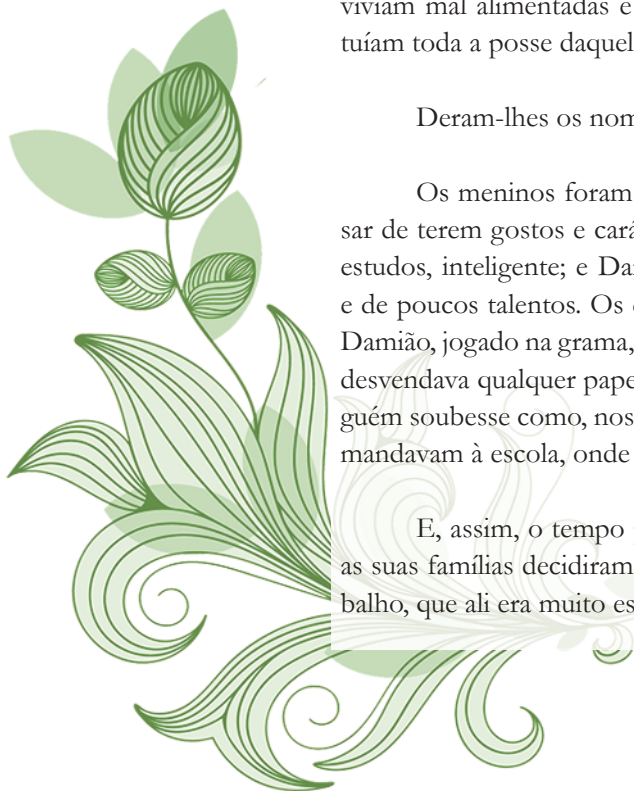
TRADUÇÃO DE JACQUELINE AUGUSTA LEITE DE LIMA

Ambos haviam nascido no mesmo dia, em um dos municípios mais pobres da Corunha. Os seus pais eram parentes distantes, e cada um já tinha, quando os meninos vieram ao mundo, seis crianças, que viviam mal alimentadas e quase desnudas junto às vacas, que constituíam toda a posse daquelas famílias.

Deram-lhes os nomes de Cosme e Damião.

Os meninos foram bons amigos desde os primeiros anos, apesar de terem gostos e caráter diferentes. Cosme era ativo, amante dos estudos, inteligente; e Damião, por outro lado, era preguiçoso, inábil e de poucos talentos. Os dois levavam as vacas para pastar; enquanto Damião, jogado na grama, procurava dormir ou não fazer nada, Cosme desvendava qualquer papel ou livro velho que conseguia sem que ninguém soubesse como, nos quais estudava sozinho, pois seus pais não o mandavam à escola, onde somente ia o irmão mais velho.

E, assim, o tempo passou para os dois rapazes, até que um dia as suas famílias decidiram que eles sairiam da cidade em busca de trabalho, que ali era muito escasso.



— E para onde iremos? — perguntou Damião.

— Para onde haja em que ganhar um pedaço de pão — lhe disse o pai.

— Iremos juntos? — interrogou Cosme.

— Como quiserem — responderam-lhes.

Os meninos se despediram das respectivas famílias e partiram sem levar nenhuma bagagem, além poucas roupas velhas, amarrada numa trouxa na ponta de um pau, algumas poucas moedas de baixo valor e um escapulário que lhes foi dado pela avó de Cosme.



Damião caminhava triste e silencioso, seu companheiro ia mais animado, contemplando, com prazer, a verde campina que cruzavam, o rio cristalino, ou o córrego onde atenuavam a sede, ou os altos campanários e as casinhas brancas dos vilarejos. Damião logo se cansava de andar, e tinham que parar com frequência, o que não era do agrado de Cosme, que desejava chegar a alguma cidade grande.

Comiam pouco e mal nas pousadas do mais pobre aspecto, dormiam debaixo das árvores ou em qualquer terreno abandonado. Apesar disso, seu modesto capital diminuía de tal maneira, porque as moedas que o constituíam eram de cobre, e poucos dias após saí-



rem de seu vilarejo, já não possuíam quase nada. Foram, por fim, admitidos como ceifadores; trabalharam com afinco para um lavrador muito rico de um lugar e, ao terminarem o trabalho, com o dinheiro que cobraram, puderam continuar a viagem.

— Mas aonde você quer ir, que nunca acabamos de andar? — perguntava Damião, que se encontrava rendido.

— Pois à capital — respondia Cosme. Tudo isso, com um acentuado sotaque galego, do qual eu dispensei os meus leitores, mas que eles manterão, se assim o desejarem.

Por fim, chegaram à cidade desejada: Damião, mais desanimado do que nunca; e Cosme, mais cheio de ilusões. Prontamente, os dois se tornaram vendedores de areia.

— Não passaremos daqui — dizia o primeiro —, não servimos para outra coisa. Você verá como, nesta vida, não teremos muito dinheiro

— Pois eu quero ser milionário — dizia o outro. — Não há nada no mundo que não se consiga com boa vontade e perseverança.

Durante a noite, Cosme continuava aprendendo o que podia, enquanto o amigo dormia, em uma obra em construção ou em alguma pousada, conforme tivessem dinheiro ou não. Ciente de que havia escolas gratuitas, para crianças pobres, o bom galego conseguiu ser admitido em uma, sem que Damião pudesse fazer o mesmo. Ao final de um ano, Cosme já lia e escrevia perfeitamente, por isso, foi recomendado por seu professor a um rico comerciante, que lhe recebeu de bom grado, fazendo com que trabalhasse em sua casa.

Damião seguia vendendo areia e depois se tornou vendedor de água, mas como era tão preguiçoso, dizia que o tonel pesava e não fazia nada bem em nenhum lugar.

Os dois galeguinhos deixaram de se ver definitivamente. Damião vivia muito mal, em um péssimo quarto que compartilhava com uma dúzia de companheiros. Cosme morava em uma casa grande, propriedade de seu patrão, e vivia com um luxo extraordinário. Damião tornou-se entregador e, em determinada ocasião, levou os móveis de Cosme, sem se atrever a se apresentar a ele, por temor de ser reconhecido.

Uma tarde, indo Damião por uma das principais ruas com uma mesa nas costas, topou com uma carruagem que lhe derrubou o móvel, felizmente sem causar danos. Ao virar-se encolerizado, viu que quem ocupava o veículo era um cavalheiro a quem a duras penas conseguiu reconhecer. Era Cosme, que havia herdado a imensa fortuna de seu patrão, morto havia poucos meses.

Viu o seu antigo companheiro, informou-se sobre o que fazia e, ao saber que era pobre e desgraçado, lhe lançou um saco cheio de prata, graças ao qual, Damião pôde viver algum tempo com mais descanso. Seguiram separados. Cosme foi eleito, primeiro, deputado e nomeado governador logo depois. Damião não passou de entregador.

Já fazia muitos anos que não viam nem a sua cidade, nem as suas famílias. Os dois tiveram, ao mesmo tempo, a ideia de voltar a contemplar a uma e abraçar a outra. Primeiro saiu Damião e, não sem trabalhar, conseguiu pagar um assento de terceira classe em um trem que devia deixá-lo a poucas léguas de sua terra.

Ao chegar à cidade, e depois de olhá-la com os olhos cheios de lágrimas, observou que estava enfeitada, coisa que lhe pareceu muitíssimo estranho, pois não era a festa do padroeiro, não estava nem sequer próxima. Haviam levantado artísticos arcos de ramos, em algumas janelas estendiam-se tapeçarias, e os músicos do local,

uma dúzia de jovens que Damião deixara muito pequenos esperavam na entrada do lugar, organizados para tocar ao sinal combinado.

Ainda que fosse de tarde e com o sol enviando os seus vivos raios à Terra, alguns rapazes preparavam-se para disparar fogos, ao mesmo tempo que começasse a música.

Por fim, chegou um homem, montado em um cavalo, exclamando:

— Aí vem! Aí vem!

Pouco depois se pôde ver um veículo aberto, no qual iam sentados um cavaleiro elegantemente vestido e, à sua esquerda, o prefeito daquela cidade.

— Viva o governador! — gritou a multidão que esperava ansiosa, próximo ao primeiro arco.

E aquele grito cessou, sendo rapidamente apagado pela música dos instrumentos que tocavam uma linda marchinha.

Foram lançados ao ar os primeiros fogos, seguidos de explosões ensurdecedoras. As mulheres atiraram flores à carruagem, e o governador, comovido, saudava à sua direita e à sua esquerda com afeto.

— Ora, se não é o Cosme! — exclamou Damião. — Não se acha pouca coisa, não! De carruagem e tudo, como se fosse um figurão!

Pouco depois, descobriu que o pobre galeguinho, que havia muitos anos saíra do lugar com ele, voltava sendo o governador do estado.

Foi apresentado a Cosme, que o recebeu com carinho, mas sem a familiaridade que Damião havia desejado.

— Você trabalha com quê? — perguntou o governador a seu antigo companheiro.

— Pois, nada — respondeu o outro —, não tive sorte. Já a Vossa Excelência...

E não pôde deixar de sorrir ao dar este tratamento àquele que foi seu amigo de infância.

— Penso em comprar aqui algumas terras, fazer uma granja... Se quiser...

— Ser seu administrador?

— Não, deixarei que cuide das vacas.

— Quem diria — exclamou Damião com amargura — que os dois galeguinhos que se lançaram para voar, um dia voltariam à sua terra com sortes tão diferentes!

— É que há muitas maneiras de voar — disse o governador. — O inseto voa e atém-se ao que há de mais imundo, já a águia, se eleva a grandes alturas. Você nunca quis ser nada, e conseguiu.

O povo seguia aclamando Cosme; Damião separou-se dele murmurando, enquanto se afastava:

— Ao que parece, me chamou de mosca.... Ah, se eu não precisasse dele!

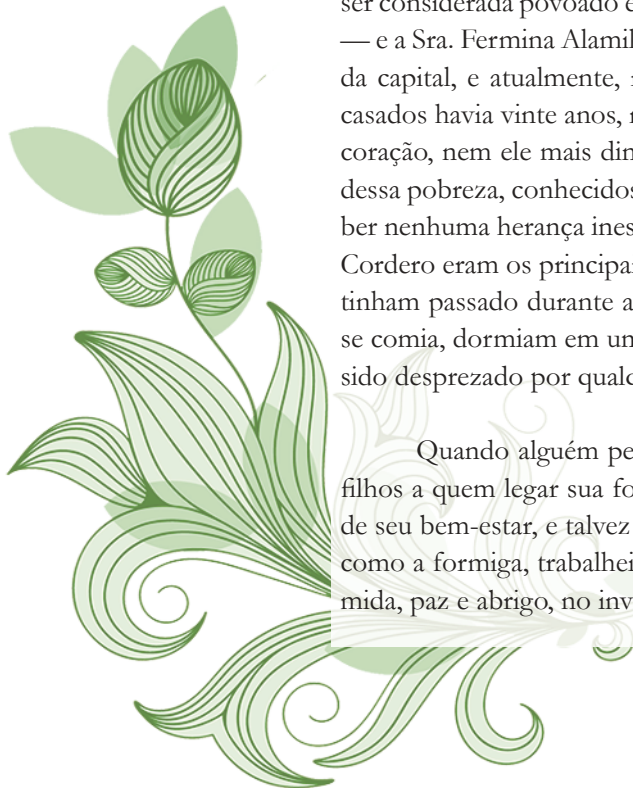
# A GOTA D'ÁGUA

TRADUÇÃO DE VIRGINIA CASTRO BOGGIO

## I

Nunca antes se viu casamento mais feliz que o do Dr. Juan de Dios Cordero — médico-cirurgião de uma cidade grande demais para ser considerada povoado e pequena demais para ser considerada cidade — e a Sra. Fermina Alamilhos, ex-professora de costura em uma escola da capital, e atualmente, rica proprietária e agricultora. Eles estavam casados havia vinte anos, não tendo ela outro dote que o seu excelente coração, nem ele mais dinheiro no bolso do que 60 reais. Mas, apesar dessa pobreza, conhecidos por sua honestidade proverbial, e sem receber nenhuma herança inesperada, após vinte e cinco anos, o Sr. e a Sra. Cordero eram os principais contribuintes do local. Mas quanta miséria tinham passado durante aqueles vinte e cinco anos! Naquela casa mal se comia, dormiam em uma cama humilde e seu móvel mais caro teria sido desprezado por qualquer camponês.

Quando alguém perguntava à Sra. Fermina por que, não tendo filhos a quem legar sua fortuna, economizara tanto dinheiro às custas de seu bem-estar, e talvez de sua saúde, a boa senhora respondia: “Fiz como a formiga, trabalhei durante o verão da minha vida, para ter comida, paz e abrigo, no inverno”.



“Fiz 50 anos, e se eu viver mais vinte ou trinta — o que é bem provável para alguém como eu, que só encontra em sua casa o que agradecer —, darei por bem utilizada a minha passada pobreza, que hoje me proporciona uma existência serena e abastada”.

Juan de Dios pensava igual à esposa. A ele coubera trabalhar como médico-cirurgião, e à esposa, administrar o dinheiro ganho naquele povoado, à força de suor e fadiga, pois nem todos os doentes pagavam. Alguns, por falta de recursos; e a maioria, porque morria. Este era o único peso que Juan de Dios trazia na sua consciência: muitos dos pacientes a quem ele havia dado um passaporte para o outro mundo não estavam condenados a morrer. Acostumado a curar sempre fazendo sangrias, tinha precipitado o fim de muitos infelizes. Apesar disso, contam que o honesto médico, um homem excelente, dormia como um abençoado, e que nenhuma das suas vítimas jamais lhe apareceu em sonhos.

Juan de Dios havia acabado de ir para a cama (deviam ser nove horas, de uma noite fria e chuvosa de março), quando bateram na porta. Marido e mulher assustaram-se. Houve uma pequena discussão sobre se deveriam atender ou não, e já era assunto resolvido que não atenderiam, pois essa era a opinião da esposa, quando a empregada entrou no quarto de seus senhores e disse:

— Senhor, chamam com urgência para atender uma doente.

— Ele não pode ir — gritou Fermina.

— Mulher, pelo amor de Deus — implorou o marido...

— Vai pegar um resfriado.

— E porque não quisesse me resfriar, aquela infeliz morreu?

— E se você pegar uma pneumonia e morrer?

— Irei bem agasalhado.

— Chega, eu não concordo.

— O que eu respondo ao criado da senhora baronesa? — perguntou a empregada.

— Ah! É para a senhora baronesa! — exclamou Fermina, abrindo com surpresa os olhos. — Isso é outra coisa.

Entre as fraquezas dessa mulher honesta, porque todos nós as temos, a principal era seu desejo de se relacionar com pessoas da classe alta. Fazia mais de um ano que a baronesa morava na cidade, com o marido e o filho, e Dona Fermina não tinha encontrado uma ocasião propícia para entrar em sua casa. Nunca se tinha visto uma família com saúde melhor. Finalmente, um membro dessa família pedia os cuidados científicos de Juan de Dios. Ele salvaria a paciente, e a amizade entre a ilustre senhora e a ex-professora seria um feito palpável e positivo.

— Diga ao criado da baronesa — ousou murmurar Juan de Dios — que não me sinto bem, e é impossível para mim ir.

— O que você está dizendo? — exclamou a esposa. — Você vai deixar essa senhora morrer?

— Para não pegar um resfriado, para não lhe dar um desgosto...

— Não, meu marido, você não vai pegar um resfriado. Coloque o casaco forrado de pele, o cachecol, o capote, o gorro sob o chapéu e vá de carruagem. A baronesa enviou a sua?

— Sim, senhora — respondeu a empregada.

— Juan de Dios, não pare, assim não ficará doente.

Dez minutos depois, o médico saía de casa. Dona Fermina, cheia de satisfação, não conseguiu dormir pelo resto da noite.

## II

Juan de Dios voltou às nove da manhã do dia seguinte. A esposa foi ao seu encontro com a agilidade de uma menina e, logo que viu o marido, perguntou:

— O que a baronesa queria? Recebeu bem você? Ofereceu-lhe a casa? Implorou que você fosse visitá-la ou disse que virá me ver primeiro? Você não vai responder?

— Quando você acabar de perguntar, Fermina.

— Bem, eu terminei.

— A baronesa estava doente e só me contou a respeito da sua doença. Ela não me perguntou sobre você.

— Que grosseria!



— A baronesa, duas horas depois da minha chegada, deu à luz uma menina robusta, que foi recebida com verdadeira alegria, porque, você sabe, a baronesa tinha apenas um filho, e ela queria muito uma filha.

— E então, o que você fez?

— Já ia deixar em paz a ilustre senhora, dispunha-me a sair da casa dela e a voltar para a minha, quando uma mulher malvestida me chamou. “O senhor é o médico?”, perguntou-me, e ao ouvir minha resposta afirmativa, acrescentou: “O senhor pode atender uma vizinha minha?” Como me recusar a fazê-lo? Subi até a um humilde sótão, e encontrei uma jovem infeliz que estava na mesma situação que a baronesa. Comparei o que acabava de deixar com o que estava vendo: no palácio, móveis luxuosos, ricas tapeçarias, luzes, espelhos, trajes suntuosos, marido amoroso, amigos solícitos, criados ansiosos pela feliz notícia... No sótão, paredes nuas, vigas carcomidas, um estrado, farrapos, solidão, tristeza.

Aquela infeliz acabava de ficar viúva; o marido não tinha deixado recursos de nenhum gênero, e ela estava morrendo de fome e miséria. Deu à luz outra menina, magra e que parecia não ter mais do que um sopro de vida. Mas talvez não morra: nem para deixar cedo este mundo, nasceu com sorte. Perdoe, Fermina, se eu dei, sem a sua permissão, uma moeda de prata para essa mulher.

— Que vá trabalhar.

— Seu estado não lhe permite: logo poderá trabalhar.

— Quase todas as que estão no último grau de miséria têm culpa pelo que estão passando.

— Ela me pediu ajuda e proteção.

— Eu também era pobre, trabalhei e agora desfruto de um merecido bem-estar. Que ela faça o mesmo, e não será miserável.

Fermina estava de mau humor porque a baronesa não havia perguntado a seu respeito, e por isso falava assim. Em outras situações, seu coração era dulcíssimo e no dia seguinte ela ordenou ao marido que enviasse roupas, caldo e outras coisas para a pobre viúva.

### III

Ela não era tão digna de compaixão como era de se supor. Um evento inesperado veio tirá-la daquela situação angustiante. A ama de leite, arranjada pela baronesa para criar a filha teve de voltar para sua aldeia, um mês após o nascimento da pequena Camila, e Juan de Dios, não encontrando nenhuma outra em tempo hábil, recomendou a mulher do sótão, que havia se recuperado completamente, graças aos cuidados da Sra. Fermina, para substituir a nutriz anterior. A jovem foi aceita com a condição de encontrar alguém para cuidar da sua própria filha.

Foi assim que a pobre Benigna, miserável em tudo, não desfrutou nem mesmo nos primeiros meses da sua vida das carícias da mãe. Ela foi confiada a uma vizinha, que a criou juntamente com um filho seu, e somente quando a menina começou a andar sozinha e a dar menos trabalho, a ama de leite de Camila foi autorizada a levar Benigna com ela.

Camila era muito bonita. Benigna feia, meio raquítica, tendo como única beleza os cabelos castanhos e os olhos grandes e azuis, os quais já refletiam a bondade

e o candor de sua alma. Quando Camila deixou de depender de uma ama de leite, Fermina e Juan de Dios quiseram tirar a viúva da baronesa e pô-la a seu serviço. Ela não consentiu, e foi talvez dessa recusa que nasceram todas as desgraças na vida da sua filha. Pois se o médico e a esposa tivessem adotado a menina, teriam lhe deixado a fortuna em seu testamento, tal como fizeram, mais tarde, com uma órfã que eles acolheram. Mas a mãe de Benigna estava deslumbrada com o brilho de um título e não se dispôs a abandonar a baronesa.

A senhora Fermina nunca realizou seu sonho dourado de ser amiga, nem mesmo conhecida, da ilustre dama.

#### IV

As meninas já tinham seis anos quando a ama de leite morreu. Benigna, que a amava ternamente, sentiu um imenso vazio à sua volta. Mas na infância se esquece facilmente das coisas, e ela logo voltou a brincar com Camila.



Uma tarde, a filha da bela dama e a órfã, ambas sentadas no tapete, vestiam e penteavam uma boneca grande, enquanto a baronesa, não muito longe delas, conversava com vários de seus amigos. Seus olhos se fixaram nas duas garotas, que não perceberam que estavam sendo observadas.

— Mas quem diria — exclamou rindo e comparando a figura esbelta e engraçada de sua filha com o corpo defeituoso e o rosto feio de Benigna — que essas duas criaturas nasceram no mesmo dia? Vejam só: Camila é muito mais alta.

— Ah! Camila é adorável — disse um admirador da mãe.

— E como você permite que sua menina, tão bem educada, passe tanto tempo ao lado daquela fedelha? — perguntou outro.

— É sua irmã de leite. Camila tem algum carinho por ela, porque sem dúvida nunca a contradiz, e eu tenho pena de tirá-la da minha casa.

— Ela não tem pais?

— A mãe, a única pessoa que lhe restava no mundo, morreu no verão passado.

Ninguém observava mais as meninas, até Camila ficar chateada porque Benigna, distraidamente, deixara cair a boneca. Sua pequena mão bateu repetidamente no rosto de sua companheira de brincadeiras, que se afastou chorando.

A baronesa pegou Camila nos braços e, para acalmá-la, prometeu-lhe comprar novos brinquedos. Benigna foi para o seu quarto e, depois de enxugar as lágrimas, consolou-se pela ingratidão de sua jovem ama olhando a coleção de bonecas quebradas que ela lhe dera e organizando-as na parede para que ficassem de pé. Lá ela começou a imitar as conversas que ouvia dos senhores e dos criados, fazendo-se representar por uma boneca de rosto gracioso que estava longe de se parecer com ela.

## V

Os anos se passaram e Camila foi levada para uma escola; o irmão dela começara antes sua educação. Benigna não aprendeu nada. Na casa da baronesa, ela era vestida e alimentada da mesma maneira que alimentavam e cuidavam dos cachorros preferidos dos senhores, dispensando-lhes somente os cuidados básicos da vida.

Benigna mudou pouco; quando chegou à adolescência, não tinha sequer a beleza típica dos quinze anos. Em seu rosto faltavam atrativos, o corpo não tinha a esbelteza da juventude, a estatura era pequena, havia apenas em seus grandes olhos azuis uma expressão melancólica e doce, que poderia impressionar alguns corações, se alguém se dignasse a olhá-los. Mas Benigna não era olhada nem pelos criados da baronesa.

Quando completou quinze anos, Camila foi tirada da escola. Ela era uma moça bem educada, porém fria, egoísta e orgulhosa. Benigna tinha muito carinho por ela; então, quando a viu, esquecendo a diferença de classes, foi abraçar sua irmã de leite, que a rejeitou com aspereza. Benigna afastou-se dela com o coração partido.

O filho do barão tinha dezenove anos: ele também voltou para a casa paterna depois de ter estudado e viajado. Não era tão vaidoso quanto a irmã, mas seu caráter era bem parecido com o dela. Benigna os via como dois ídolos, a quem adorava de longe, sem que os ídolos se dignassem a lhe conceder a mínima atenção.

Uma noite, passava da uma, a pobre menina estava acordada em seu quarto, quando ouviu passos furtivos no corredor. Saiu assustada e viu o jovem dirigindo-se a um aposento não longe do de sua mãe.

— Benigna — disse ele recuando, quando a viu — perdi no jogo e preciso de dinheiro. Onde meus pais guardam o deles? Você deve saber.

— Não sei, senhor, e mesmo que soubesse, calaria.

— Você é uma imbecil, mas não me importo se você não falar. Eu vou descobrir.

E ele seguiu seu caminho, apesar dos apelos da jovem.

Na manhã seguinte, a baronesa notou a falta de uma quantidade grande de dinheiro. Os criados disseram que ouviram Benigna à noite com um homem. Ela não negou que a essa hora estava acordada, mas não revelou, por carinho ao jovem, o que ele havia dito, e ele, em seu egoísmo, também o ocultou. O barão e sua esposa não denunciaram à polícia e trancaram a menina em seu quarto até descobrirem a quem tinha dado o dinheiro.

Benigna sempre teve uma saúde delicada. Ser tratada com tanta maldade causou-lhe uma impressão muito dolorosa e ficou gravemente doente. Juan de Dios, aquele que cuidara da mãe, quando do nascimento da menina, foi chamado para atender a moça em suas últimas horas.

Certa tarde de maio, Camila foi enviada por sua mãe para saber sobre o estado de Benigna.

— Não tem muitas horas de vida — respondeu o médico.

A jovem levantou os olhos, pousando-os de um modo estranho na irmã de leite.

— Dr. Juan — disse, apontando para Camila. — Se nós nascemos juntas, por que ela viveu cercada de luxo e dos prazeres da vida e eu não tive família nem lar?

— Bem-aventurados os que choram, minha filha —, disse Juan de Dios.

— Por que ela nasceu bonita, por que ela vive feliz, por que não lhe são feitas injustas acusações?

— Só o Senhor sabe. Pense que há outra vida, de alegrias e recompensas, esperando os que sofrem neste mundo.

— Quem vai se lembrar de mim depois que eu morrer?

Benigna sentou-se no leito. Seu quarto, localizado no térreo, tinha vista para o jardim. De sua cama se viam árvores, flores e uma fonte. Tinha chovido e nas folhas das tílias brilhavam algumas gotas de água. A menina viu cair duas delas: uma foi se perder na fonte, agitando levemente sua superfície, a outra caiu no chão e não deixou nenhum vestígio na areia.

— É assim que somos — murmurou Benigna. — Camila, a gota d'água que enriquece a fonte, eu, a que a terra absorve, sem deixar vestígios nem memória. Talvez seja melhor assim. Ninguém notará minha falta no mundo, e meus pais estarão esperando por mim no céu. Quando ela morrer, sua família não terá consolo. Pobres gotas d'água!

Também eu nunca antes as havia notado, e talvez hoje vocês desçam das nuvens para chorar meu fim prematuro. Vocês caem sobre a terra como eu: quantas umedecerão a que cobrirá meu túmulo!

E Benigna falou mais, mas pouco a pouco suas ideias foram ficando menos lúcidas, e em seu delírio contou, sem perceber, como acontecera o roubo e o nome do autor. Os pais se horrorizaram ao saber disso. O filho declarou que era verdade, e a baronesa e o marido pediram a Juan de Dios para não falar nada.

— Que os criados não suspeitem do comportamento de meu filho — murmurou a mãe. — Que importa que acusem Benigna pelo roubo? O que aquela garota tinha a perder? Nem nome, nem família, nem lar...

Eles não respeitaram sequer a sua memória; pobre gota d'água!



# O AERONAUTA

TRADUÇÃO DE MARTINA M. KOSTOLOWICZ

## I

— Sabe do ocorrido, Micaela?

— Como é que vou saber? Acabei de sair de casa, Cláudio, e você é a primeira alma que encontro!

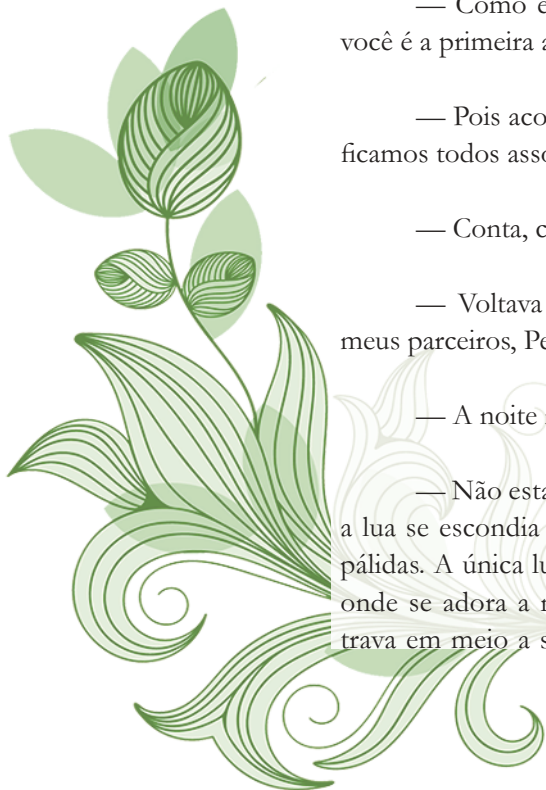
— Pois aconteceu a coisa mais incrível que já se passou na vila; ficamos todos assombrados, e não é para menos!

— Conta, conta!

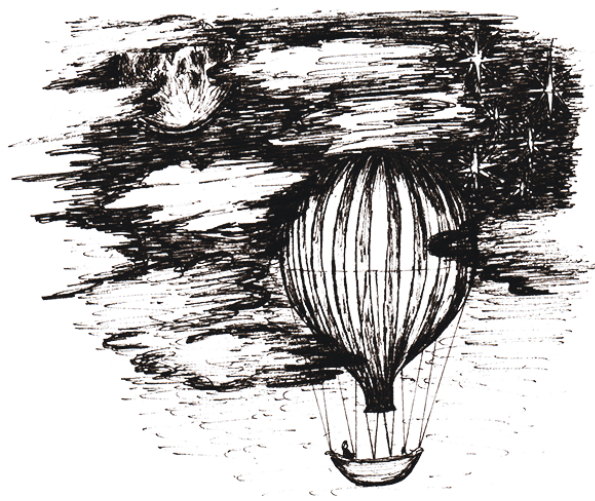
— Voltava da pesca ontem à noite, como de costume, com meus parceiros, Pedro e Sebastián.

— A noite não estava nada calma.

— Não estava mesmo; o vento assoviava, o mar estava agitado, a lua se escondia por alguns instantes, as estrelas pareciam tristes e pálidas. A única luz que se via era a da torre de Santa Maria, a igreja onde se adora a nossa bendita padroeira; o resto da vila se encontrava em meio a sombras. De repente vimos chegar pelos ares uma



embarcação desconhecida, um barco pequeno, com uma vela escura enorme, e tão inchada, que parecia ser redonda, e que veio a se chocar contra o penhasco. O único tripulante do barco deu um grito de horror e, ao ver o perigo que corria, se atirou no mar, num ponto onde meus colegas e eu não conseguiríamos o socorrer. Aquele barco peculiar se desfez em pedaços e, logo desapareceu sob as águas. O homem estava ferido, com as roupas em farrapos, cabeça descoberta, as mãos ensanguentadas, o rosto deformado. Quem era aquele ser que navegava pelos ares como nós navegamos pelo mar? Pedro e eu observávamos o homem com receio e temor e, talvez não o tivéssemos salvado, se Sebastián não fizesse questão disso. Como o tempo estava cada vez mais nublado, sentimos a brisa silenciosa e solitária àquelas horas. Pedro não quis se encarregar do ferido, para não elevar seus gastos, já que era tão pobre e miserável; Sebastián alegou o mesmo, por ter mulher e filhos e, sendo sua casa pequena, não podia levá-lo para lá. Eu... Não sei o que disse, mas a verdade é que não me agradava a companhia daquele homem inusitado. Nós três o conduzimos ao sítio do Dr. Remígio Rey, o senhor mais rico e mais caridoso



da nossa vila. Você sabe que ele entende alguma coisa de medicina e, como este lugar tem o mesmo médico que outros três ou quatro, não recebemos diariamente a visita do doutor, sendo Dr. Remígio quem nos atende, quando aparece uma enfermidade repentina. Chamamos, e um criado nos abriu a porta.

— O que houve? —  
perguntou.

— Trazemos um enfermo.

— Meu senhor descansa.

— Chama-o, por caridade — disse Sebastián —, se esperarmos até amanhã, pode ser tarde demais.

Ele não parecia muito disposto a nos ajudar, e certamente nos teria expulsado se o dono da casa, que já tinha se vestido rapidamente, não tivesse chegado ali, para ver o que estava acontecendo. Ele nos fez entrar e, depois que lhe contamos o ocorrido, nos dispensou ficando com aquela figura misteriosa.

— E o que mais? — perguntou Micaela ao ver que Cláudio se continha.

— Ao raiar do dia — prosseguiu o pescador —, voltei à casa do Dr. Remígio, e lá me disseram que o ferido está bastante doente, que tem febre alta e que temem que lhe dê um derrame cerebral; que as poucas palavras que pronunciou são de um idioma que não é latim, já que o padre não o entendeu, nem francês, que o Dr. Remígio fala fluentemente. Que língua será essa?

— Por quê?

— Não percebe, Micaela, que esse homem navegava pelos céus, entre as estrelas, que caiu em nosso mundo vindo de outro, e que lá não se fala espanhol, nem francês, nem latim?

— Ai, que medo! E você o viu hoje?

— Me fizeram passar pelo quarto dele.

— E como ele é?

— Parece alto, e digo “parece” porque o vi deitado. É loiro, com barba cerrada e bigode fino, parece ter uns vinte e cinco anos, tem belas feições, seus olhos — que abriu por um instante — são grandes e azuis escuros, é branco pálido, mas isso talvez seja efeito do seu quadro de saúde. A sua roupa, mesmo que rasgada, não poderia ser melhor e de bom corte, como se chegasse de uma capital ou coisa assim. É um bom moço.

— Mas veio de outro mundo...

— Disso todos suspeitam.

— A notícia já se espalhou tanto assim?

— Ainda não.

— Pois então vou correr pra contar. Tchau, Cláudio.

— Até logo, Micaela.

## II

Dr. Remígio Rey, a figura mais notável daquele lugar — seu protetor, seu médico, seu amo —, era um homem de uns cinquenta anos, ágil, forte, de trato afável e bondoso, a providência dos pobres. Casou-se em uma capital, onde viveu por um tempo, com uma senhora virtuosa, com quem teve dois filhos, Maria e Santiago. Ambos receberam educação esmerada e, possivelmente, sonharam em viver na capital um dia, mas seus pais, sem levar em conta as suas aspirações e gostos, os enclau-

suraram naquele pobre lugar, em que a triste moça não tinha maiores distrações do que passear na orla do oceano, decifrar alguma música ou ler um pouco; nem tinha o rapaz maior atrativo que a casa. A extraordinária chegada daquele viajante deveria necessariamente acabar com a monotonia da sua vida.

A Sra. Rey, sendo uma mulher com experiência de vida, proibiu Maria de entrar no quarto, onde com sono bastante agitado, descansava o desconhecido. Mas não fez o mesmo com Santiago, que passava longos momentos contemplando o belo e pálido rosto daquele homem descido dos céus, segundo a crença popular. Era assim que o jovem, um ano mais novo do que a irmã, narrava até o mais insignificante movimento do enfermo, os suspiros que escapavam de seu peito, as palavras incompreensíveis que saíam de seus lábios, e Maria ardia em desejos de vê-lo, mesmo que só por um instante.

Dois dias após a sua chegada, tendo saído Dr. Remígio e estando dona Mercedes encarregada de seus afazeres domésticos, Santiago chamou a irmã, que bordava uma toalhinha perto da janela de onde podia avistar o mar.

— Venha ver o forasteiro — disse o jovem.

— Não — respondeu ela —, nossos pais vão ralar comigo.

— E por acaso alguém vai ficar sabendo?

— Não importa, disseram-me para não ir e devo obedecer.

— Verifiquei sua roupa e não há nenhum papel nela, só um pano marcado com um “W”. É fino, assim como o tecido de todas as peças de roupa que vestia o pobre viajante.

— Abriu os olhos?

— Às vezes, mas não fixa o olhar em nada.

— Voltou a falar?

— Pede algo, mas não entendo.

— Deram-lhe comida?

— Nenhuma.

— E água?

— Também não.

— Talvez o coitado tenha sede. Viu se os lábios dele estão secos?

— Não, você entende disso melhor do que eu.

— Sim... Mas não devo ir.

A jovem ficou em silêncio, e após um instante, perguntou:

— Onde está a nossa mãe?

— Está dando comida às pombas.

— Faz muito tempo que ela saiu para ir ao pombal?

— Uns dez minutos, mais ou menos.

— Costuma levar meia hora nisso, ainda restam vinte... Santiago, leva-me para ver o ferido.

Uma vez tomada essa decisão, os dois irmãos se dirigiram rapidamente ao quarto onde se encontrava o viajante deitado em uma cama humilde. Tinha um belo semblante, uma palidez melancólica, as mãos brancas agarravam o lençol com uma força convulsiva. No que Maria se aproximou, ao ouvir sua voz doce que lhe perguntava — ora em espanhol, ora em francês — o que desejava, abriu os olhos fixando-os nas feições puras da moça, e logo olhou para um copo que haviam colocado a certa distância do seu leito. Maria aproximou o copo aos lábios do enfermo, que bebeu com avidez, e pronunciou uma palavra só que não se parecia em nada com nenhum daqueles dois idiomas.

— Você é italiano? — perguntou a jovem.

Ele fez um sinal negativo.

— Alemão?

Ela recebeu a mesma resposta.

— Inglês?

Respondeu, então, afirmativamente, acrescentando frases que os dois irmãos não entenderam.

— Então não veio do céu — murmurou Santiago.

— Você chegou a acreditar nisso? — disse Maria.

— Por que não, se todos da vila disseram isso com certeza?

— Porque são uns ignorantes.

Ele não conseguia dizer de onde vinha, não os compreendia, assim como os dois irmãos também não o entendiam. Apesar de seus vastos conhecimentos, havia se negado a aprender qualquer outro idioma além do da sua pátria, não presumindo que algum dia poderia ser necessário. Perguntou a eles em inglês:

— Onde estou? Que terra é esta? Onde me encontraram e por que me socorreram? Eu estava sozinho? E, nesse caso, o que houve com o meu parceiro de expedição? Quem recolheu o meu balão, que perdido pelos ares, vagava pelo espaço já há alguns dias, sem que pudéssemos adivinhar onde cairíamos? De quê serviram meus estudos, se virei marionete dos meus sonhos, de minhas esperanças e de minha ambição?

E Maria, entretanto, lhe falava em espanhol, em voz alta e marcando muito as frases para ver se conseguia fazer-se entender melhor:

— Você tem família? Diga, se for o caso, para avisarmos que se salvou da morte por milagre. De onde você é? Quer comer alguma coisa? Beber mais? Meu pai é bastante hábil e vai lhe curar; pedirei isso a Deus e à Virgem Maria, e a minha mãe também pedirá, ela é excelente, apesar de fingir ser severa com o meu irmão e comigo, para nos educar bem. Quando você se levantar iremos visitar o vilarejo. É pequeno, mas não é feio, nem poderia ser. Um lugar com casinhas brancas como as pombas, sombreadas montanhas, mar agitado, céu azul e frondosos bosques. De longe, parece uma grande joia com pérolas, safiras e esmeraldas.



— Mas uma joia que você não gosta — interrompeu Santiago.

— Aí é que você se engana. Hoje em dia me parece mais bonita.

— Que diferente é o seu idioma do meu! — exclamou o enfermo, que não havia compreendido nada, nem podia se fazer entender. — Que lugar é este? Nem o meu infeliz amigo nem eu sabíamos onde iríamos parar. Não tínhamos mais mantimentos, a válvula estava inutilizável, há dias nos encontrávamos em iminente perigo. Estudar já não nos seduzia mais, a fome e a sede nos aniquilavam. Como através de um véu, vejo o pobre Jorge se despedindo de mim e se perdendo no espaço. Por que abandonou o balão? Foi por acreditar estar se salvando ou para me salvar? Tudo me diz que o coitado está morto. Moça de olhos escuros, diga-me o nome da sua pátria, para que eu saiba ao menos onde estou, e quantas léguas me separam da minha terra amada onde nasci, da minha boa mãe e das minhas jovens irmãs. Elas não têm os cabelos escuros como os teus, os olhos brilhantes e a pele morena; elas são brancas como a neve, ruivas como este raio de sol que penetra pela janela, e seus olhos são azuis como este céu que se demarca aqui, e que me prova que me encontro em um país meridional. São jovens como você, minha angelical Kathleen e minha doce Matilde, estarão pensando, chorando e rezando por mim, e... Talvez não voltarei a vê-las.

— O tempo passa voando, cavalheiro, minha mãe vai chegar, preciso ir.

— A fortuna, dez anos da minha vida, daria qualquer coisa por tê-las mais uma vez em meus braços.

— Está cuidando das pombas, pelas quais tem muitíssima afeição, mas não demorará a voltar, e se me achasse aqui...

— Não me entende?

— Quer alguma coisa?

— Aprenda a minha língua, por Deus!

— Voltarei amanhã, cavalheiro.

### III

Assim fez Maria. Quando seus pais se ausentavam, ela ia visitar o ferido, acompanhada de Santiago, que observava com grande curiosidade o estrangeiro. Este se recompunha lentamente, pois seu espírito sofria mais que seu corpo. O infeliz não tinha roupas nem dinheiro, e se via obrigado a aceitar tudo do Dr. Remígio. Várias vezes tinha começado a escrever, mas o cansaço acabava com ele antes que ele acabasse a carta. Tentou enviar um telegrama, mas não o entenderam nem havia uma estação telegráfica naquele lugar. O desespero do jovem não tinha limites, e só conseguia se acalmar na presença de Maria, que adivinhava alguns dos seus desejos, realizando-os no mesmo instante. Ela ensinava um pouco de espanhol a ele, nomeando os objetos que estavam à vista, ele repetia as palavras e as conservava na memória, mas não conseguia sustentar uma conversa com a jovem. Disto resultou que os temores da Sra. Rey se realizaram, sua filha se apaixonou pelo forasteiro, sentindo por ele uma paixão pura e veemente, e a desgraça foi maior do que a sábia mãe poderia ter suspeitado, sendo que o inglês, único que podia distrair a moça, não correspondeu àquele sentimento amoroso com mais do que uma sincera amizade, estando decidido a partir, quando pudesse para voltar à sua hospitaleira terra. Seu estado físico melhorou, ao fim, mas seu estado de espírito custou ao médico sérios cuidados. Aquele enfermo, que não podia dizer o que sentia, que tinha grande pesar por não regressar ao seu país, que não sabia de sua família; aquele amante da ciência, que precisou abandonar tantas coisas, que pensava em seu companheiro de viagem e que julgava-o estar morto, estava eternamente triste e lhe parecia que aquele sol, sempre radiante, e aquele céu aberto azul, insultavam a sua pena.

Numa manhã, conseguiu, por fim, escrever uma longa carta. Colocou-a no envelope, e depois de fechá-lo, deu a Santiago, que prontamente, entregou-a a Maria. Estava destinada a uma senhora chamada Joanne Smith e seria enviada a Londres. A moça ordenou que seu irmão levasse aquela carta ao correio e colocasse um selo, tentando, assim, disfarçar a sua desolação, porque não duvidava que ao receber aquele aviso, a mãe do viajante, em seguida, o faria retornar para junto de si. A pobre jovem chorou muito e ainda tinha os olhos avermelhados quando entrou no quarto do convalescente. Ele a olhou assombrado, perguntou, meio em inglês e meio em espanhol, a causa de suas lágrimas, e Maria, sem responder, inclinou a cabeça. De certo adivinhou, então, o amor da moça, porque não a interrogou mais, mostrando-se mais retraído com ela, desde então.

Os dias foram passando, devagar, para o viajante, rápido para a jovem.

Uma tarde em que ele se encontrava sentado próximo à janela, contemplando o mar, escutou, subitamente, o alegre tilintar dos sinos de duas mulas e o som de uma carruagem. Era o que levava os passageiros da cidade mais próxima até aquele vilarejo.

Atrás da carruagem, que enfim apareceu próximo à casa, corriam algumas crianças do povoado, gritando e rindo porque do lado de dentro iam três senhoras com sobretudos e chapéus grandes, cabelos bem ruivos e cacheados, olhos azuis, sem expressão, e bochechas vermelhas, da mãe, e rosadas, das filhas.

Ao vê-las descer, quando a carruagem parou, o inglês deu um grito de alegria, correu para alcançar as viajantes, e depois de fazê-las entrar e de fechar a porta, para extravasar a sua alegria longe de testemunhas inoportunas, abraçou-as com carinho.

— Mãe, Kathleen, Matilde! Como estou feliz em poder abraçá-las de novo!

— Walter, querido! — exclamaram elas, cobrindo-o de mimos e carícias.

Maria e Santiago chegaram naquele instante, e o jovem os apresentou à sua família.

Olhando, primeiro com curiosidade, depois com interesse, a Sra. Smith, por fim, estendeu a mão aos amigos do filho, e as duas irmãs deram um beijo na moça.

Almoçaram com os senhores Rey, conversando sem se entenderem.

À noite a Sra. Smith quis saldar as contas com Dr. Remígio, entregando-lhe uma grande soma, que o caridoso cavalheiro recusou com dignidade.

— Dê isso aos pobres — murmurou —; eu, graças a Deus, não necessito.

Maria estava cada vez mais triste; compreendia que o momento da separação se aproximava.

De fato, na manhã seguinte a Sra. Smith e seus filhos deviam dirigir-se à cidade vizinha, para de lá partirem para a Inglaterra.

As três damas repetiram suas palavras de reconhecimento aos senhores Rey e aos jovens, e subiram na carruagem que as tinha trazido na véspera. Walter, por sua vez, se despediu de Dr. Remígio, de sua esposa e de Santiago. Ao aproximar-se de Maria, apertou, entre suas mãos quentes, as mãos frias e trêmulas da moça, dizendo a ela:

— O meu primeiro cuidado, ao chegar a Londres, será procurar um professor que me ensine o seu idioma; quero lhe escrever e entender o que você me escrever. Jamais esquecerei o seu afeto e o seu terno interesse por mim. Em lugar algum,

teriam me tratado tão bem como aqui. Você me contará o que faz, seus amores, os detalhes das suas bodas, quando se casar, falará de sua nova família, da sua felicidade — que desejo mais ardentemente do que a minha. Eu? Que lhe direi? Das minhas viagens, meus estudos, minha glória, caso a alcance...

— Você subirá no balão de novo? — perguntou Maria.

— Por que não? Quando chegar ao meu país, talvez. Sentirei saudades — e por que negar? —, em minhas viagens aéreas, do fiel amigo que me acompanhava, cujo corpo destroçado foi encontrado, ao pé de uma montanha, conforme minha mãe me disse. Mas há tantos amantes da ciência! Outro virá comigo e o substituirá em tudo, menos em meu afeto pelo meu inesquecível Jorge. Adeus Maria, lembre-se de mim.

O jovem subiu no coche muito comovido, sem que a moça, que não podia conter suas lágrimas, lhe dirigisse sequer uma palavra a mais.

#### IV

O tempo passou lentamente para os filhos do Dr. Remígio Rey. Já não lhes agradava a sua tranquila existência, e o vilarejo já era insuportável para eles. Tristes e pensativos passeavam pela orla, desejando uma mudança completa em suas vidas. Algumas vezes falavam do inglês, daquele Walter Smith que se apresentou diante deles como uma aparição, da qual não souberam mais nada. Embora supusessem que poderia já ter aprendido de sobra o espanhol, teria ele esquecido sua promessa? Era mais que provável.

Os pais de Maria tinham arranjado o casamento da jovem com um parente distante da Dona Mercedes, um que fixou domicílio no vilarejo, com o único objetivo de relacionar-se com a jovem e amá-la. Santiago também aconselhava sua irmã para que se casasse.

— Qual o seu futuro? — lhe perguntava —, nossos pais estão ficando velhos e a ânsia deles é arrumar um marido para você, pois eu não lhe sou um grande apoio. Algum dia poderei também ter uma família e, então, apesar de meu carinho nunca te faltar, ficará muito sozinha.

— Não amo José — respondia Maria.

— Ama outro?

— Ninguém.

— Eu gostaria que tomasse como esposo um homem como Walter Smith, mas ele não ter retomado contato conosco é prova de que seu afeto não durou mais do que a breve temporada que estive ao nosso lado, e não devemos mais pensar nele.

Maria suspirava quando seu irmão pronunciava essas palavras e não respondia. Por fim, muito tempo depois da partida do aeronauta, a jovem recebeu uma carta datada em Londres, escrita num espanhol bastante correto, dizendo mais ou menos assim:

“Se você, minha amiga Maria, tivesse continuado sendo minha professora, há muitos meses eu já estaria falando o seu idioma perfeitamente, mas tive o azar de não encontrar um bom instrutor até há pouco tempo, e essa foi a causa do meu inconcebível e prolongado silêncio.

Por que lhe escrever se você não iria me compreender?

Certamente terá me julgado como ingrato, mas os céus sabem que não sou. Recordo-me sempre, com um prazer melancólico, dos dias que passei com você e os

dias em que você me aparecia como um arco-íris depois de uma tempestade. Terrível era a que assolava minha alma, e se não enlouqueci, devo isso somente a você.

Depois que voltei da Espanha, fiz uma viagem, mais por lazer do que por estudos. Não aconteceu nada digno de se mencionar, não tive perigos nem emoções nem qualquer descoberta notável. Vi, de uma imensa altura, do cesto do meu balão — que é novo, e batizei-o com o seu nome —, montanhas que não são da sua vila, e mares cujas ondas jamais sussurraram em seu berço. Não desejei descer sobre eles nem quis adicionar um capítulo à novela iniciada nesse rincão da terra, e que não acabará nunca.

Você e eu nascemos com asas, mas cortaram as suas, desde que veio ao mundo, e jamais cruzará os céus. Eu, em contrapartida, só vivo feliz lá em cima, e meus amores e amizades não se encontram aqui embaixo, devo amar como se ama no céu.

Você se casará algum dia com um ser que, mesmo que não a compreenda, irá admirá-la. Não criarei uma família, porque morrerei de um modo infeliz e não envolverei ninguém na minha desgraça. Estou plenamente convencido disso e, no entanto, não desisto das minhas viagens aéreas; e em breve, muito breve, começarei outra, a última talvez.

Quem sabe se, quando essa carta chegar às suas mãos, eu já não existirei?

Conheço o seu generoso coração e sei que derramará algumas lágrimas por mim. E, no entanto, eu não queria que chorasse por mim. Seus olhos são tão belos quanto tranquilos, e não deve encobri-los nem sob a menor sombra.

Por certo, você observará em minha carta um tom de melancolia que não me é permitido descartar. Minha alma está um pouco enferma e não sei o que poderá curá-la.

Talvez seja pela inatividade forçada em que vivi durante tanto tempo, por isso quero estender de novo as minhas asas e voar longe, muito longe.

Adeus, Maria. Desejo que você não me esqueça, que me dedique uma lembrança, como a um irmão querido, em troca do afeto fraternal que me inspira. Nasci num país onde a amizade não se finge nem se vende. Ao dizer-lhe que conta com a minha amizade é como se lhe assegurasse que não há, na Terra, perigo nem desgraça que eu não enfrente por você.

Seu afetuosíssimo,

Walter Smith”.

A pobre moça chorou muito ao ler essas linhas. Rezou muito para que Deus livrasse, de todo perigo, o destemido aeronauta. Mas os dias daquele estrangeiro, a quem amava ardentemente, estavam contados, e Maria não teve mais notícias dele.

## V

Passadas apenas duas semanas, Dr. Remígio Rey recebeu um jornal da capital, estando ele, com toda a família, na espaçosa sala de jantar da casa.

Lia em voz baixa, aumentando somente quando algum parágrafo chamava sua atenção e o considerava ser de interesse de sua mulher e filhos. Já havia lido muitos trechos, indiferentes para Maria, quando o benfeitor daquela vila exclamou:

— Pobre jovem! Como lamento tê-lo conhecido!

— Quem? — perguntou Dona Mercedes.



— Aquele inglês que se hospedou em nossa casa há muito tempo, quando estava ferido e desesperado, a ponto de morrer.

— O que aconteceu com ele? — perguntou Santiago, que nunca se esquecia de Walter.

— Ouça — continuou Dr. Remígio. E leu o seguinte:

“Os jornais ingleses informam sobre a última subida do célebre e ilustre aeronauta, Sr. Smith, em seu balão Maria.

Sabe-se que este nobre jovem, não há muito tempo, caiu no mar depois de uma perigosa viagem, devendo sua salvação a humildes pescadores de uma das mais pobres vilas da nossa Espanha, de acordo com a imprensa de Londres.

Sr. Smith teve menos sorte desta vez: após alguns dias de riscos incessantes, o aeronauta e dois amigos que o acompanhavam na subida chocaram-se contra algumas pedras, e o balão se esfaqueou ao cair, com vertiginosa rapidez, lançando-os para fora.

Como nenhum dos viajantes sobreviveu à catástrofe, não se sabe nada dos detalhes da expedição.

Os corpos dos três tinham muitas feridas e contusões.

Os cadáveres foram entregues às respectivas famílias, tendo assistido ao enterro uma multidão que foi prestar o último tributo ou carinho, admiração e respeito aos distintos aeronautas que, no auge da sua juventude, dedicaram a vida ao estudo e à ciência.

Sr. Smith amava muito a Espanha e falava nosso idioma, publicou alguns artigos sobre nosso país, pelos quais sabemos que havia caído uma vez numa certa vila.”

— O que houve, Maria? Está passando mal? — perguntou Dona Mercedes.

De fato, a pobre moça, que tanto havia amado Walter, desde que o viu, ao escutar o seu trágico fim, desmaiou.

Chorou muito por seu amigo, e a lembrança dele nunca se apagou de sua mente. Todos os dias, ela lia a única carta que recebeu do inglês, assim lhe parecia que ele falava com ela, que o via, que o escutava, que jamais haveria de se separar dele.

O tempo aliviou a sua dor, mas nada mais.

Dois anos depois, consentiu casar-se com seu primo, um homem vulgar e um tanto grosseiro, que não a fez feliz. A vida da jovem seguiu triste e solitária. Foi fiel a seu esposo, entretanto, se ele tivesse mais coração e mais inteligência, teria compreendido que em sua alma só reinava a imagem de um morto.

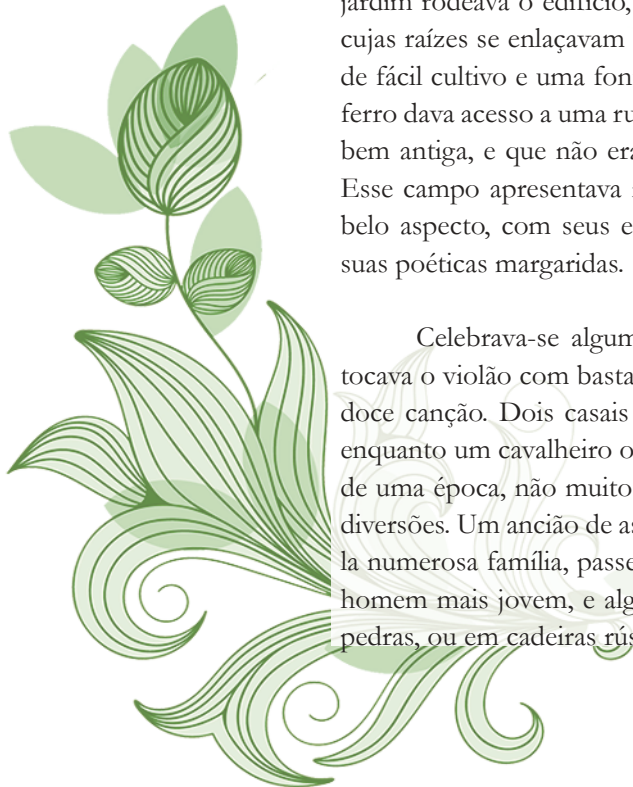
Frequentemente se sentava olhando o mar e contemplava as nuvens, já pardas, já avermelhadas, estremeçando-se, quando um pássaro cruzava o céu, pois, ao se parecer com um ponto preto no horizonte, uma lembrança assaltava sua mente. Maria esperava sempre algo que havia descido do céu uma vez, acreditando que ainda podia descer de novo.

## A FUGA

TRADUÇÃO DE ANDRÉ LUIZ COHN DA SILVEIRA

A casa era espaçosa, com a fachada pintada de azul, composta por três pisos. Tinha duas portas e muitas janelas, algumas com grades. Uma torre com uma cruz indicava onde estava a capela. Um extenso jardim rodeava o edifício, não muito bem cuidado, com árvores altas, cujas raízes se enlaçavam formando caprichosos arcos, algumas flores de fácil cultivo e uma fonte com uma estátua mutilada. Uma porta de ferro dava acesso a uma rua de aparência comum, outra porta pequena, bem antiga, e que não era aberta quase nunca, dava para um campo. Esse campo apresentava naquela estação, no meio da primavera, um belo aspecto, com seus espinhos verdes, suas papoulas iluminadas e suas poéticas margaridas.

Celebrava-se alguma festa naquela morada? Um jovem poeta tocava o violão com bastante graça e, de vez em quando, entoava uma doce canção. Dois casais alegres dançavam ao compasso da música, enquanto um cavalheiro os contemplava sorrindo, como se recordasse de uma época, não muito distante, em que havia se entregado a essas diversões. Um ancião de aspecto venerável, sem dúvida, o chefe daquela numerosa família, passeava melancolicamente na companhia de um homem mais jovem, e alguns outros estavam sentados em bancos de pedras, ou em cadeiras rústicas, conversando animadamente.



Longe dos ruídos, sozinha, triste, contemplando as flores de um roseiral, via-se uma jovem de incomparável beleza, vestida de branco. A sua imobilidade era tal, que de longe parecia uma estátua de mármore. Tinha cabelos loiros, olhos negros, era branca, pálida, com traços perfeitos, mãos delicadas, pés de menina.

Estava contando suas tristezas às rosas? Vivia tão isolada que não havia ninguém a quem pudesse contar a causa de suas dores?

Por mais de um quarto de hora, permaneceu no mesmo lugar e na mesma postura, até que os seus devaneios foram interrompidos pela aproximação cuidadosa de um belo jovem.



— Está sozinha? — ele perguntou, em voz baixa.

A mulher se estremeceu ao ouvir aquelas palavras e não respondeu.

— Tem medo de que seu pai nos ouça? — ele prosseguiu. — Não tema, está distante, muito distante, passeando com Raimundo, seu amigo e confidente. Pobre de minha Aurora! Quanto sofremos por ele! Hoje, burlando sua vigilância, vim até aqui, porque preciso falar com você. Insiste na ideia de se casar com outro, porque não sou rico o bastante para me unir a ti? Esta é uma decisão irrevogável?

— Esse não é meu propósito agora — respondeu a jovem, com tom apaixonado. — Vendo que não posso amar ninguém, além de você, não me obriga que me case com outro, quer que eu seja freira.

— E você será?

— Nunca. A vida do convento me espanta, porque em minhas orações mesclaria, sem cessar, tua recordação com as de Deus.

— E como seria de outra maneira? Você não cresceu perto de mim? Não brincamos juntos, em nossa infância?

— Desde os cinco anos de idade te amo com tudo o que meu coração pode amar.

— Lembra daquele dia em que fomos à feira de Santa Marta, e que você me comprou a primeira boneca? E tempos depois, daquele dia em que você me deu o primeiro buquê de flores? E depois, àquele dia em que você me escreveu a primeira carta de amor?

— Sim — murmurou ele —, e da primeira valsa que dançamos, e da primeira flor que você me deu, e que já murchou, guardo com um de seus cachos, na caixa das minhas recordações, e dos anéis que trocamos. Não usa o seu?

A jovem inclinou a cabeça sobre o peito, e respondeu.

— Olhe o meu — continuou a apaixonada donzela —, nunca se afastará de mim. Mas eu entendo, seu pai não teria permitido que você usasse o anel, e o tiraria de você...

— Silêncio, Salvador — interrompeu Aurora —, alguém se aproxima.

Separaram-se rapidamente, ele se escondeu, e a jovem continuou a fitar o roseiral.

O ancião de cabelos brancos se aproximou, dirigiu a ela algumas carinhosas palavras e logo continuou seu caminho.

— Ele parece tão bom, e me ama tanto! — bradou Aurora. — Por que eu nasci tão infeliz?

Cinco minutos depois, Salvador se encontrava ao lado dela de novo.

— Esta vida que levamos não é suportável — murmurou o jovem —; vigiados todas as horas pelo seu tirano, há anos apenas podemos trocar algumas palavras, e chegará o dia em que não nos veremos nem um segundo. Quer fugir comigo?

— Não me atrevo.

— Eu abrirei essa porta que dá ao campo, será fácil para mim; saímos, levarei você em um cavalo. Partiremos para a cidade mais próxima, de lá à Itália, à Suíça; faremos com que seu pai perca nosso rastro, viveremos felizes em uma casinha humilde, mas poética, que se embelezará com a sua presença. Não lhe convém?

— Vão nos encontrar.

— Não tema. A ocasião que se apresenta agora é melhor do que nunca; daqui vejo seu pai conversando com seu primo, que está tocando para que dancem esses

felizes casais, não se ocupa de ti, muito menos de mim, a quem crê estar ausente; venha, minha amada.

E ao dizer isso, arrastava a Aurora até o outro lado do jardim, onde estava a porta pequena.

Ela duvidava e hesitava ainda. De repente, ouviram gritos sufocados do outro lado do parque, ou na rua, talvez, e isso foi motivo para que todos voltassem sua atenção àquele acidente, sem se ocuparem de Salvador e de sua companheira.

— Quando encontraremos ocasião mais propícia? — ele continuou.

E procurou persuadi-la. Ela não contestava mais, e deixava que ele a guiasse.

A porta estava sem a chave, mas a madeira era velha. Salvador era forte e vigoroso e, depois de um tempo de tentativas infrutíferas, ele finalmente conseguiu abri-la.

— Livres! — gritou o jovem — Livres e para sempre.

Ela dirigiu um último olhar ao jardim e seguiu de boa vontade o amante. Caminharam por mais de duas horas sem trocar mais do que algumas palavras. Ela se sentiu cansada, por fim, e quis descansar.

Sentaram-se no campo, perto de um riacho, em cujas margens havia um pastor, quase uma criança, comendo, com excelente apetite, um pedaço de pão que ele que cortava com uma faca.

Suas cabras andavam entre a grama verde, sem que ele as perdesse de vista.

— Que feliz você é, garoto! — exclamou Salvador. — Você se contenta em viver ao ar livre, tendo uma refeição miserável, e em uma eterna solidão. Você não lê nunca?

— Não sei ler — respondeu o garoto.

— Não conversas nunca?

— Sim, senhor, com minhas cabras. Coloco nomes nelas, pelos quais atendem; as acaricio, e noto que me agradecem, enquanto os homens me batem ou riem de mim.

— Você não tem pais?

— Não, senhor; não os conheci.

— Nem amigos?

— Quem há de querer ser amigo de um miserável como eu?

— Nem amores?

Um sorriso estúpido se desenhcou nos lábios do pastor, que disse:

— Agrada-me Aninha, a pastora.

— E você já disse a ela?

— Sim.

— E ela, o que lhe respondeu?



— Que sou um animal.

— Quer dizer, que o despreza?

— Meu mestre garante que é muito difícil saber o que uma mulher sente e o que ela pensa, e que, às vezes, aqueles que parecem amar menos querem mais. Como não podemos ver o que acontece em seu coração!

— É verdade, garoto; nunca disse uma coisa mais certa.

Enquanto Salvador e o pastorzinho conversavam, Aurora, rendida pelo canso daquela extensa caminhada, e talvez, também, por suas emoções, adormeceu. Sua linda e atraente cabeça descansava sobre um de seus braços, e parecia estar tão tranqüila quanto se estivesse deitada em uma cama macia.

Algumas nuvens marrons nublavam o limpo azul do céu, rajadas frescas de ar substituíram o calor sufocante daquele dia, que mais parecia verão do que primavera.

Suspiros contínuos escaparam do peito de Salvador, um pouco agitado pela estranheza da situação em que ele se encontrava. Para onde ele levaria aquela mulher? Ele teria alguma familiaridade com aquelas redondezas em que os dois poderiam passar a noite? São esses mistérios que em breve esclareceremos.

A voz do pastor tirou o jovem de seu devaneio.

— Todas as minhas cabras são dóceis, menos uma — disse. — Olhe aquela, sempre busca uma ocasião para escapar. O dia em que eu menos esperar me dará um desgosto. Ei! Ousada, Ousada!

Mas, a chamada Ousada, que era escura como a noite, longe de atender a voz do menino, se movia com certa velocidade até outro rebanho, muito distante.

Então, o pastor deixou o resto de seu pão e sua faca no chão, e pôs-se a correr, lançando-se em busca da fugitiva.

— Se eu pudesse ver o que acontece no coração de Aurora! — exclamou Salvador, lembrando as palavras do menino... — E, no entanto, nada mais fácil: ela dorme, e posso descobrir se é a minha imagem que reina em seu coração.

Ele pegou a faca, encostou a orelha no peito da jovem, e ali, onde ouviu suas batidas rítmicas, cravou a lâmina estreita e afiada. Ela não fez o menor movimento, seus lábios mantiveram seu sorriso, seu rosto, sua expressão serena.

— Não tem nada além de sangue — murmurou —, não havia mais nada em seu coração. Que pena! Eu pensei que ela me amava!

Contemplando a jovem, ele não viu o pastor chegando, acompanhado pelo ancião cavalheiro, àquele que caminhava com ele, e mais dois outros homens.

— Finalmente os encontramos! — exclamou aquele a quem Salvador chamava de pai da Aurora. — Eu os vejo.

— E você disse que são duas pessoas loucas, que escaparam da casa onde, por ordem de suas famílias, as mantinham com outros enfermos de mesma classe? — perguntou o pastor, com uma voz trêmula.

— Sim, enquanto acudíamos outro louco que estava em um acesso fúria, eles fugiram, sem dúvida. Eu nunca quis que eles se vissem ou conversassem, porque

sofriam do mesmo mal, eram dois loucos de amor; eu temia sérias conseqüências, se eles se encontrassem em algum momento.

— Felizmente chegamos a tempo — disse um dos funcionários —, olhe eles ali, doutor, parecem calmos.

Antes de se aproximarem do louco, viram o terrível desenlace daquele drama.

— O que você fez, Aurélio? — perguntou o ancião, aproximando-se do suposto Salvador, o nome do amante da jovem.

— Ver o coração de Aurora — respondeu impassível —, mas seu amor era um sonho, não encontrei minha imagem nele.

— Desgraçado, você assassinou essa jovem! Pobre Clotilde!

— Seu nome é Aurora e era minha amada, que você, seu infame pai, me recusou em casamento porque eu não era rico.

E ele quis avançar em cima dele, mas os dois criados o impediram.

— Segure-o — disse o companheiro do velho, que era um médico mais jovem.

Eles levaram o louco à força, enquanto os dois sábios transportavam o corpo inanimado da garota.

O pastor olhou para os dois grupos, com seu olhar ignaro, e ouviu a estranha ordem que o velho deu aos outros:

— A morta, à capela; o vivo, à prisão.



## TRADUTORAS, TRADUTORES E ARTISTA VISUAL

**André Luiz Cohn da Silveira** é psicólogo e professor. Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2015). Licenciado em Psicologia pela mesma Instituição (2017). Especialista em Gineterapia - cuidado da mulher, pelo Instituto Tecnológico e Educacional (2018). Mestrando no programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: de.csilveira@gmail.com.

**Andréa Cesco** é professora associado da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras, e professora permanente do programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET). Atuou como professora visitante na Universidade de Vigo, Espanha (2020.1), com bolsa PRINT-CAPES/UFSC, e fez parte do pós-doutorado, na mesma universidade, e na UFPA (2010.2). Tem Doutorado em Literatura (2007) e Licenciatura em Letras - Português/Espanhol (2001), ambos pela Universidade Federal de Santa Catarina. Realizou estágio do doutorado na Universitat de Barcelona (UB) em 2005/2006. Faz parte do PROCAD/CAPES-Amazônia/PGET/UFSC (2018-2022), Pós-graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia da UFPA e a Pós-graduação em Ciências Humanas, da Universidade do Estado do Amazonas. Coordena, na UFSC, o Núcleo Quevedo de Estudos Literários e Traduções do Século de Ouro desde 2010 e é líder do



grupo de pesquisa no CNPq Estudos Literários e Traduções do Século de Ouro.  
E-mail: andrea@gmail.com.

**Jacqueline Augusta Leite de Lima** é tradutora, intérprete, pesquisadora e professora. Formada em licenciatura de língua espanhola pela Universidade Federal do Pará (2017). Atualmente, mestranda e bolsista CAPES no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisa nas áreas de literatura latino-ameríndia, literatura pós-colonial, estudos da memória e estudos feministas da tradução. E-mail: jacqueline93lima@gmail.com.

**Mariana Martínez Stasi** é licenciada em Letras Espanhol pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestre em Literatura (2018) pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura (UFSC) e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (UFSC). E-mail: martinezstasi@gmail.com.

**Marlova Aseff** é doutora em Literatura e em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou estágio do doutorado na Universitat de Barcelona (UB) em 2005/2006. Traduz profissionalmente no par ES-PT. Atualmente, é bolsista Capes do Programa Nacional de Pós Doutorado (PNPD) no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: marlova.aseff@gmail.com.

**Martina M. Kostolowicz** é tradutora, intérprete e instrutora de inglês e espanhol, colaboradora do projeto de tradução literária de espanhol “Novelas Cortas – Julia de Asensi” do Programa de Pós-Graduação de Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, discente de especialização em Tradução de Inglês (Estácio), especialista em Relações Internacionais e Diplomacia (UNISINOS), bacharel em Administração (UNICRUZ). E-mail: martina\_mk@hotmail.com.

**Murilo Lima Munhoz** é mestre em Estudos da Tradução pela Universidade de Santa Catarina (2019) e doutorando em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: murilolimamunhoz@gmail.com.

**Virginia Castro Boggio** é licenciada em Letras Espanhol pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestra em Estudos da Tradução (2019) pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (UFSC) e doutoranda no mesmo Programa. E-mail: virgiboggio@gmail.com.

**Elys Regina Zils** (*artista visual*) é também tradutora e professora. Possui graduação em Letras-Língua Espanhola e Literaturas (2013) e atualmente cursa Letras-Português também pela Universidade Federal de Santa Catarina/Florianópolis. É mestre em Estudos da Tradução (2015) pela PGET/Universidade Federal de Santa Catarina. Apesar de valorizar todas as concepções estéticas, o Surrealismo é o movimento que mais lhe seduz e esse interesse influenciou em sua dissertação de mestrado e em várias de suas produções artísticas. Desde 2016 vem se dedicando ao seu projeto “Ser Vitae”, inaugurado em mostra individual em Timbó/SC, com desenhos que exploram a relação do humano com o natural.







A obra *Histórias Curtas*, da escritora espanhola Julia de Asensi (século XIX), é composta por treze contos: A casa onde morreu, A Véspera de Natal, Dois vizinhos, A vocação, A Valsa de Fausto, Drama no vilarejo, A borboleta, Irmã Maria, Vitória, Cosme e Damião, A gota d'água, O aeronauta, e A fuga. "A maioria dos contos manifesta uma aura romântica tardia, na qual o amor, a perda ou a loucura fazem parte do inquietante destino dos protagonistas. [...] A obra de Julia de Asensi está experimentando, nos últimos anos, um interesse crescente, como mostram as reedições e as traduções de seus contos infantis e, inclusive, de seus relatos para o público adulto. Felizmente, hoje existe a determinação e a sensibilidade de resgatar inúmeras escritoras injustamente sepultadas no esquecimento do tempo, das críticas e do preconceito de sua época." (Isabel Parreño Pena)

